

GRITO DE GUERRA DA MÃE- TIGRE

COM
POSFÁCIO
ATUALIZADO

Esta é a história de uma mãe, suas duas filhas e suas duas cadelas.

Era para ser uma história de como os pais chineses são educadores mais competentes que os pais ocidentais.

Em vez disso, narra um amargo choque entre culturas, um sabor fugaz de glória e a forma como fui humilhada por uma menina de treze anos.

AMY CHUA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Grito de guerra *da Mãe-Tigre*

AMY CHUA

Tradução de Adalgisa Campos da Silva



Copyright © Amy Chua, 2011

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução do todo ou de parte.

TÍTULO ORIGINAL

Battle Hymn of the Tiger Mother

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Barach Photography: Imagem 1

© Susan Bradley Photography: Imagem 2

Peter Z. Mahakian: Imagem 3, imagem 4

Todas as outras fotografias fazem parte do acervo da família

PREPARAÇÃO

Angela Vasconcelos

Ana Kronemberger

REVISÃO

Maíra Alves

Rodrigo Rosa

REVISÃO DE EPUB

Luiz Ramalho

GERAÇÃO DE EPUB

Geográfica

E-ISBN

978-85-8057-135-6

Edição digital: 2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Para Sophia e Louisa
e para Katrin

Sumário

Parte I

1. A mãe chinesa
2. Sophia
3. Louisa
4. Os Chua
5. Sobre a decadência das gerações
6. O círculo virtuoso
7. Sorte de Tigre
8. O instrumento de Lulu
9. O violino

10. Marcas de dentes e bolhas

11. "O burrinho branco"

12. A cadência

Parte II

13. Coco

14. Londres, Atenas, Barcelona, Bombaim

15. Popo

16. O cartão de aniversário

17. A caravana para Chautauqua

18. A piscina natural

19. Como chegar ao Carnegie Hall

20. Como chegar ao Carnegie Hall, parte 2

21. A estreia e o teste

22. Explosão em Budapeste

Parte III

23. Pushkin

24. Revolta

25. Escuridão

26. Revolta, parte 2

27. Katrin

28. O saco de arroz

29. Desespero

30. A “Melodia hebraica”

31. A Praça Vermelha

32. O símbolo

33. A ocidentalização

34. O final

Posfácio

Coda

Agradecimentos

Notas

Esta é a história de uma mãe, duas filhas e dois cachorros. É também sobre Mozart, Mendelssohn, piano e violino, e como conseguimos chegar ao Carnegie Hall.

Era para ser uma história de como os pais chineses são melhores educadores que os ocidentais.

Em vez disso, é sobre um amargo choque de culturas, um fugaz sabor de glória, e sobre como fui humilhada por uma meninda de treze anos.

Parte I

O Tigre, símbolo vivo da força e do poder,
em geral inspira medo e respeito.

I

A mãe chinesa

Muita gente se pergunta como os pais chineses em geral criam filhos tão bem-sucedidos. Querem saber o que eles fazem para produzir tantos gênios em matemática e prodígios em música, como é a vida numa família chinesa, e se questionam se seriam capazes de fazer o mesmo. Bem, eu posso contar, porque eu fiz. Eis algumas coisas que minhas filhas, Sophia e Louisa, nunca tiveram permissão de fazer:

- dormir na casa de amiguinhas
- aceitar convites para brincar com amiguinhos
- participar de peças encenadas na escola
- reclamar por não participar de peças encenadas na escola
- ver televisão ou brincar com jogos no computador
- escolher suas atividades extracurriculares
- tirar qualquer nota abaixo de A
- não ser a primeira da classe em todas as matérias, exceto educação física e teatro
- tocar qualquer instrumento senão piano ou violino
- não tocar piano ou violino

Estou usando o termo “mãe chinesa” em sentido amplo. Conheci recentemente um ocidental super bem-sucedido de Dakota do Sul (você já o viu na televisão), e, após compararmos anotações, concluímos que o pai dele, um integrante da classe operária, definitivamente fora uma mãe chinesa. Conheço alguns pais coreanos, indianos, jamaicanos, irlandeses e ganenses que também se enquadram nessa categoria. Por outro lado, conheço mães de ascendência chinesa, quase sempre nascidas no Ocidente, que *não* são mães chinesas, seja por opção ou não.

Também estou usando o termo “pais ocidentais” em sentido amplo. Há pais ocidentais de todos os tipos. Na verdade, digo que o estilo de criar os filhos varia muito mais entre os ocidentais do que entre os chineses. Alguns pais ocidentais são rígidos; outros, negligentes. Há pais do mesmo sexo, pais judeus ortodoxos, pais solteiros, pais ex-hippies, pais banqueiros de investimentos e pais militares. Esses pais “ocidentais” não necessariamente compartilham as mesmas ideias, portanto, quando uso o termo “pais ocidentais”, obviamente não me refiro a todos os pais ocidentais — assim como o termo “mãe chinesa” não se refere a todas as mães chinesas.

Contudo, mesmo quando os pais ocidentais se julgam rígidos, normalmente estão longe de ser mães chinesas. Por exemplo, meus amigos ocidentais que se consideram rígidos fazem os filhos tocar seus instrumentos meia hora por dia. Uma no máximo. Para uma mãe chinesa, a primeira hora é a parte fácil. É na segunda e na terceira que fica difícil.

Apesar de nossos escrúpulos em relação a estereótipos culturais, há toneladas de estudos por aí que mostram diferenças consideráveis e quantificáveis entre chineses e ocidentais no que se refere à criação dos filhos. Numa pesquisa feita com 50 mães americanas ocidentais e 48 mães imigrantes chinesas, quase 70% das ocidentais diziam que “ênfatar o êxito acadêmico não faz bem à criança”, ou que “os pais precisam alimentar a ideia de que aprender é divertido”. Por outro lado, aproximadamente 0% das mães chinesas tinha a mesma visão. A maioria delas dizia achar que seus filhos poderiam ser “os melhores” alunos; que o “êxito acadêmico reflete o sucesso da educação recebida em casa”; e que, se as crianças não se

destacavam na escola, é porque havia um “problema”, e os pais “não estavam fazendo o que deviam”. Outras pesquisas indicam que os pais chineses passam dez vezes mais tempo que os ocidentais por dia realizando atividades escolares com os filhos. Por outro lado, as crianças ocidentais são mais propensas a participar de equipes de esporte.

Isso leva ao meu argumento final. Pode-se pensar que os pais esportistas americanos sejam semelhantes às mães chinesas. Porém, isso está errado. Ao contrário da mãe ocidental típica, que passa o dia carregando os filhos para cumprir uma agenda abarrotada de atividades esportivas, a mãe chinesa acredita que (1) os deveres escolares são sempre prioritários; (2) um A-menos é uma nota ruim; (3) seus filhos devem estar dois anos à frente dos colegas de turma em matemática; (4) os filhos jamais devem ser elogiados em público; (5) se seu filho algum dia discordar de um professor ou treinador, sempre tome o partido do professor ou do treinador; (6) as únicas atividades que seus filhos deveriam ter permissão para praticar são aquelas em que puderem ganhar uma medalha; e (7) essa medalha deve ser de ouro.

2

Sophia



Sophia

Sophia é minha primogênita. Meu marido, Jed, é judeu, e eu sou chinesa, o que inclui nossas filhas sino-judaico-americanas num grupo étnico que pode parecer exótico, mas na verdade é maioria em alguns círculos, em especial nas cidades universitárias.

O nome de Sophia significa “sabedoria”, assim como Si Hui, o nome chinês que minha mãe lhe deu. Desde que nasceu, Sophia demonstrou um temperamento racional e um poder de concentração excepcional. Herdou essas qualidades do pai. Quando era bebê, logo Sophia dormia a noite inteira e só chorava se houvesse algum motivo. Eu estava lutando para escrever um artigo sobre Direito, na época — estava de licença no escritório de advocacia em Wall Street e desesperada para arrumar um emprego no magistério para não ter de voltar ao antigo trabalho —, e, aos dois

meses, Sophia entendeu isso. Calma e contemplativa, basicamente dormia, comia e assistia ao bloqueio criativo que vivi até ela completar um ano.

Sophia foi precoce do ponto de vista intelectual e, aos dezoito meses, sabia o alfabeto. Nosso pediatra negou que isso fosse neurologicamente possível, insistindo que ela só estava imitando os sons. Para provar sua hipótese, sacou um quadro grande e complicado, com o alfabeto disfarçado em formas de cobras e unicórnios. O médico olhou para o quadro, depois para Sophia, e de novo para o quadro. Astutamente, apontou para um sapo de camisola e boina.

— Q — disse Sophia.

O médico resmungou.

— Nada de ajuda — disse-me ele.

Fiquei aliviada quando chegamos à última letra: uma hidra cheia de línguas vermelhas se agitando para todo lado, que Sophia identificou corretamente como *I*.

Sophia era brilhante na pré-escola, particularmente em matemática. Enquanto as outras crianças estavam aprendendo a contar de um a dez pelo criativo método americano — com varas, contas e cones —, eu ensinava a ela soma, subtração, multiplicação, divisão, frações e decimais pelo método decoreba chinês. A parte difícil era mostrar a resposta certa usando as varas, as contas e os cones.

O acordo que Jed e eu fizemos quando nos casamos era que nossos filhos falariam mandarim e teriam uma educação judaica. (Tive uma formação católica, mas foi fácil abrir mão disso. O catolicismo quase não tinha raízes na minha família, mas falei sobre isso adiante.) Considerando o passado, esse foi um acordo estranho, porque não falo mandarim — meu dialeto materno é chinês *hokkien* — e Jed não é nada religioso. Mas o arranjo de alguma forma deu certo. Contratei uma babá chinesa para falar mandarim constantemente com Sophia, e celebramos nosso primeiro Chanucá quando ela tinha oito meses.

Com o passar do tempo, Sophia parecia adquirir o melhor das duas culturas. Era perspicaz e questionadora, pelo lado judeu. De mim, do lado chinês, herdou habilidades — muitas. Não me refiro a habilidades inatas ou algo parecido, mas àquelas aprendidas segundo o método chinês diligente, disciplinado, que desenvolve

a confiança. Aos três anos, Sophia lia Sartre, conhecia teoria de conjuntos simples e sabia escrever cem caracteres chineses. (Tradução de Jed: ela reconhecia as palavras “Sem saída”, conseguia desenhar dois círculos superpostos e, tudo bem, talvez os caracteres chineses.)

Observando os pais americanos tecerem elogios rasgados aos filhos pelas tarefas mais simples — desenhar um garrancho ou agitar um bastão —, percebi que os pais chineses superam seus equivalentes ocidentais em dois aspectos: (1) têm sonhos mais altos para seus filhos; e (2) têm mais consideração pelos filhos porque sabem o quanto eles podem aguentar.

Eu também queria, óbvio, que Sophia tirasse proveito dos melhores aspectos da sociedade americana. Não queria que se tornasse um daqueles autômatos asiáticos estranhos que, de tão pressionados pelos pais, acabam se suicidando após tirar o segundo lugar num concurso público federal. Eu queria que ela recebesse uma educação completa e tivesse hobbies e atividades. Não apenas qualquer atividade, como “artes”, que não leva a lugar nenhum — ou, pior, que se dedicasse a tocar bateria, que podem levar às drogas —, mas um hobby que fosse significativo e muito difícil, em que ela pudesse se aprofundar e se tornar uma virtuose.

E foi aí que entrou o piano.

Em 1996, quando tinha três anos, Sophia ganhou duas coisas novas: a primeira aula de piano e uma irmãzinha.

3

Louisa



Louisa

Há uma música country que diz: “She’s a wild one with an angel’s face”, ela é uma fera com cara de anjo. Essa é minha caçula, Lulu. Quando penso nela, penso em tentar domar um cavalo selvagem. Ainda no útero, ela chutava com tanta força que deixava marcas visíveis em minha barriga. O nome verdadeiro de Lulu é Louisa, que significa “guerreira famosa”. Não sei ao certo como adivinhamos isso tão cedo.

O nome chinês de Lulu é Si Shan, que significa “coral” e sugere uma ideia de iguaria. Também é adequado para Lulu. Desde o dia em que nasceu, Lulu tinha um paladar apurado. Não gostava do leite em pó com que eu a alimentava e ficou tão indignada com a alternativa do leite de soja sugerida por nosso pediatra que fez

greve de fome. Mas, ao contrário de Mahatma Gandhi, que era altruísta e meditativo enquanto se recusava a comer, Lulu tinha cólicas e passava a noite inteira gritando e apertando as mãos com violência. Jed e eu já estávamos usando protetores de ouvido e arrancando os cabelos quando felizmente nossa babá chinesa, Grace, veio nos socorrer. Preparou um tofu na brasa com um molho leve de abalone e shiitake com uma guarnição de coentro, de que Lulu acabou gostando bastante.

É difícil encontrar palavras para descrever minha relação com Lulu. “Guerra nuclear total” não dá conta de tudo. A ironia é que ela e eu temos uma personalidade muito parecida. Ela herdou meu temperamento explosivo, minha língua viperina, minha propensão a perdoar depressa.

Falando em personalidades, não acredito em astrologia — e acho que quem acredita tem problemas sérios —, mas o zodíaco chinês descreve Sophia e Lulu *com perfeição*. Sophia nasceu no Ano do Macaco, e as pessoas de Macaco são curiosas, intelectuais e “em geral capazes de realizar qualquer tarefa dada. Apreciam trabalhos difíceis ou instigantes, pois isso as estimula”. Por outro lado, as pessoas nascidas no Ano do Javali são “teimosas” e “obstinadas”, e muitas vezes se “enfurecem”, embora “nunca guardem rancor”, sendo fundamentalmente honestas e carinhosas. É Lulu sem tirar nem pôr.

Nasci no Ano do Tigre. Não quero me gabar nem nada, mas as pessoas de Tigre são nobres, destemidas, poderosas, autoritárias e magnéticas. Supostamente também têm sorte. Beethoven e Sun Yat-sen eram de Tigre.

Tive meu primeiro confronto com Lulu quando ela estava com uns três anos. Era uma tarde gelada de inverno em New Haven, Connecticut, um dos dias mais frios do ano. Jed estava no trabalho — ele era professor da Faculdade de Direito de Yale — e Sophia estava no jardim de infância. Decidi que seria o momento perfeito para iniciar Lulu no piano. Entusiasmada com a perspectiva de trabalharmos juntas — com seus cachos castanhos, olhos redondos e cara de boneca de porcelana, à primeira vista Lulu era uma fofura —, coloquei-a no banco do piano, em cima de almofadas confortáveis. Então mostrei como tocar uma nota com um só dedo, com a mesma intensidade, três vezes, e pedi-lhe que fizesse o mesmo. Um pedido

insignificante, mas Lulu se recusou a fazer, preferindo em vez disso bater em muitas teclas de uma só vez com as duas mãos espalmadas. Quando eu lhe pedia que parasse, ela batia mais depressa e com mais força. Quando tentei tirá-la do piano, ela começou a gritar, chorar e espernear furiosamente.

Quinze minutos depois, ela continuava aos berros, chorando e esperneando, e eu perdi a paciência. Esquivando-me de seus golpes, arrastei aquele demônio aos berros para a varanda dos fundos e abri a porta.

Com o vento, a sensação térmica era de seis graus negativos, e meu rosto doía após alguns segundos de exposição ao ar gelado. Mas eu estava determinada a criar uma criança chinesa obediente — no Ocidente, a obediência é associada a cães e ao sistema de castas, mas, na cultura chinesa, está entre as virtudes mais elevadas — nem que isso me matasse.

— Você não pode ficar dentro de casa se não escutar a mamãe — disse eu, severa. — Agora, está pronta para ser uma boa menina? Ou quer ir lá para fora?

Lulu foi lá para fora. Encarou-me, desafiadora.

Um pavor surdo começou a tomar conta de mim. Lulu só vestia um suéter, uma saia rodada e meia-calça. Havia parado de chorar. Na verdade, estava sinistramente calma.

— Muito bem, você resolveu se comportar — falei depressa. — Pode entrar agora.

Lulu fez que não com a cabeça.

— Não seja boba, Lulu. Está gelado. Você vai ficar doente. Entre *já*.

Lulu batia queixo, mas tornou a fazer que não com a cabeça. Naquele instante, eu vi tudo com uma clareza cristalina. Eu subestimara Lulu, não entendera sua natureza. Ela preferia congelar a ceder.

Tive de mudar de tática imediatamente. Daquela forma eu não iria ganhar. E ainda poderia ser presa pelos Serviços de Proteção à Criança. Pensando rápido, voltei atrás, implorando para que Lulu entrasse em casa, mimando-a e subornando-a. Quando chegaram, Jed e Sophia encontraram Lulu metida numa banheira quente,

molhando um brownie numa xícara fumegante de chocolate quente com marshmallows.

Mas Lulu também me subestimara. Eu apenas recarregava minhas armas. As linhas de combate estavam definidas, e ela nem sequer sabia disso.

4

Os Chua

Meu sobrenome é Chua — Càì em mandarim —, e eu o adoro. Minha família vem da província de Fujian, na China meridional, famosa por produzir acadêmicos e cientistas. Um de meus ancestrais diretos por parte de pai, Chua Wu Neng, era o astrônomo real do imperador Shen Zong, da dinastia Ming, além de filósofo e poeta. De talentos visivelmente bem diversificados, Wu Neng foi nomeado pelo imperador chefe do Estado-maior em 1644, quando a China enfrentava uma invasão manchu. Nossa relíquia familiar mais prezada — na verdade, nossa única relíquia familiar — é um tratado de duas mil páginas escrito à mão por Wu Neng, interpretando o *I Ching*, ou *O livro das mutações*, um dos textos chineses clássicos mais antigos. Uma cópia encadernada em couro do tratado de Wu Neng — com o ideograma para “Chua” na capa — hoje tem lugar de destaque na mesa de centro da minha sala de estar.

Todos os meus avós nasceram em Fujian, mas, nas décadas de 1920 e 1930, em momentos diferentes, embarcaram para as Filipinas, onde se dizia haver mais oportunidades. O pai de minha mãe era um professor bondoso e afável que virou comerciante de arroz para sustentar a família. Ele não era religioso nem especialmente bom nos negócios. Sua mulher, minha avó materna, era uma grande

beldade e budista devota. Apesar dos ensinamentos antimaterialistas do Bodhisattva Guanyin, ela sempre desejou que o marido fosse mais bem-sucedido.

O pai de meu pai, um bonachão comerciante de pasta de peixe usada na produção de kani, também não era religioso nem especialmente bom nos negócios. Sua mulher, minha tirânica avó paterna, fez fortuna no mercado de plásticos depois da Segunda Guerra Mundial e investiu os lucros em barras de ouro e diamantes. Depois que enriqueceu — obter uma conta para produzir recipientes para a Johnson & Johnson foi fundamental —, se mudou para uma grande fazenda num dos bairros mais prestigiosos de Manila. Ela e meus tios começaram a comprar peças em vidro Tiffany, Mary Cassatts, Braques e apartamentos em Honolulu. Também se converteram ao protestantismo e começaram a usar garfos e colheres, em vez de hashis, para ficar mais parecidos com os norte-americanos.

Nascida na China em 1936, minha mãe chegou às Filipinas com a família quando tinha dois anos. Durante a ocupação japonesa das ilhas, ela perdeu o irmão bebê, e jamais esquecerei sua descrição dos soldados japoneses abrindo a boca do meu tio, forçando-lhe água goela abaixo, e rindo porque ele iria estourar como um balão cheio demais. Quando o general Douglas MacArthur libertou as Filipinas em 1945, minha mãe se lembra de correr atrás de jipes, aplaudindo furiosamente, enquanto soldados americanos jogavam presuntada enlatada Spam para a população. Depois da guerra, minha mãe estudou em uma escola dominicana de ensino médio, onde se converteu ao catolicismo. Acabou se formando em engenharia química na Universidade de Santo Tomás, sendo a primeira da turma, com a menção *summa cum laude*.

Meu pai foi quem quis imigrar para os Estados Unidos. Brillhante em matemática, apaixonado por astronomia e filosofia, odiava o mundo sujo e traiçoeiro da empresa de plásticos de sua família e se opunha a qualquer plano que fizessem para ele. Desde garoto meu pai era louco para ir aos Estados Unidos, e, ao ter sua inscrição aceita pelo Massachusetts Institute of Technology, seu sonho se realizou. Ele pediu minha mãe em casamento em 1960; no mesmo ano, meus pais chegaram a Boston sem conhecer ninguém no país. Só com as bolsas de estudo para se sustentar, nos dois

primeiros invernos não puderam pagar a calefação, e se enrolavam em cobertores para se aquecer. Meu pai recebeu seu título de Ph.D. em menos de um ano e tornou-se professor assistente na Purdue University, em West Lafayette, Indiana.

Crescidas no Meio-Oeste, minhas três irmãs mais novas e eu sempre soubemos que éramos diferentes das outras pessoas. Passávamos a vergonha de levar comida chinesa em marmitas térmicas para a escola. Como eu desejava comer um sanduíche de mortadela como todo mundo! Exigia-se que falássemos chinês em casa — o castigo era um golpe com os hashis a cada palavra em inglês que escapava. Fazíamos exercícios de matemática e piano toda tarde, e nunca podíamos dormir na casa de nossas amigas. À noite, quando meu pai chegava do trabalho, eu tirava seus sapatos e lhe trazia os chinelos. Nossos boletins deviam ser perfeitos. Enquanto nossas amigas eram recompensadas por receberem B, era impensável para nós tirar A-menos. Na oitava série, tirei segundo lugar num concurso de história e levei minha família para a cerimônia de premiação. Outra pessoa recebera o prêmio Kiwanis de melhor aluno em tudo. Depois, meu pai me disse:

— Nunca mais me faça passar por um vexame desses.

Quando ouviam essas histórias, meus amigos muitas vezes imaginavam que eu tivera uma infância horrível. Mas isso não é verdade. Eu encontrava apoio e segurança em minha família peculiar. Começamos juntos, como forasteiros, e descobrimos juntos os Estados Unidos, nos tornando americanos no processo. Lembro-me de meu pai trabalhar até três da manhã todo dia, tão motivado que nem nos via entrar na sala. Mas também me lembro do entusiasmo com que ele nos apresentava a tacos, hambúrgueres, ao restaurante fast-food Dairy Queen e a bufês a preço fixo, sem falar em andar de trenó, esquiar, catar siri e acampar. Recordo-me de um menino, no ensino fundamental, às gargalhadas, puxando os olhos e arremedando minha pronúncia de *restaurant* (rest-OU-rant) — jurei naquele momento me livrar do sotaque chinês. Mas também me lembro das escoteiras e dos bambolês; de patinar e de bibliotecas públicas; de ganhar um concurso de ensaio sobre Filhas da Revolução Americana; e do grande dia em que meus pais se naturalizaram.

Em 1971, meu pai aceitou uma proposta da Universidade da Califórnia, em Berkeley, e nos mudamos para a Costa Oeste. Meu pai deixou o cabelo crescer e usava jaquetas estampadas com o símbolo da paz. Então começou a se interessar por vinhos e fez uma adega para mil garrafas. Quando ele ficou conhecido internacionalmente por seu trabalho sobre a teoria do caos, começamos a viajar pelo mundo. Passei o último ano do ensino médio estudando em Londres, Munique e Lausanne, e meu pai nos levou ao Círculo Ártico.

Mas meu pai também era um patriarca chinês. Quando chegou a hora de eu me candidatar às faculdades, ele decidiu que eu ia morar em casa, estudar em Berkeley (onde eu já havia sido aceita), e fim de papo — para mim, nada de visitar campi e me agoniar com escolhas. Desobedecendo-lhe, como ele desobedecera à sua família, falsifiquei sua assinatura e me candidatei para uma escola na Costa Leste sobre a qual eu ouvira falar. Quando lhe contei o que havia feito — e que Harvard me aceitara —, a reação de meu pai me surpreendeu. Ele passou da raiva ao orgulho literalmente da noite para o dia. Ficou também orgulhoso quando depois eu me formei na Escola de Direito de Harvard, e quando Michelle, sua segunda filha, se formou no Yale College e na Escola de Direito de Yale. Seu maior orgulho (mas talvez com uma pontinha de tristeza) foi quando Katrin, a terceira filha, foi para Harvard, onde mais tarde obteve o diploma de médica e fez o doutorado.

Os Estados Unidos modificam as pessoas. Quando eu tinha quatro anos, meu pai me disse: “Você vai ter de passar por cima do meu cadáver para casar com alguém que não seja chinês.” Mas acabei me casando com Jed, e hoje meu marido e meu pai são os melhores amigos.

Quando eu era pequena, meus pais não sentiam simpatia por deficientes. Em quase toda a Ásia, as deficiências são consideradas uma vergonha, portanto, quando minha irmã caçula Cynthia nasceu com síndrome de Down, no início minha mãe chorava o tempo todo, e alguns de meus parentes nos incentivaram a mandá-la para uma instituição nas Filipinas. Porém puseram minha mãe em contato com professores de educação especial e outros pais de filhos com deficiências, e logo ela passava horas pacientemente fazendo quebra-cabeças com Cindy e ensinando-a a

desenhar. Quando Cindy entrou no ensino fundamental, minha mãe ensinou-a a ler e recitava a tabuada de multiplicação com ela. Hoje Cindy tem duas medalhas de ouro de natação dos Jogos Paraolímpicos.

Tenho uma pontinha de arrependimento por não ter me casado com um chinês, e de aflição por estar frustrando quatro mil anos de civilização. Meu maior sentimento, no entanto, é de enorme gratidão pela liberdade e a oportunidade criativa que os Estados Unidos me deram. Minhas filhas não se sentem forasteiras aqui. Eu às vezes ainda me sinto. Mas, para mim, isso é menos um fardo que um privilégio.

5

Sobre a decadência das gerações



Eu, recém-nascida, e meus corajosos pais, dois anos depois de terem chegado aos Estados Unidos

Um de meus maiores temores é a decadência familiar. Há um velho provérbio chinês que diz: “A prosperidade nunca pode durar três gerações.” Aposto que, se alguém com habilidades empíricas fizesse uma pesquisa longitudinal sobre desempenho entre gerações, encontraria um padrão extraordinariamente comum entre imigrantes chineses que tiveram a sorte de ir para os Estados Unidos como estudantes de graduação ou trabalhadores especializados nos últimos cinquenta anos. O padrão seria mais ou menos este:

- A geração dos imigrantes (como meus pais) é a mais trabalhadora. Muitos começam nos Estados Unidos quase sem um tostão, mas trabalham sem parar até

se tornarem engenheiros, cientistas, médicos, professores ou empresários bem-sucedidos. Como pais, são rígidos e poupadores ao extremo. (“Não jogue fora aquelas sobras! Por que está usando tanto sabão na máquina de lavar pratos? Você não precisa de cabeleireiro, posso cortar seu cabelo bem melhor.”) Investem em imóveis. Não bebem muito. Tudo que fazem e ganham vai para a educação e o futuro dos filhos.

- A geração seguinte (a minha), a primeira a nascer nos Estados Unidos, normalmente obtém grandes conquistas. Em geral tocam piano e/ou violino. Vão para uma universidade da Ivy League. Tendem a ser bons profissionais — advogados, médicos, banqueiros, apresentadores de televisão — e a ter uma renda maior que a dos pais, em parte porque começaram a vida com mais dinheiro e porque os pais investiram tanto nelas. São menos frugais que os pais. Gostam de coquetéis. As mulheres muitas vezes se casam com ocidentais. Tanto homens quanto mulheres não são tão rígidos com os filhos quanto os pais foram com eles.
- A geração seguinte (a de Sophia e de Lulu) é aquela com a qual me preocupei a ponto de passar noites em claro. Por causa do trabalho duro dos pais e avós, essa geração nasce com o notável conforto da classe média alta. As crianças possuem muitos livros de capa dura (um luxo quase criminoso do ponto de vista de pais imigrantes). Têm amigos ricos que recebem dinheiro quando tiram B-mais. Podem ou não estudar em escolas particulares, mas, de qualquer maneira, esperam usar roupas caras e de grife. Finalmente, e o que é mais problemático, sentem que têm direitos individuais garantidos pela Constituição dos Estados Unidos e, portanto, são muito mais propensas a desobedecer aos pais e a ignorar conselhos sobre profissão. Em suma, todos os fatores apontam para o fato de essa geração estar rumando direto para a decadência.

Bem, não sob a minha supervisão. Desde que Sophia nasceu e olhei para sua carinha sabida, resolvi não deixar isso acontecer com ela, não criar uma criança indolente, cheia de direitos — não deixar minha família entrar em decadência.

Essa foi uma das razões de minha insistência para que Sophia e Lulu estudassem música clássica. Eu sabia que era impossível fazer com que se sentissem crianças imigrantes pobres de modo artificial. Não podia ignorar o fato de que morávamos numa casa grande e antiga, tínhamos dois carros decentes e ficávamos em bons hotéis quando viajavamos. Mas eu *podia* garantir que Sophia e Lulu fossem menos superficiais e mais cultas que meus pais e eu. A música clássica era o oposto de decadência, preguiça, vulgaridade e permissividade. Era uma forma de minhas filhas alcançarem algo que eu não tive. Mas era também um elo com a alta tradição cultural de meus ancestrais.

Minha campanha antidecadência também teve outros componentes. Como meus pais, exigi que Sophia e Lulu fossem fluentes em chinês e só tirassem nota máxima.

— Sempre confirmam três vezes as respostas dos testes — eu lhes dizia. — Procurem no dicionário cada palavra que não souberem e memorizem a definição exata.

Para garantir que Sophia e Lulu não fossem mimadas e decadentes como os romanos quando o império caiu, eu insistia também para que elas realizassem tarefas físicas.

— Quando eu tinha quatorze anos, cavei sozinha uma piscina para meu pai, com uma pá e uma picareta — contei-lhes mais de uma vez.

Isso é verdade mesmo. A piscina só tinha um metro de profundidade e três de diâmetro e vinha num kit, mas eu realmente cavei o quintal de um chalé perto de Lake Tahoe, que meu pai comprou depois de economizar muito durante anos.

— Todo sábado à tarde — eu também adorava repetir —, passava aspirador em metade da casa enquanto minha irmã ficava com a outra. Eu limpava vasos sanitários, capinava o gramado e cortava lenha. Uma vez, fiz um jardim de pedra para meu pai e tive de carregar pedras que pesavam mais de vinte quilos. Por isso sou tão forte.

Por querer que elas estudassem música tanto quanto possível, eu não pedia que minhas filhas cortassem lenha nem cavassem uma piscina. Mas tentava, sim, toda vez que podia, fazer com que carregassem objetos pesados — subissem e descessem a escada com cestos abarrotados de roupa para lavar, levassem o lixo para fora aos

domingos, carregassem as malas quando viajávamos. O interessante é que Jed tinha o instinto oposto. Incomodava-o ver as meninas fazendo esforço e sempre se preocupava com a coluna delas.

Ensinando essas lições às meninas, eu sempre me lembrava de coisas que meus pais tinham me dito. “Seja recatada, humilde e simples”, falava minha mãe. “Os últimos serão os primeiros.” O que ela sempre queria dizer obviamente era: “Certifique-se de ser a primeira para ter alguma coisa em relação à qual ser humilde.” Um dos princípios básicos de meu pai era: “Nunca se queixe nem dê desculpas. Se algo parecer injusto na escola, limite-se a provar quem você é, esforçando-se em dobro e sendo boa em dobro.” Também tentei transmitir esses princípios a Sophia e Lulu.

Em resumo: tentei exigir tanto respeito das meninas quanto o que meus pais exigiam de mim. Foi nesse aspecto que tive menos sucesso. Quando garota, eu tinha pavor da desaprovação dos meus pais. Sophia e especialmente Lulu não sentem isso. Os Estados Unidos parecem inculcar algo nas crianças que na cultura chinesa não existe. Na cultura chinesa, simplesmente não passaria pela cabeça dos filhos questionar os pais, nem desobedecer ou responder a eles. Na cultura americana, as crianças nos livros, programas de tevê e filmes sempre marcam pontos com suas respostas rápidas e sua independência. Normalmente são os pais que precisam aprender uma lição de vida — com os filhos.

6

O círculo virtuoso

Os três primeiros professores de piano de Sophia não serviam para ela. A primeira, que Sophia conheceu quando tinha três anos, era uma velha búlgara severa chamada Elina, que morava no nosso bairro. Ela usava uma saia sem forma, meias três-quartos e parecia carregar as tristezas do mundo sobre os ombros. Sua ideia de aula de piano era ir a nossa casa e tocar piano para si mesma durante uma hora, enquanto Sophia e eu ficávamos sentadas no sofá e ouvíamos sua angústia torturante. Quando terminou a primeira sessão, eu tinha vontade de meter a cabeça no forno; Sophia brincava com bonecas de papel. Eu me vi apavorada por ter de dizer a Elina que não ia dar certo, achando que ela poderia se atirar, gemendo, de uma janela. Então eu disse que estávamos empolgadíssimas pensando na próxima aula que teríamos, e que eu entraria em contato com ela em breve.

O professor que tentamos em seguida era uma pessoinha esquisita, de cabelo curto e óculos redondos de armação de metal, chamado MJ, que servira no Exército. Não dava para saber se MJ era homem ou mulher, mas estava sempre de terno e gravata borboleta, e eu gostava de seu estilo pragmático. MJ nos disse, no primeiro encontro, que Sophia definitivamente tinha talento musical. Por infortúnio, três semanas depois, MJ desapareceu. Uma vez, chegamos a sua casa para uma aula, como sempre, e não vimos nem sinal dele. Em vez disso, havia estranhos morando na casa, com uma mobília completamente diferente.

Nosso terceiro professor era um jazzista cadeirado, de fala macia, chamado Richard. Ele disse que tinha uma filha de dois anos. Em nosso primeiro encontro, falou para mim e para Sophia sobre a importância de viver o momento e tocar para si mesmo. Ao contrário dos professores tradicionais, dizia não acreditar em livros escritos por outros; em vez disso, daria ênfase na improvisação e na expressão pessoal. Richard dizia que não havia regras em música, só contava a sensação de estar certo, e que ninguém tinha o direito de julgar a pessoa; achava que o mundo do piano fora destruído pela mentalidade comercial e pela competição acirrada. Coitado — acho que ele simplesmente não tinha o que era necessário.

Como filha mais velha de imigrantes chineses, não tenho tempo para improvisar ou inventar minhas próprias regras. Tenho um sobrenome a zelar, pais idosos para deixar orgulhosos. Gosto de objetivos claros e métodos claros de medir o sucesso.

Foi por isso que gostei do método Suzuki de ensinar piano. Há sete livros, e todo mundo tem de começar com o Livro 1. Cada livro inclui de dez a quinze músicas, e a pessoa deve ir nessa ordem. Às crianças que estudam com afinco, são dadas músicas novas a cada semana, ao passo que aquelas que não estudam passam semanas e até meses empacadas na mesma peça; às vezes, simplesmente desistem porque não aguentam de tédio. De qualquer maneira, o principal é que algumas crianças finalizam os livros Suzuki *muito mais depressa que outras*. Portanto, uma criança aplicada de quatro anos pode estar na frente de uma de seis, uma de seis pode estar na frente de uma de dezesseis, e assim por diante — por isso o sistema Suzuki é conhecido por produzir “crianças prodígios”.

Foi o que aconteceu com Sophia. Quando ela estava com cinco anos, tínhamos nos adaptado a uma fabulosa professora chamada Michelle, que adotava o método Suzuki e tinha um grande estúdio de piano em New Haven, num lugar chamado Neighborhood Music School. Paciente e perspicaz, Michelle entendeu Sophia — percebeu sua aptidão, mas enxergou além —, e foi ela que instilou nela o amor à música.

O método Suzuki era perfeito para Sophia. Ela aprendia muito depressa e conseguia ficar concentrada durante muito tempo. Também tinha uma grande

vantagem cultural: quase todos os outros alunos da escola eram filhos de pais ocidentais liberais, sem força de vontade e indulgentes quando se tratava de fazer exercícios. Lembro-me de uma menina chamada Aubrey, de quem se exigia que estudasse um minuto por dia para cada ano de idade. Ela tinha sete. Outras treinavam porque eram pagas com sundaes gigantescos ou grandes kits de Lego. Muitas eram inteiramente liberadas da prática em dias de escola.

Uma característica importante no método Suzuki é que se espera que o pai ou a mãe assista a cada aula de música e depois supervisione as sessões de estudo em casa. Isso significava que, sempre que Sophia tocava piano, eu estava presente e era também educada. Eu tivera aulas de piano em criança, mas, como meus pais não tinham dinheiro para pagar um bom professor, acabei estudando com uma vizinha, em cuja casa às vezes se realizavam reuniões para venda de Tupperware na hora da minha aula. Com a professora de Sophia, comecei a aprender tudo sobre teoria musical e história da música que eu nunca tinha sabido.

Comigo a seu lado, Sophia estudava pelo menos noventa minutos por dia, inclusive nos fins de semana. Em dias de aula, praticávamos o dobro do tempo. Eu fazia Sophia decorar tudo, mesmo que não se exigisse isso, e nunca lhe paguei um tostão. Foi assim que percorremos de cabo a rabo aqueles livros Suzuki. Outros pais tinham como objetivo um livro por ano. Começamos com as variações “Twinkle, Twinkle” (Livro 1); três meses depois, Sophia estava tocando Schumann (Livro 2); seis meses depois, tocava uma sonatina de Clementi (Livro 3). E eu ainda achava que íamos muito devagar.

Esta parece uma boa hora para eu fazer um desabafo. A verdade é que nem sempre foi agradável para Sophia me ter como mãe. Segundo ela, eis três coisas que eu realmente lhe disse enquanto tocava piano e eu supervisionava seu estudo:

1. Ai meu Deus, você só faz piorar.
2. Vou contar até três, depois quero *musicalidade!*
3. Se da próxima vez você não for PERFEITA, vou *PEGAR TODOS OS SEUS BICHOS DE PELÚCIA E QUEIMÁ-LOS!*

Relembrando o passado, esses incentivos parecem um tanto exagerados. Por outro lado, foram muito eficazes. Sophia e eu tínhamos uma ótima relação. Eu tinha a convicção e o ímpeto da concentração. Sophia possuía a maturidade, a paciência e a empatia que eu deveria ter, mas não tinha. Ela aceitava minha premissa de que eu sabia e queria o que era melhor para ela — e me dava um desconto quando eu estava mal-humorada ou dizia coisas que magoavam.

Aos nove anos, Sophia ganhou um prêmio local de piano, tocando uma peça chamada “Borboleta”, do compositor norueguês Edvard Grieg. “Borboleta” é uma das sessenta e seis *Peças líricas* de Grieg, que são minicomposições, cada uma com o intuito de evocar um estado de espírito ou uma imagem específica. “Borboleta” deve ser leve e descontraída — e são necessárias horas e horas de estudo exaustivo para fazer com que a peça soe assim.

Os pais chineses compreendem que nenhuma atividade é divertida antes que a pessoa a execute bem. Para ser bom em alguma coisa, você deve trabalhar, e as crianças nunca querem trabalhar por si mesmas, por isso é crucial dominar suas preferências. Isso muitas vezes exige força da parte dos pais porque a criança resiste; as dificuldades são sempre maiores no começo, que é quando os pais ocidentais tendem a desistir. Mas, se adotada como deve ser, a estratégia chinesa produz um círculo virtuoso. Prática, prática, prática tenaz é crucial para a excelência. A repetição é subestimada nos Estados Unidos. Quando uma criança começa a se destacar em alguma coisa — seja matemática, piano, arremesso de bola ou balé —, logo recebe elogios, admiração e satisfação. Isso gera confiança e torna divertida a atividade que não era para ser divertida. Isso, por sua vez, torna mais fácil para o pai ou a mãe fazer a criança trabalhar mais ainda.

No Concerto dos Vencedores no qual Sophia tocou, enquanto eu via seus dedos habilidosos percorrerem o piano para baixo e para cima como verdadeiras asas de borboleta, fiquei orgulhosa, eufórica e cheia de esperança. Não podia aguardar o dia seguinte para trabalhar mais e aprender mais música junto com Sophia.

7

Sorte de Tigre



Jed e eu no dia do nosso casamento

Como toda mulher sino-americana de vinte e tantos anos, tive a ideia de escrever um romance épico sobre as relações entre mãe e filha abarcando várias gerações, baseado livremente na história da minha família. Isso foi antes de Sophia nascer, quando eu estava morando em Nova York, tentando descobrir o que eu fazia trabalhando num escritório de advocacia de Wall Street.

Felizmente sou uma pessoa de sorte, porque tomei decisões importantes pelos motivos errados por toda a minha vida. Comecei me especializando em matemática em Harvard por achar que isso agradaria meus pais; larguei a especialização depois que meu pai, ao me ver passar as férias de inverno pelejando com um conjunto de problemas, disse que aquilo era demais para mim. Mas logo mudei para economia, porque a matéria parecia vagamente científica. Fiz minha monografia de fim de

curso sobre padrões de condução para o trabalho de famílias em que cada membro do casal tem um emprego, e achei o tema tão chato que nunca consegui lembrar qual foi minha conclusão.

Fui estudar Direito sobretudo porque não queria fazer medicina. Até me saí bem no curso de Direito, me esforçando de uma maneira psicótica. Consegui entrar para a revista altamente competitiva *Harvard Law Review*, onde conheci Jed, e da qual me tornei editora executiva. Mas sempre temi que advocacia não fosse minha praia. Eu não me importava com os direitos dos criminosos, como os outros, e ficava gelada sempre que um professor me exigia uma resposta. Eu também não era naturalmente cética e questionadora. Só queria anotar e decorar tudo que o professor dizia.

Depois de me formar, fui para um escritório de advocacia de Wall Street porque era o caminho mais fácil. Escolhi a área de direito comercial porque não gostava de litígio. Eu era correta no que fazia. Trabalhar até tarde nunca me incomodou, e eu tinha facilidade de entender o desejo dos clientes e traduzi-lo em documentos legais. Mas durante os três anos que passei no escritório sempre tive a sensação de estar representando, de ser ridícula em meu papel. Nas reuniões para preparar minutas com banqueiros de investimentos, enquanto os demais esquentavam a cabeça com as minúcias de algum acordo de vários milhões de dólares, eu me via pensando no jantar, e simplesmente não conseguia me obrigar a ficar preocupada se a frase

Qualquer declaração contida num documento oficial ou que seja considerado oficial neste instrumento será considerada modificada ou substituída para os fins desta Circular de Oferta, à medida que uma declaração aqui contida, ou contida em qualquer outro documento arquivado subsequentemente e que também for contemplada neste instrumento, modifique ou substitua tal declaração.

deveria ser antecedida por “Para o melhor conhecimento da empresa”.

Jed, enquanto isso, adorava Direito, e o contraste tornava a minha falta de adaptação ainda mais gritante. No escritório de advocacia dele, especializado nas fusões do final dos anos 1980, ele gostava de escrever instruções e litígios, e obteve

grandes êxitos. Então foi para a Procuradoria Geral, processou mafiosos e adorou isso também. Por diversão, escreveu um artigo de cem páginas sobre direito à privacidade — o artigo simplesmente jorrou da cabeça dele — que foi aceito pela mesma *Harvard Law Review* em que tínhamos trabalhado como estudantes (e que quase nunca publica artigos de não professores). Logo depois, recebeu uma ligação do reitor da Faculdade de Direito de Yale, e, embora fosse eu quem quisesse seguir carreira acadêmica (acho que porque fora a do meu pai), ele conseguiu o cargo de professor de Direito em Yale um ano antes de Sophia nascer. Era o emprego dos sonhos de Jed. Ele era a única pessoa jovem no corpo docente, o menino de ouro, cercado por colegas brilhantes que pensavam como ele.

Sempre me considerei imaginativa e cheia de ideias, mas, se ficava perto dos colegas de Jed, meu cérebro virava lixo. Quando nos mudamos para New Haven — eu estava de licença-maternidade de Sophia —, Jed contou aos amigos do corpo docente que eu também estava pensando em ser professora universitária. Mas, quando eles perguntaram sobre as questões legais que me interessavam, parecia que eu tivera um AVC. Fiquei tão nervosa que não conseguia abrir a boca. Quando me obriguei a falar, minhas frases saíram enroladas, com palavras esquisitas proferidas em lugares estranhos.

Foi quando resolvi escrever o romance épico. Infelizmente, não tenho talento para escrever romances, como pareciam revelar as tosses educadas e o riso forçado de Jed enquanto lia o manuscrito. Além do mais, Maxine Hong Kingston, Amy Tan e Jung Chang me superaram nisso com seus livros *Woman Warrior*, *O Clube da Felicidade e da Sorte* e *Cisnes selvagens*. Primeiro, fiquei amarga e ressentida, mas depois superei e tive outra ideia. Combinando meu diploma universitário com a experiência da minha família, eu escreveria sobre Direito e etnicidade no mundo em desenvolvimento. Etnicidade era o tema sobre o qual eu mais gostava de falar. Direito e desenvolvimento, que muito poucas pessoas estavam estudando na época, seriam minha especialidade.

Os astros estavam alinhados. Logo depois que Sophia nasceu, escrevi um artigo sobre privatização, nacionalização e etnicidade na América Latina e no Sudeste

asiático, que a *Columbia Law Review* aceitou para publicação. Munida de meu novo artigo, candidatei-me a cargos para lecionar na área de Direito no país inteiro. Num ato de temeridade inimaginável, aceitei quando o comitê de contratação de Yale me chamou para uma entrevista. Fui almoçar com o comitê num clube assustador de Yale chamado Mory's, e fiquei tão muda que dois professores se retiraram antes do fim do encontro, e o decano da Faculdade de Direito passou o restante das duas horas mostrando as influências do estilo italiano na arquitetura de New Haven.

Não voltei a ser convidada a me reunir com o Departamento de Direito de Yale completo, o que significava que eu tinha me dado mal no almoço. Em outras palavras, eu fora rejeitada pelos colegas de Jed. Isso não era o ideal — e complicava um pouco nossa vida social.

Mas então tive outra sorte enorme. Quando Sophia tinha dois anos, a Faculdade de Direito de Duke me convidou para lecionar. Em êxtase, aceitei imediatamente, e nos mudamos para Durham, Carolina do Norte.

8

O instrumento de Lulu



Lulu e seu primeiro violino

Adorei a Duke. Meus colegas eram generosos, bondosos, inteligentes, e fizemos muitos bons amigos. O único problema era Jed ainda trabalhar em Yale, que ficava a oitocentos quilômetros. Mas demos um jeito, alternando alguns anos entre Durham e New Haven, e deixando para Jed a maior parte dos deslocamentos.

Em 2000, quando Sophia tinha sete anos e Lulu quatro, recebi uma ligação da Faculdade de Direito da Universidade de Nova York, convidando-me para uma visita. Odiei a ideia de deixar a Universidade Duke, mas, como Nova York era muito mais perto de New Haven, fizemos as malas e nos mudamos para Manhattan por seis meses.

Foram seis meses estressantes. Ser “visitante” no mundo do ensino de Direito é fazer um teste para ser aceito no corpo docente de uma faculdade. É basicamente uma entrevista que dura um semestre inteiro, em que a pessoa tenta impressionar todo mundo mostrando como é inteligente, enquanto puxa o saco de todos. (“Mas tenho uma coisa para acertar com você, Bernard. O seu modelo de mudança de

paradigma na verdade não tem implicações de alcance ainda maior do que você pensou?” Ou: “Não sei ao certo se fiquei totalmente convencida pela nota de rodapé 81 de seu artigo ‘O Direito e Lacan’, o que é perigosíssimo — você se importaria se eu o passasse para a minha turma?”)

Quando se tratava de escolas, Manhattan era mesmo de arrepiar. Jed e eu fomos apresentados ao mundo das crianças de terceira série que se preparavam para o exame SAT [sigla para o teste de acesso às faculdades], e pingos de gente com heranças e seus próprios portfólios de fotografias. No final, decidimos botar Sophia numa escola pública, a P.S. 3, que era bem em frente ao apartamento que alugamos. Mas, para entrar na pré-escola, Lulu teve que fazer uma série de provas.

Na pré-escola onde eu mais queria que Lulu entrasse, que era numa linda igreja com vitrais nas janelas, a diretora de admissão voltou com a menina depois de apenas cinco minutos para confirmar se ela sabia contar — não que houvesse algum problema nisso, só queria confirmar.

— Ai, meu Deus, claro que ela sabe contar! — exclamei, horrorizada. — Me dê só um segundo com ela.

Puxei minha filha de lado.

— Lulu! — sibilei. — O que você está fazendo? Isso não é brincadeira.

Lulu franziu o cenho.

— Só conto mentalmente.

— Você não pode só contar mentalmente. Tem que contar em voz alta para mostrar à moça! Ela está *testando* você. Não vão deixar você entrar nesta escola se você não mostrar a eles.

— Não quero ir para esta escola.

Como já mencionei, não acredito em subornar crianças. As Nações Unidas e a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico ratificaram convenções internacionais contra o suborno; e, afinal, os filhos é que devem pagar aos pais. Mas eu estava desesperada.

— Lulu — sussurrei —, se você fizer isso, lhe dou um pirulito e levo você à livraria.

Arrastei Lulu de volta.

— Ela já está pronta — disse eu alegremente.

Dessa vez a diretora de admissão deixou que eu acompanhasse Lulu à sala de testes. A moça colocou quatro cubos na mesa e pediu que Lulu os contasse.

Lulu olhou para os cubos, depois disse:

— Onze, seis, dez, *quatro*.

Meu coração quase parou. Pensei em agarrar Lulu e sair correndo, mas a diretora calmamente acrescentava mais quatro cubos à pilha.

— E agora, Lulu, consegue contar esses?

Lulu olhou para os cubos um pouquinho mais dessa vez, depois contou:

— Seis, quatro, um, três, zero, doze, dois, *oito*.

Não aguentei.

— Lulu! Pare com isso...

— Não, não, por favor.

A diretora levantou a mão, com uma expressão divertida, e tornou a se voltar para Lulu.

— Estou vendo, Louisa, que você gosta de fazer as coisas do seu jeito. Estou certa?

Lulu me lançou um olhar furtivo — sabia que eu estava aborrecida —, depois fez um pequeno gesto afirmativo com a cabeça.

— *Há* oito cubos — prosseguiu a mulher descontraidamente. — Você acertou, ainda que tenha chegado à resposta de maneira inusitada. É admirável querer descobrir o próprio caminho. É uma coisa que tentamos estimular nesta escola.

Relaxe, permitindo-me respirar finalmente. A mulher gostou de Lulu, dava para ver. Na verdade, muita gente gostava de Lulu — havia algo quase magnético em sua inabilidade para tentar agradar. Graças a Deus, vivemos nos Estados Unidos, pensei com os meus botões, onde sem dúvida, por causa da Revolução Americana, a rebeldia é valorizada. Na China, Lulu seria mandada para um campo de trabalhos forçados.

Ironicamente, Lulu acabou adorando sua escola de Nova York, enquanto Sophia, que sempre fora um pouco tímida, teve mais dificuldades. Na entrevista com os pais, a professora nos disse que, embora nunca tivesse tido uma aluna melhor, ela se preocupava com Sophia do ponto de vista social, porque ela sempre se isolava no almoço e no recreio, passeando sozinha pelo pátio com um livro. Jed e eu entramos em pânico, mas, quando perguntamos a Sophia sobre a escola, ela garantiu que estava gostando.

Terminamos aquele semestre na cidade de Nova York, raspando. Até consegui receber uma proposta da Universidade de Nova York, que quase aceitei. Mas aí veio uma série de acontecimentos inesperados. Publiquei um artigo numa revista de Direito sobre democratização e etnicidade em países em desenvolvimento que recebeu muita atenção em círculos de formulação de políticas. Por causa daquele artigo, Yale me “desrejeitou”, oferecendo-me um cargo de professora titular. Sete anos depois de eu não ter passado no almoço, aceitei, embora a vitória fosse um pouco agri-doce. Não mais um nômade, Jed pôde finalmente parar de se deslocar, e Sophia e Lulu entraram numa escola fundamental em New Haven que seria definitiva.

Nessa época, Lulu também começara a ter aulas de piano com a professora de Sophia, Michelle, na Neighborhood Music School. Eu tinha a sensação de estar levando uma vida dupla. Levantava às cinco da manhã e passava metade do dia escrevendo e agindo como uma professora de Direito de Yale, depois voltava correndo para casa, para minhas sessões de estudo diário com minhas duas filhas, o que, no caso de Lulu, sempre envolvia ameaças mútuas, chantagem e extorsão.

Como verificou-se, Lulu era uma musicista nata, com ouvido quase absoluto. Infelizmente, odiava fazer os exercícios e não se concentrava durante o ensaio, preferindo falar sobre os pássaros do lado de fora da janela ou as minhas rugas. Mesmo assim, avançou depressa nos livros de piano Suzuki e era uma grande intérprete. Em recitais, nunca foi impecável como a irmã, mas, o que lhe faltava em precisão técnica, ela mais que compensava com um estilo e uma musicalidade equivalentes em tudo aos de Sophia.

Por essa época, decidi que Lulu devia começar a aprender um instrumento novo. Amigos com filhos mais velhos haviam me aconselhado a fazer cada uma de minhas filhas buscar um interesse diferente, para minimizar a competição entre elas. Isso fazia muito sentido, especialmente porque Sophia começara a decolar no piano, ganhando montes de prêmios locais e sendo convidada a tocar por professores, igrejas e organizações comunitárias. Em todo lugar aonde íamos, Lulu tinha de ouvir os elogios à irmã.

Naturalmente, surgiu a questão de que novo instrumento Lulu devia escolher. Meus sogros, judeus intelectuais liberais, tinham uma opinião firme em relação a isso. Sabiam da personalidade obstinada de Lulu e já haviam entreouvido a gritaria e a choradeira durante nossas sessões de exercícios. Insistiram para que eu escolhesse algo de baixa pressão.

— Que tal flauta doce? — sugeriu meu sogro, Sy.

Alto e forte como Zeus, Sy era psicoterapeuta em Washington, D.C. É de fato muito musical, com uma voz poderosa e grave. Aliás, a irmã de Jed também tem uma bela voz, indicando o lado da família que originou os genes musicais de Sophia e Lulu.

— *Flauta doce?* — perguntou minha sogra, Florence, incrédula, quando ouviu a sugestão de Sy. — Que chato.

Florence era crítica de arte e morava na cidade de Nova York. Acabara de publicar uma biografia de Clement Greenberg, o polêmico crítico de arte moderna que efetivamente descobriu Jackson Pollock e o expressionismo abstrato americano. Florence e Sy estavam divorciados havia vinte anos, e ela geralmente não concordava com nada que ele dizia.

— Que tal uma coisa mais apaixonante, como um instrumento de gamelão? Será que ela conseguiria aprender a tocar gongo?

Florence era elegante, aventureira e cosmopolita. Anos antes, havia ido à Indonésia, onde foi cativada pelo gamelão javanês, pequena orquestra de cerca de quinze a vinte músicos que sentam de pernas cruzadas no chão e tocam instrumentos de percussão como o *kempul* (um conjunto de gongos pendurados de

diferentes tons), o *saron* (um grande xilofone de metal), ou o *bonang* (um conjunto de chaleiras que são tocadas como uma bateria, mas soam mais como sinos).

O interessante é que o compositor francês Claude Debussy teve a mesma reação à orquestra de gamelão que minha sogra. Para Debussy, como para Florence, o gamelão foi uma revelação. Ele escreveu a um amigo em 1895 que a música javanesa era “capaz de expressar todas as nuances de significado, até nuances não mencionáveis”. Depois publicou um artigo descrevendo os javaneses como “pessoas maravilhosas, que aprendem música com a facilidade que se aprende a respirar. Sua escola consiste no ritmo eterno do mar, do vento nas folhas, e mil outros pequenos ruídos, que eles ouvem com muito cuidado, sem jamais ter consultado quaisquer daqueles tratados duvidosos”.

Pessoalmente, acho que Debussy estava passando por uma fase, cultuando o exótico. O mesmo ocorreu com seus conterrâneos, Henri Rousseau e Paul Gauguin, que começaram a pintar nativos da Polinésia o tempo todo. Uma variação particularmente desagradável desse fenômeno pode ser encontrada na Califórnia hoje: homens com “febre amarela”, que só saem com mulheres asiáticas — às vezes dezenas seguidas —, não importa quão feias nem que tipo de asiática elas sejam. Só para constar, Jed não saiu com nenhuma asiática antes de mim.

Talvez eu não consiga apreciar a música de gamelão, que ouvi quando visitamos a Indonésia em 1992, porque cultuo a dificuldade e a execução. Não sei quantas vezes gritei para Lulu:

— Tudo que tem valor ou vale a pena é difícil! Sabe o que passei para conseguir esse trabalho em Yale?

A música de gamelão é hipnotizante porque é muito simples, sem estrutura e repetitiva. Por outro lado, as composições brilhantes de Debussy refletem complexidade, ambição, engenhosidade, planejamento, exploração harmônica consciente — e, sim, influências do gamelão, pelo menos em algumas das obras. É como a diferença entre uma cabana de bambu, que tem seu charme, e o Palácio de Versalhes.

De qualquer maneira, rejeitei o gongo para Lulu, como rejeitei a flauta doce. Meu instinto era o contrário do de meus sogros. Eu achava que a única maneira de Lulu sair da sombra da irmã, exímia no que fazia, era tocar um instrumento ainda mais difícil, mais virtuosístico. Por isso escolhi o violino. O dia em que tomei essa decisão — sem consultar Lulu, ignorando os conselhos de todos à minha volta — foi quando selei o meu destino.

9

O violino

Uma coisa gritante que muitos chineses fazem é comparar abertamente os filhos. Nunca achei que isso fosse tão ruim quando eu era pequena porque eu sempre me saía bem na comparação. Minha avó tirana — a rica, por parte de pai — tinha uma preferência declarada por mim em relação às minhas irmãs.

— Olhe como o nariz daquela é chato — dizia ela em reuniões de família, apontando para uma de minhas irmãs. — Não é como Amy, que tem um nariz fino e reto. Amy parece uma Chua. Aquela puxou à família da mãe e parece um macaco.

Decerto minha avó era um caso extremo. Mas os chineses fazem coisas semelhantes o tempo todo. Recentemente estive numa loja de medicina chinesa, e o proprietário me contou que tinha uma filha de seis anos e um filho de cinco.

— Minha filha — disse ele —, ela inteligente. Só um problema: não *concentrada*. Meu filho, ele não inteligente. Minha filha inteligente.

Em outra ocasião, minha amiga Kathleen estava num torneio de tênis e começou a conversar com uma mãe chinesa que assistia à filha jogar uma partida. A mãe contou a Kathleen que sua filha, que estudava na Brown, provavelmente ia perder.

— Essa filha muito *fraca* — disse ela, balançando a cabeça. — A irmã mais velha muito melhor. Estuda em Harvard.

Sei agora que o favoritismo dos pais é ruim e venenoso. Mas, em defesa dos chineses, tenho dois argumentos. Primeiro, o favoritismo dos pais pode ser encontrado em todas as culturas. No Gênesis, Isaac prefere Esaú, ao passo que Rebeca gosta mais de Jacó. Nos contos de fadas dos Irmãos Grimm, há sempre três irmãos — e eles nunca são tratados da mesma maneira. Por outro lado, nem todos os chineses praticam o favoritismo. Em *Os cinco irmãos chineses*, não há indicação de que a mãe goste mais do filho que engole o mar que do filho com pescoço de ferro.

Segundo, não acredito que todas as comparações dos pais sejam ingratas. Jed vive me criticando por comparar Sophia e Lulu. E é verdade que eu já disse a Lulu coisas como:

— Quando mando Sophia fazer alguma coisa, ela faz na mesma hora. Por isso progride tão depressa.

Mas os ocidentais se equivocam. Quando falo assim, não estou mostrando preferência por Sophia, muito pelo contrário, estou manifestando confiança em Lulu. Acho que ela pode fazer tudo que Sophia consegue fazer e que ela é forte o bastante para enfrentar a verdade. Também sei que Lulu se compara a Sophia, afinal. Por isso às vezes sou tão dura com ela. Não vou deixar que ela se acostume a dar asas a suas dúvidas íntimas.

É também por isso que eu disse, na manhã da primeira aula de violino de Lulu, antes mesmo de ela conhecer a nova professora:

— Lembre-se, Lulu, você só tem seis anos. Sophia ganhou o primeiro prêmio de interpretação quando tinha nove anos. Acho que você pode ganhar antes disso.

Lulu reagiu mal, dizendo que odiava competições e que nem queria tocar violino. Recusou-se a ir à aula. Ameacei lhe dar uma surra, deixá-la sem jantar — o que, naquela época, ainda funcionava —, e finalmente levei-a para a Neighborhood Music School, onde fomos salvas pelo Sr. Carl Shugart, que seria o professor de violino de Lulu.

O Sr. Shugart, com uns cinquenta anos, uma boa pinta de mauricinho e cabelo louro ralo, era uma dessas pessoas que se relacionam melhor com crianças que com adultos. Com os pais era desligado e desajeitado; mal conseguia nos olhar nos olhos.

Mas era um gênio com crianças: descontraído, espirituoso, inspirador e divertido. Parecia o Flautista Mágico da Neighborhood Music School, e as cerca de trinta crianças que estudavam com ele — entre elas Lulu — o seguiriam para qualquer lugar.

O segredo do Sr. Shugart era traduzir tudo que era técnico sobre o violino em histórias ou imagens que as crianças pudessem entender. Em vez de *legato*, *staccato* ou *accelerando*, ele falava em acariciar o pelo de um gato que ronronava, exércitos de formigas marchando e camundongos ou monociclos rolando ladeira abaixo. Lembro-me de ter ficado maravilhada com o jeito como ele ensinou a Lulu a famosa *Humoresque n° 7* de Dvorák. Após o tema de abertura, que fica na cabeça e pessoas do mundo inteiro cantarolam sem sequer saber o que é, há um segundo tema quase sentimental demais, que deve ser tocado com um *pathos* tragicômico exagerado — ora, como se explica isso a uma criança de seis anos?

O Sr. Shugart disse a Lulu que o segundo tema era triste, mas não triste como quando morre alguém. Em vez disso, pediu para ela imaginar que sua mãe lhe tinha prometido um sorvete grande de casquinha com duas coberturas se ela fizesse a cama todos os dias durante uma semana — e que Lulu confiantemente fez. Mas, quando a semana acabou, sua mãe se negou a lhe dar o sorvete. Além disso, comprou uma casquinha para a irmã de Lulu, que não fizera nada. Isso mexeu com Lulu, porque, a partir daí, ela tocou a *Humoresque* de forma tão pungente que era como se a peça tivesse sido composta para ela. Até hoje, quando ouço a *Humoresque* — você pode assistir a Itzhak Perlman e Yo-Yo Ma tocando-a no YouTube —, escuto a letra que o Sr. Shugart acrescentou: “Quero meu sorvete, ah, me dá o meu sorvete; cadê o sorvete que você me prometeu?”

O espantoso é que, embora tenha sido eu a escolher o violino para Lulu, imediatamente tornou-se claro o fato de que ela nascera para tocar esse instrumento. Mesmo no início, as pessoas sempre se impressionavam com a naturalidade de seus movimentos quando tocava e com o quanto ela realmente parecia sentir a música. Nos recitais do Sr. Shugart, ela sempre brilhava, e outros pais perguntavam se a música estava no sangue da nossa família e se Lulu queria ser

violinista profissional. Eles não tinham noção das violentas sessões de exercícios lá em casa, em que Lulu e eu brigávamos como feras selvagens — Tigre com Javali. Quanto mais ela resistia, mais eu continuava na ofensiva.

Os sábados eram o ponto alto da minha semana. Passávamos a manhã inteira na Neighborhood Music School, que vivia fervilhando de energia ao som de vinte instrumentos diferentes. Lulu tinha não só sua aula com o Sr. Shugart, como também ia direto dali para uma aula coletiva de Suzuki com ele, seguida de uma sessão em que, ao violino, fazia um dueto com Sophia ao piano. (As aulas de piano de Lulu, que não tínhamos abandonado, eram às sextas-feiras.) Quando chegávamos em casa, apesar do bloco de três horas de aula, eu sempre tentava encaixar um tempo para estudar — nada como adiantar a semana seguinte! À noite, quando Lulu já estava dormindo, eu lia tratados sobre técnica de violino e ouvia CDs de Isaac Stern, Itzhak Perlman ou Midori, tentando descobrir o que eles faziam para tocar tão bem.

Admito que essa agenda talvez pareça um pouco intensa. Mas eu sentia que estava numa corrida contra o tempo. As crianças na China praticam dez horas por dia. Sarah Chang fez uma audição para Zubin Mehta, da Filarmônica de Nova York, aos oito anos. Todo ano uma criança de sete anos da Letônia ou da Croácia ganha uma competição internacional tocando o difícilíssimo *Concerto para violino* de Tchaikovsky, peça que eu mal podia esperar que Lulu tocasse. Além disso, eu já estava em desvantagem porque tinha um marido americano, que achava que a infância devia ser divertida. Jed sempre queria brincar de jogos de tabuleiro com as meninas, ou levá-las para jogar minigolfe, ou, pior ainda, levá-las para parques aquáticos distantes, com perigosos escorregas. O que eu mais gostava de fazer era ler para elas. Jed e eu fazíamos isso toda noite, e era sempre a hora do dia preferida de todos.

Violino é muito difícil — em minha opinião, muito mais difícil de aprender que piano. Primeiro, há a questão de segurar o instrumento, o que não é um problema com o piano. Ao contrário do que uma pessoa normal pode pensar, o violino não é sustentado pelo braço esquerdo como parece. Segundo o famoso professor de violino Carl Flesch, em *The Art of Violin Playing* [A arte de tocar violino], o instrumento

deve ser “colocado na clavícula” e “mantido no lugar pela mandíbula inferior esquerda”, deixando a mão esquerda livre para se movimentar.

Se você acha que segurar algo com a clavícula é desconfortável, está certo. Acrescente a isso um apoio de madeira para o queixo e cravelhas de metal entrando no pescoço, e o resultado é a “mancha de violino”: a áspera mancha vermelha, quase sempre irritada, que a maioria dos violinistas e violistas tem sob o queixo, considerando-a um distintivo de honra.

Depois, há a “entonação” — no sentido de quão afinado você está —, outra razão pela qual considero violino mais difícil que piano, pelo menos para iniciantes. Com o piano, basta apertar uma tecla e você sabe a nota que tocou. Com o violino, você precisa colocar o dedo exatamente no lugar certo do braço — se errar por apenas um milímetro, não estará perfeitamente afinado. Embora só tenha quatro cordas, o violino pode produzir cinquenta e três notas diferentes medidas por acréscimos de semitons — e infinitamente mais tonalidades utilizando-se cordas e técnicas diferentes de manejar o arco. Costuma-se dizer que o violino é capaz de captar todas as emoções e que é o instrumento mais próximo da voz humana.

Um aspecto que o piano e o violino têm em comum — e também em comum com muitos esportes — é que não se pode tocar extraordinariamente bem sem estar relaxado. Do mesmo modo como não se consegue fazer um *ace* no tênis nem um arremesso realmente longo no beisebol sem que se mantenha o braço solto, não se pode produzir um tom doce no violino com muita pressão no arco e nas cordas — o excesso de pressão nas cordas é que produz o horrível som arranhado.

— Imagine que você é uma boneca de pano — dizia o Sr. Shugart a Lulu. — Mole e relaxada, sem nenhuma preocupação. Está tão relaxada que seu braço pesa... Deixe a gravidade fazer todo o trabalho... Ótimo, Lulu, ótimo.

— RELAXE! — gritava eu em casa. — O Sr. Shugart disse BONECA DE PANO!

Eu sempre tentava ao máximo reforçar os argumentos do Sr. Shugart, mas as coisas eram difíceis com Lulu, porque só a minha presença já a deixava nervosa e irritada.

Uma vez, no meio de uma sessão de estudo, ela explodiu:

— *Pare*, mamãe. Pare com isso.

— Lulu, eu não disse nada — respondi. Eu não falara uma palavra.

— Seu cérebro está me irritando — disse Lulu. — Sei o que você está pensando.

— Eu não estou pensando nada — disse eu, indignada. Na verdade, eu andara pensando que o braço direito de Lulu estava muito levantado, que as dinâmicas estavam todas erradas, que ela precisava moldar melhor suas frases.

— Desligue seu cérebro! — ordenou Lulu. — Não toco mais se você não desligar o cérebro.

Lulu vivia tentando me provocar. Arrumar uma discussão era uma forma de não estudar. Daquela vez eu não mordei a isca.

— Tudo bem — respondi calmamente. — Como você quer que eu faça isso?

Dar a Lulu o controle da situação às vezes a acalmava. Lulu pensou.

— Prenda a respiração por cinco segundos.

Um intervalo feliz. Obedeci, e o estudo recomeçou. Aquele foi um de nossos dias legais.

Lulu e eu éramos ao mesmo tempo incompatíveis e ligadíssimas uma à outra. Quando as meninas eram pequenas, eu tinha um arquivo no computador em que registrava diálogos notáveis, palavra por palavra. Eis uma conversa que tive com Lulu quando ela tinha uns sete anos.

A: Lulu, a gente é muito amiga de uma maneira esquisita.

L: É. Uma maneira esquisita e horrível.

A: !!

L: É brincadeira (dando um abraço na mamãe).

A: Vou escrever o que você disse.

L: Não, não escreva! Vai parecer muita maldade!

A: Vou botar a parte do abraço.

Um belo subproduto da minha atuação extrema como mãe foi que Sophia e Lulu ficaram muito amigas: camaradas em armas contra a mãe despótica e fanática.

— Ela é doida — eu ouvia uma dizer baixinho para a outra, rindo.

Mas eu não ligava. Eu não era frágil a exemplo de alguns pais ocidentais. Como eu sempre dizia às meninas:

— Meu papel como mãe é preparar vocês para o futuro, e não fazer com que gostem de mim.

Numa primavera, o diretor da Neighborhood Music School convidou Sophia e Lulu para se apresentarem como dueto de irmãs num evento especial de gala em homenagem à cantora lírica soprano Jessye Norman, que fez o papel de Aida na espetacular ópera de Verdi. Por acaso, a ópera preferida do meu pai é *Aida* — Jed e eu nos casamos ao som da “Marcha triunfal” de *Aida* —, e tomei providências para que meus pais viessem da Califórnia. Usando vestidos longos, as meninas tocaram a *Sonata para violino e piano em mi menor*, de Mozart. Particularmente, acho que a peça era muito madura para elas — os diálogos entre o violino e o piano não funcionaram, não soaram como conversa —, mas ninguém pareceu notar, e as meninas foram um grande sucesso. Depois, Jessye Norman me disse:

— Suas filhas são muito talentosas. Você tem sorte.

Apesar das brigas, aqueles foram alguns dos melhores dias da minha vida.

IO

Marcas de dentes e bolhas

Os pais chineses podem impunemente ter atitudes não permitidas aos ocidentais. Uma vez, quando eu era jovem — talvez mais de uma vez — e desrespeitei minha mãe de modo atroz, meu pai me chamou com raiva de “lixo”, em nosso dialeto materno *hokkien*. Deu muito certo. Eu me senti péssima e envergonhadíssima do que havia feito. Mas isso não prejudicou minha autoestima nem nada parecido. Eu sabia exatamente o quanto ele me respeitava. Não achei que eu não servia para nada nem me senti um lixo.

Já adulta, uma vez fiz a mesma coisa com Sophia, chamando-a de lixo em inglês quando ela foi desrespeitosa comigo. Num jantar, ao contar ter feito isso, de imediato fui posta no ostracismo. Uma convidada chamada Marcy ficou tão perturbada que caiu em prantos e precisou se retirar mais cedo. Minha amiga Susan, a anfitriã, tentou me reabilitar junto aos convidados remanescentes.

— Puxa, é só um equívoco. Amy estava falando metaforicamente, certo, Amy? Você não chamou realmente Sophia de “lixo”.

— Hum, chamei, sim. Mas foi no contexto — tentei explicar. — É coisa de imigrante chinês.

— Mas você não é imigrante chinesa — ressaltou alguém.

— Muito bem observado — concedi. — Não admira que não tenha funcionado.

Eu só estava tentando ser conciliadora. Na verdade, funcionara muito bem com Sophia.

O fato é que os pais chineses podem fazer coisas que pareceriam inimagináveis aos ocidentais — pelas quais eles poderiam até ser processados. As mães chinesas podem dizer para as filhas: “Ei, gordinha, emagreça um pouquinho.” Em compensação, os pais ocidentais devem ter o maior cuidado ao tocar no assunto, falando em termos de saúde e jamais mencionando o palavrão iniciado com a letra G, e suas filhas ainda acabam fazendo terapia por distúrbios alimentares e autoimagem negativa. (Também ouvi uma vez um pai ocidental fazer um brinde à filha adulta chamando-a de “linda e muito competente”. Ela depois me contou que isso a fez se sentir um lixo.) Os pais chineses podem ordenar que os filhos tirem A. Os pais ocidentais só podem pedir que os filhos se esforcem ao máximo. Os pais chineses podem dizer: “Você é preguiçoso. Todos os seus colegas estão na sua frente.” Por sua vez, os pais ocidentais têm de lutar com os próprios sentimentos no que diz respeito à realização, e tentar se convencer de que não estão decepcionados com o que os filhos se tornaram.

Penso muito sobre por que os pais chineses podem tomar essas atitudes impunemente. Acho que há três grandes diferenças entre a mentalidade chinesa e a ocidental.

Primeiro, já notei que os pais ocidentais são ansiosíssimos em relação à autoestima dos filhos. Preocupam-se com o que eles vão sentir se falharem em algo, e vivem tentando tranquilizá-los, enfatizando o quanto eles são bons, apesar do desempenho medíocre num teste ou num recital. Em outras palavras, os pais ocidentais se preocupam com a parte psicológica dos filhos. Os pais chineses, não. Presumem força, não fragilidade, e por isso agem de maneira muito diferente.

Por exemplo, se uma criança chega em casa com um A-menos na prova, um pai ocidental muito provavelmente irá elogiá-la. A mãe chinesa soltará uma exclamação de horror e perguntará o que deu errado. Se a criança chega em casa com B num teste, alguns pais ocidentais ainda assim a elogiam. Outros chamarão o filho e expressarão sua desaprovação, mas terão o cuidado de não o fazer se sentir mal nem

inseguro, e não o chamarão de “burro”, “inútil”, nem “uma vergonha”. Em particular, os pais ocidentais podem achar que o filho não se dá bem em provas, ou não tem aptidão para o assunto, ou que há algo de errado com o currículo e possivelmente com a escola toda. Se as notas do filho não melhoram, os pais podem acabar marcando uma reunião com o diretor da escola para discutir a metodologia das aulas da matéria ou questionar as credenciais do professor.

Se uma criança chinesa tira um B — o que nunca acontece —, primeiramente haveria uma explosão de gritos e arrancar de cabelos. A mãe chinesa, arrasada, então arranjará dezenas, talvez centenas de testes simulados e os faria com o filho pelo tempo que fosse necessário para que ele conseguisse tirar A. Os pais chineses pedem notas primorosas porque acham que a criança pode tirá-las. Se a criança não tira, o pai chinês presume que não houve esforço o bastante. Por isso a solução para o desempenho deficiente é sempre criticar, punir e envergonhar a criança. O pai chinês acha que o filho será forte o suficiente para aguentar a vergonha e melhorar a partir daí. (E, quando as crianças chinesas se destacam, os pais lhe fazem muitos elogios rasgados que inflam o ego delas, porém, no recesso do lar.)

Segundo, os pais chineses acham que seus filhos lhes devem tudo. O motivo disso é meio obscuro, mas provavelmente é uma combinação da piedade filial confuciana com o fato de que os pais se sacrificaram e fizeram muito pelos filhos. (É verdade que as mães chinesas vão à luta, dedicando pessoalmente longas horas exaustivas, treinando, interrogando e espionando os filhos, dando-lhes aulas particulares.) Enfim, o acordo é de que os filhos chineses devem retribuir obedecendo sempre aos pais e sendo para eles motivo de orgulho. Mas não acho que a maioria dos ocidentais considere que os filhos estejam em dívida permanente com os pais. Jed, na verdade, acha o oposto.

— Os filhos não escolhem os pais — disse-me ele uma vez. — Eles nem escolhem nascer. São os pais que impingem a vida aos filhos, portanto é responsabilidade dos pais sustentá-los. Os filhos nada devem aos pais. Seu dever será para com seus filhos.

Acho essa uma situação terrível para o pai ocidental.

Terceiro, os pais chineses julgam saber o que é melhor para os filhos e, portanto, ignoram todos os desejos e preferências deles. Por isso as meninas chinesas não podem ter namorados no ensino médio e os meninos chineses não podem ir para colônias de férias. Por isso também nenhuma criança chinesa jamais ousaria dizer à mãe: “Eles me deram um papel na peça da escola! Sou o Aldeão Número Seis. Vou ter que ficar na escola até mais tarde para ensaiar todos os dias de 15h às 19h, e também vou precisar de carona nos fins de semana.” Pobre da criança chinesa que tentar fazer isso.

Não me entenda mal: não que os pais chineses não se importem com os filhos. Pelo contrário. Eles abririam mão de qualquer coisa pelos filhos. É simplesmente um modelo de criação completamente diferente. Eu a chamo de chinesa, mas, conhecendo muitos pais não chineses — em geral coreanos, indianos ou paquistaneses — que têm uma mentalidade muito parecida, talvez seja uma característica de imigrantes. Ou talvez seja a combinação de ser imigrante e pertencer a determinadas culturas.

Jed foi criado segundo um modelo muito diferente. Nenhum de seus pais era imigrante. Tanto Sy quanto Florence nasceram e foram criados próximo a Scranton, Pensilvânia, em famílias de judeus ortodoxos. Ambos perderam a mãe cedo e tiveram uma infância opressiva e infeliz. Depois de casados, saíram da Pensilvânia o mais depressa possível e acabaram se instalando em Washington, D.C., onde Jed, o irmão e a irmã mais velhos nasceram. Como pais, Sy e Florence estavam decididos a dar aos filhos o espaço e a liberdade de que foram privados na infância. Acreditavam na escolha individual e valorizavam a independência, a criatividade e o questionamento da autoridade.

Havia um mundo de diferença entre meus pais e os de Jed. Os pais de Jed lhe deixaram escolher se queria aprender violino (o que ele não quis, e agora lamenta) e o consideravam um ser humano dotado de opiniões. Meus pais não me deixaram escolher nada, nem nunca pediram minha opinião. Todo ano, os pais de Jed deixavam que ele e os irmãos passassem o verão inteiro se divertindo num lugar idílico chamado Crystal Lake. Jed diz que essas temporadas foram das melhores épocas de

sua vida, e tentamos levar Sophia e Lulu a Crystal Lake quando podemos. Enquanto isso, eu tinha de fazer programação de computador — eu odiava os verões. (Katrin, minha irmã sete anos mais nova e alma gêmea, além de fazer programação, lia livros de gramática e aprendeu sozinha a fazer análise sintática por diagramas como passatempo.) Os pais de Jed tinham bom gosto e colecionavam arte. Meus pais, não. Os pais de Jed pagaram parte, mas não a totalidade da educação dele. Os meus sempre pagaram tudo, mas esperavam ao menos ser cuidados e tratados com respeito e devoção quando ficassem velhos. Os pais dele nunca tiveram tais expectativas.

Os pais de meu marido muitas vezes saíam de férias sem os filhos. Viajavam com amigos para lugares perigosos como a Guatemala (onde quase foram sequestrados), Zimbábue (onde fizeram um safári) e Borobudur, Indonésia (onde ouviram o gamelão). Meus pais nunca saíram de férias sem as quatro filhas, e por isso tínhamos de ficar em alguns hotéis muito baratos. Criados no mundo em desenvolvimento, meus pais não iriam a Guatemala, Zimbábue ou Borobudur nem se fossem pagos. Em vez disso, eles nos levavam para a Europa, para lugares onde havia governo.

Embora Jed e eu não tenhamos negociado a questão de forma explícita, basicamente adotamos em casa o modelo chinês de criar os filhos. Houve várias razões para isso. Primeiro, como fazem muitas mães, era eu que me ocupava de quase tudo relativo à educação das crianças, portanto, fazia sentido que o meu estilo de criação prevalecesse. Embora Jed e eu tivéssemos a mesma profissão e eu fosse tão ocupada quanto ele em Yale, era eu que supervisionava os deveres, as aulas de mandarim e todo o estudo de piano e violino das meninas. Segundo, independentemente do meu ponto de vista, Jed já achava que os pais deviam ser rígidos com os filhos. Costumava reclamar de famílias em que os pais nunca diziam não aos filhos — ou, pior, diziam, mas não impunham o que diziam. Embora fosse bom em dizer não às meninas, Jed não tinha um plano definido para elas. Nunca lhes teria imposto atividades como piano ou violino se elas tivessem recusado. Ele não se julgava cem por cento capaz de fazer as escolhas certas para elas. Foi aí que entrei.

Provavelmente o mais importante, porém, foi ficarmos com o modelo chinês porque não dava para questionar os resultados iniciais. Outros pais viviam nos

perguntando qual era nosso segredo. Sophia e Lulu eram crianças-modelo. Em público, eram educadas, interessantes, prestativas e muito elogiadas. Eram alunas de nota A, e Sophia estava dois anos à frente de suas colegas em matemática. Eram fluentes em mandarim. E todo mundo ficava maravilhado em vê-las tocar música clássica. Em suma, elas eram exatamente como as crianças chinesas.

Isso em termos. Fizemos a primeira viagem à China com as meninas em 1999. Sophia e Lulu têm cabelo castanho, olhos castanhos e feições asiáticas; ambas falam chinês. Sophia come órgãos e organismos de todo tipo — a membrana entre os dedos do pato, orelha de porco, lesmas marinhas —, outro aspecto crucial da identidade chinesa. Mas em todos os lugares aonde fomos na China, incluindo a cosmopolita Xangai, minhas filhas atraíam curiosos locais, que olhavam, riam e apontavam para as “duas estrangeiras que falam chinês”. No Centro de Criação de Pandas Chengdu, em Sichuan, enquanto fotografávamos pandas gigantes recém-nascidos — criaturas cor-de-rosa com aspecto de larva contorcida que raramente sobrevivem —, os turistas chineses fotografavam Sophia e Lulu.

Alguns meses depois, em New Haven, quando de passagem eu me referia a Sophia como chinesa, ela me interrompeu:

— Mamãe, eu não sou chinesa.

— É, sim.

— Não, mamãe. Só você acha que eu sou. Ninguém na China me considera chinesa. Ninguém nos Estados Unidos me considera chinesa.

Isso me incomodou muito, mas tudo o que eu disse foi:

— Bem, estão todos errados. Você é chinesa.

Sophia teve o primeiro grande momento musical em 2003, quando ganhou o Concurso de Concerto da Grande New Haven aos dez anos, conquistando o direito de se apresentar ao piano como solista acompanhada de uma orquestra jovem de New Haven, na capela Battel da Universidade de Yale. Fiquei louca. Ampliei o artigo sobre Sophia que saiu no jornal local e emoldurei. Convidei mais de cem pessoas para o concerto e planejei uma enorme festa para depois. Comprei para Sophia um vestido longo e sapatos novos. Os quatro avós vieram. Na véspera da apresentação,

minha mãe estava em nossa cozinha fazendo centenas de bolas de pérola (almôndegas de carne de porco cobertas com arroz branco pegajoso), enquanto Florence fazia quatro quilos e meio de *gravlax* (salmão curado com sal marinho embaixo de um bloco).

Enquanto isso, no front dos ensaios, entramos numa atividade frenética. Sophia ia tocar o *Rondó em ré maior para piano e orquestra*, de Mozart, uma das peças mais edificantes do compositor. Mozart é notoriamente difícil. Sua música é famosa por ser borbulhante, brilhante, efervescente e simples — adjetivos que aterrorizam a maioria dos músicos. Há um ditado que diz que só os jovens e os velhos conseguem tocar Mozart bem: os jovens por não terem consciência, e os velhos por já não estarem tentando impressionar ninguém. O *Rondó* de Sophia era Mozart clássico. Sua professora Michelle lhe disse:

— Quando estiver tocando as volatas e os trinados, pense em champanhe ou num refrigerante italiano, e em todas aquelas bolhas subindo.

Sophia estava à altura de qualquer desafio. Aprendia incrivelmente depressa e tinha dedos rápidos como um raio. E o melhor de tudo é que me ouvia em tudo.

A essa altura, eu virara um sargento de treinamento. Dividi o *Rondó*, às vezes por partes, às vezes por objetivo. Passávamos uma hora concentrando-nos apenas na articulação (clareza das notas), depois no tempo (com o metrônomo), seguida de outra hora na dinâmica (alto, suave, crescendo, decrescendo), depois outra no fraseado (dando forma às falas musicais), e assim por diante. Trabalhamos diariamente até tarde da noite durante semanas. Eu não poupava palavras ásperas e endurecia mais ainda quando Sophia ficava com lágrimas nos olhos.

Quando afinal chegou o grande dia, de repente fiquei paralisada. Eu não poderia nunca ser uma intérprete. Mas Sophia parecia apenas entusiasmada. Na capela Battel, quando entrou no palco para fazer seu cumprimento de solista, estava toda sorridente, e eu via que estava feliz. Assistindo a Sophia tocar a peça — no imponente salão de carvalho escuro, ela parecia minúscula e corajosa ao piano —, senti uma dor indescritível no coração.

Depois, amigos e estranhos vieram dar parabéns a Jed e a mim. A apresentação de Sophia foi de tirar o fôlego, disseram, sua interpretação muito graciosa e elegante. Sophia era claramente uma pessoa para Mozart, disse-nos uma sorridente Michelle, e ela nunca tinha ouvido o *Rondó* soar tão viçoso e cintilante.

— É óbvio que ela está curtindo — disse-me Larry, o alvoroçado diretor da Neighborhood Music School. — A pessoa não pode tocar tão bem se não estiver se divertindo.

Por alguma razão, o comentário de Larry me fez lembrar um incidente de muitos anos antes, quando Sophia tinha acabado de começar a estudar piano, mas eu já a pressionava muito. Jed descobriu umas marcas engraçadas no piano, na madeira bem acima do dó médio. Quando perguntou a Sophia a respeito, uma expressão de culpa tomou conta dela.

— O que você disse, papai? — perguntou de forma evasiva.

Jed se agachou e examinou as marcas mais de perto.

— Sophia — disse ele devagar —, será que podem ser marcas de dente?

Afinal eram. Depois de novo interrogatório, Sophia, que devia ter seis anos na época, confessou que muitas vezes mordida o piano. Quando Jed explicou que o piano era o móvel mais caro que possuíamos, Sophia prometeu não fazer mais isso. Não sei bem o que me fez lembrar daquele episódio.

II

“O burrinho branco”

Eis uma história a favor da coerção, no estilo chinês. Lulu tinha sete anos, ainda tocava dois instrumentos e estava estudando uma peça chamada “O burrinho branco”, do compositor francês Jacques Ibert. A peça é uma gracinha — pode-se exatamente imaginar um burrinho andando numa estrada de interior com seu dono —, mas também é difícilima para jovens intérpretes, porque as duas mãos devem manter ritmos esquizofrenicamente diferentes.

Lulu não conseguia fazer isso. Passamos uma semana estudando a peça sem parar, exercitando cada mão em separado repetidas vezes. Mas sempre que tentávamos juntar as duas, uma sempre se transformava na outra, e tudo desmoronava. Afinal, na véspera da aula, Lulu anunciou exasperada que ia desistir e saiu batendo pé.

— Volte para o piano já — ordenei.

— Você não pode me obrigar.

— Posso, sim.

De volta ao piano, Lulu me fez pagar. Esperneou, deu socos e pontapés. Rasgou em pedacinhos a partitura. Reconstituí-a com fita adesiva e a coloquei dentro de uma capa de plástico para que nunca mais pudesse ser destruída. Depois, levei a casa de bonecas de Lulu para o carro e lhe disse que iria doá-la, peça por peça, para o Exército da Salvação se ela não estivesse tocando “O burrinho branco” com perfeição

no dia seguinte. Quando Lulu disse “Achei que você ia para o Exército da Salvação, por que continua aqui?”, ameacei deixá-la sem almoço, jantar, presentes de Natal ou Chanucá, sem festa de aniversário durante dois, três, quatro anos. Quando ela continuou tocando a música errado, eu lhe falei que fazia aquele estardalhaço todo porque, no fundo, temia não conseguir tocar. Devia deixar de ser preguiçosa, covarde, autocomplacente e patética.

Jed me chamou de lado. Disse-me para parar de insultar Lulu — o que eu nem sequer estava fazendo, estava só motivando-a — e que não achava que adiantava ameaçá-la. E arrematou: talvez Lulu apenas não conseguisse mesmo reproduzir a técnica — talvez ainda não tivesse coordenação —, será que eu considerara essa possibilidade?

— Você simplesmente não acredita nela — acusei.

— Isso é um absurdo — retrucou Jed com desdém. — Claro que acredito.

— Sophia sabia tocar a peça quando tinha essa idade.

— Mas Lulu e Sophia são pessoas diferentes — ressaltou Jed.

— Ah, não, essa não — disse eu revirando os olhos. — Todo mundo é especial à sua maneira especial — arremedei com sarcasmo. — Até os fracassados são especiais à sua maneira especial. Bem, não se preocupe, você não precisa levantar um dedo. Estou disposta a levar o tempo que for necessário e fico feliz em ser a pessoa odiada. Você pode ser a adorada porque faz panquecas para elas e as leva a jogos dos Yankees.

Arregacei as mangas e voltei a Lulu. Usei todas as armas e táticas em que consegui pensar. Trabalhamos noite adentro sem parar para jantar, e não deixei Lulu se levantar nem sequer para beber água ou ir ao banheiro. A casa virou uma zona de guerra, fiquei sem voz, gritando, mas mesmo assim parecia que ela só andava para trás, e até eu comecei a ter dúvidas.

Então, de repente, Lulu conseguiu. Suas mãos se acertaram — a direita e a esquerda, cada uma executava a própria tarefa imperturbável — de uma hora para outra.

Lulu percebeu isso ao mesmo tempo que eu. Prendi a respiração. Ela tentou de novo de forma hesitante. Então tocou com mais segurança e mais depressa, e mesmo

assim o ritmo se manteve. Um segundo depois, ela ria de orelha a orelha.

— Mamãe, olhe, é fácil!

Depois disso, ela só queria tocar a peça e não saía do piano. Naquela noite, veio dormir na minha cama, e ficamos enroscadas nos abraçando, cada uma fazendo a outra morrer de rir. Quando ela tocou “O burrinho branco” num recital, algumas semanas depois, os pais vinham me dizer:

— Que peça perfeita para a Lulu. É tão impetuosa e tão *ela*.

Até Jed teve de reconhecer meu mérito. Os pais ocidentais se preocupam muito com a autoestima dos filhos. Mas uma das piores coisas que um pai ou uma mãe pode fazer para a autoestima do filho é deixá-lo desistir. Por outro lado, nada dá mais confiança à pessoa do que ver que ela é capaz de fazer algo de que se julgava incapaz.

Há todos esses livros novos aí retratando as mães asiáticas como pessoas ardilosas, desalmadas, que trabalham em excesso e são indiferentes aos verdadeiros interesses dos filhos. Por sua vez, muitos chineses, no íntimo, acreditam que se importam mais com os filhos e se dispõem a sacrificar muito mais por eles do que os ocidentais, que parecem perfeitamente satisfeitos em deixar os filhos não darem certo. Acho que essa é uma interpretação equivocada de ambas as partes. Todos os pais decentes querem fazer o que é melhor para os filhos. Só que os chineses têm uma ideia completamente diferente de como fazê-lo.

Os pais ocidentais tentam respeitar a individualidade dos filhos, incentivando-os a ir atrás de suas verdadeiras paixões, apoiando suas escolhas e fornecendo um reforço positivo e um ambiente educativo. Mas os chineses acreditam que a melhor maneira de proteger os filhos é prepará-los para o futuro, deixando que vejam do que são capazes e munindo-os de habilidades, hábitos de trabalho e uma segurança interna que ninguém lhes pode tirar.

A cadência



Lulu e a malvada aqui, num quarto de hotel (com a partitura colada na tevê)

Lulu suspirou. Eu levava as crianças da escola para casa e estava de mau humor. Sophia acabava de me lembrar que seu Festival Medieval da sexta série estava chegando, e não há nada que eu odeie mais que esses festivais e projetos que as escolas particulares são especialistas em inventar. Em vez de fazer as crianças estudarem em livros, as escolas vivem tentando se divertir, obrigando os pais a realizarem todo o trabalho.

Para o projeto “Passaporte para o mundo inteiro” de Lulu tive de preparar um prato equatoriano (frango guisado durante quatro horas com urucum, servido com banana-da-terra frita), arrumar um artefato equatoriano (uma lhama entalhada da Bolívia — ninguém sabia a diferença) e descobrir um equatoriano de verdade para Lulu entrevistar (um aluno da graduação que recrutei). O trabalho de Lulu foi fazer o passaporte — uma folha de papel dobrada em quatro e rotulada de “Passaporte” — e comparecer ao festival de comida internacional, que apresentava pratos de cem países, cada qual preparado por um pai ou uma mãe diferente.

Mas isso não foi nada comparado ao Festival Medieval, o ponto alto do ano na sexta série. Para isso, cada aluno devia ter um traje medieval feito em casa, que não podia ter sido alugado nem parecer muito caro. Cada aluno devia levar um prato medieval preparado de uma forma autêntica. Finalmente, cada aluno precisava construir uma moradia medieval.

Portanto, eu estava mal-humorada naquele dia, tentando imaginar que arquiteto contratar — e como me certificar de que não fosse um dos pais de outro aluno — quando Lulu tornou a suspirar mais fundo.

— Minha amiga Maya é muito sortuda — disse ela com tristeza. — Ela tem muitos bichos de estimação. Dois papagaios, um cachorro e um peixe.

Não respondi. Eu já passara por isso muitas vezes com Sophia.

— E dois porquinhos-da-índia

— Talvez por isso ela esteja só no Livro 1 do violino — disse eu. — Porque está muito ocupada tomando conta dos bichos.

— Eu gostaria de ter um animal de estimação.

— Você já tem um — falei. — Seu violino é seu animal de estimação.

Nunca fui muito ligada em animais e não tive bicho de estimação quando criança. Não fiz um estudo empírico rigoroso, mas imagino que quase nenhuma das famílias chinesas imigrantes nos Estados Unidos tem animais de estimação. Os pais chineses já são muito ocupados em repreender os filhos para criar um animal de estimação. E em geral vivem financeiramente apertados — meu pai usou o mesmo par de sapatos para trabalhar durante oito anos —, e ter um animal de estimação é um luxo. Finalmente, os chineses têm uma atitude diferente em relação aos animais, em especial cães.

Enquanto no Ocidente o cão sempre foi considerado um companheiro leal, na China ele figura no cardápio. Isso é tão perturbador que parece uma afronta étnica, mas infelizmente é verdade. A carne de cachorro, em particular a carne jovem, é considerada uma iguaria na China, mais ainda na Coreia. Eu nunca comeria carne de cachorro. Eu adorava a Lassie. O fiel e inteligente cão de Caddie Woodlawn, Nero, que consegue voltar de Boston para Wisconsin, é um dos meus personagens literários

favoritos. Mas há uma grande diferença entre não comer cachorro e ter um, e nunca me ocorreu nem sequer remotamente que teríamos um cão em casa. Eu simplesmente não via por quê.

Enquanto isso, as sessões de exercícios de violino com Lulu ficavam cada vez mais angustiantes.

— Pare de me rondar — dizia ela. — Você me lembra Lorde Voldemort. Não consigo tocar quando você fica parada tão perto de mim.

Ao contrário dos pais ocidentais, fazer minha filha se lembrar de Lorde Voldemort não me incomodava. Eu me limitava a tentar permanecer concentrada.

— Faça uma coisinha para mim, Lulu — dizia eu, de modo razoável. — Uma coisinha: toque a frase de novo, mas desta vez mantenha o seu *vibrato* absolutamente constante. E passe da primeira para a terceira posição com suavidade. E lembre-se de usar o arco inteiro, porque é *fortissimo*, com um movimento do arco um pouco mais acelerado no final. E não se esqueça de manter o polegar direito dobrado e o mindinho esquerdo curvado. Vá em frente. Toque.

A reação de Lulu era não fazer nada do que eu lhe pedia. Quando eu me exasperava, ela dizia:

— Como? O que você quer que eu faça de novo?

Às vezes, quando eu estava dando instruções, Lulu dedilhava as cordas com força, como se estivesse tocando banjo. Ou, pior ainda, começava a girar o violino como se fosse um laço até eu gritar horrorizada. Quando eu lhe mandava endireitar a postura e levantar o violino, ela às vezes se atirava no chão e se fazia de morta, com a língua de fora. E sempre o mesmo refrão:

— Já terminamos?

Mas às vezes Lulu parecia adorar o violino. Depois de ensaiar comigo, de vez em quando ela queria tocar mais sozinha, e enchia a casa com seus belos tons, esquecida da hora. Pedia para levar o violino à escola e voltava para casa corada e satisfeita depois de tocar para sua turma. Ou chegava correndo para mim quando eu estava no computador e dizia:

— Mamãe, adivinhe qual é a minha parte favorita no Bach! — Eu tentava adivinhar. Na verdade acertava 70% das vezes, e ela falava “Como é que você sabia?” ou “Não, é *essa* parte. Não é bonita?”

Não fossem esses momentos, eu provavelmente teria desistido. Ou talvez não. De qualquer modo, assim como no caso de Sophia e o piano, eu tinha as maiores esperanças para Lulu e o violino. Eu queria que ela ganhasse o Concurso de Concerto da Grande New Haven para que também pudesse tocar como solista na capela Battel. Queria que ela se tornasse o primeiro violino da melhor orquestra jovem. Queria que ela fosse a melhor violinista do estado — e isso era para começar. Eu sabia que só assim Lulu poderia ser feliz. Portanto, quanto mais Lulu perdia tempo — implicando comigo, ensaiando sem entusiasmo, fazendo palhaçadas —, mais eu a fazia tocar.

— Vamos tocar essa peça direito — dizia eu —, custe o que custar. Depende de você. Podemos ficar aqui até a meia-noite se for necessário.

E às vezes ficávamos.

— Minha amiga Daniela ficou assombrada com quanto eu treino — disse-me Lulu uma tarde. — Ela não conseguiu acreditar. Eu disse seis horas por dia, e ela falou...

E aqui Lulu imitava Daniela boquiaberta.

— Você não devia ter dito seis horas, Lulu. Ela vai ter uma ideia errada. São seis horas quando você perde cinco.

Lulu fingiu que não ouviu.

— Daniela ficou com pena de mim. Perguntou quando eu tinha tempo para fazer outra coisa. Respondi que não tenho muito tempo para fazer nada divertido porque sou chinesa.

Mordi a língua e fiquei quieta. Lulu vivia reunindo aliados, congregando suas tropas. Mas eu não ligava. Nos Estados Unidos, todo mundo sempre tomaria o partido dela. Eu não iria deixar que a pressão das pessoas da turma dela me atingisse. Nas poucas vezes que deixei, me arrependi.

Uma vez, por exemplo, deixei Sophia participar de uma festa em que as meninas passavam a noite na casa de uma amiga. Foi uma exceção. Quando eu era pequena, minha mãe dizia:

— Por que você precisa dormir na casa dos outros? Qual é o problema com a sua família?

Como mãe, adotei a mesma posição, mas nessa ocasião Sophia implorava, e, num momento de fraqueza rara, finalmente cedi. Na manhã seguinte, ela voltou não só exausta (e incapaz de estudar piano direito), mas também mal-humorada e infeliz. Acontece que passar a noite na casa dos outros não é nada divertido para a maioria das crianças — é um tipo de castigo que os pais inconscientemente infligem aos filhos com sua permissividade. Após extrair informações de Sophia, eu soube que A, B e C haviam excluído D; B falara horrores de E quando ela estava na outra sala, e F, de doze anos, passara a noite inteira falando sobre suas proezas sexuais. Sophia não precisava ser exposta ao que havia de pior na sociedade ocidental, e eu não iria deixar que trivialidades como “Criança precisa experimentar” ou “Elas precisam cometer os próprios erros” me desorientassem.

Há muitas coisas que os chineses fazem de modo diferente dos ocidentais. Há a questão do “ponto extra”, por exemplo. Uma vez, Lulu chegou em casa e me contou sobre uma prova de matemática que acabara de fazer. Disse-me achar que se saíra muitíssimo bem, por isso não sentira necessidade de fazer os problemas para ganhar um ponto extra.

Fiquei muda por um segundo, sem compreender.

— Por que não? — perguntei. — Por que não fez?

— Eu não queria perder o recreio.

Um postulado fundamental da “chinesice” é que o chinês sempre faz, o tempo todo, tudo que for preciso para ter um ponto extra.

— Por quê? — perguntou Lulu, quando lhe expliquei.

Para mim, era o mesmo que perguntar por que eu devia respirar.

— Nenhuma das minhas amigas faz — completou.

— Não é verdade — retruquei. — Tenho certeza absoluta de que Amy e Junno ganharam o ponto extra.

Amy e Junno eram as crianças asiáticas da mesma sala de Lulu. E eu estava certa em relação a elas. Lulu admitiu isso.

— Mas Rashad e Ian também ganharam o ponto extra e não são asiáticos — acrescentou.

— Aha! Muitos dos seus amigos ganharam, *sim*, o ponto extra! Eu não disse que só os asiáticos fazem isso. Qualquer pessoa com bons pais sabe que deve conseguir o ponto extra. Estou chocada, Lulu. O que a professora vai pensar de você? Você foi para o *recreio* em vez de procurar obter o *ponto extra*?

Eu estava quase chorando.

— Ponto extra não é *extra*. É só *ponto*. É o que separa os bons alunos dos maus.

— Ah, o recreio é muito divertido — propôs Lulu como saída final.

Mas, depois disso, ela, como Sophia, passou a fazer trabalho para receber o ponto extra. Às vezes, as meninas ganhavam mais pontos aí que na própria prova — um absurdo que nunca aconteceria na China. O ponto extra é uma das razões pelas quais as crianças asiáticas tiram notas tão boas nos Estados Unidos.

Exercícios de decoreba são outra. Uma vez Sophia tirou segundo lugar num teste de multiplicação rápida que sua professora de quinta série aplicava toda sexta-feira. Ela perdeu para um garoto coreano chamado Yoon-seok. Na semana seguinte, obriguei Sophia a fazer vinte testes simulados (com cem problemas cada) todas as noites, e fiquei cronometrando o tempo. Depois disso, ela sempre tirou primeiro lugar. Pobre Yoon-seok. Voltou para a Coreia com a família, mas provavelmente não por causa do teste de rapidez.

Praticar mais que qualquer outra pessoa também é uma das razões pelas quais as crianças asiáticas são predominantes nos melhores conservatórios de música. Era assim que Lulu impressionava o Sr. Shugart todo domingo com a velocidade dos seus progressos.

— Você pega muito depressa — dizia ele com frequência. — Vai ser uma grande violinista.

No outono de 2005, quando Lulu tinha nove anos, o Sr. Shugart disse:

— Lulu, acho que você está pronta para tocar um concerto. O que diz de darmos um tempo nos livros Suzuki?

Ele queria que ela aprendesse o *Concerto n.º 23 em sol maior* de Viotti.

— Se você trabalhar com afinco, Lulu, aposto que pode estar com o primeiro movimento pronto para o recital de inverno. A única questão — acrescentou ele pensativo — é que há uma cadência difícil na peça.

O Sr. Shugart era esperto e entendia Lulu. Uma cadência é uma seção especial, em geral perto do fim de um movimento de um concerto, na qual o solista toca sem acompanhamento.

— É uma espécie de chance para se exhibir — disse o Sr. Shugart —, mas é muito longa e difícil. A maioria das crianças da sua idade não teria capacidade de tocá-la.

Lulu pareceu interessada.

— É de que tamanho?

— A cadência? — perguntou o Sr. Shugart. — Ah, é muito longa. Tem mais ou menos uma página.

— Acho que posso tocar — disse Lulu. Ela era muito segura e, desde que não fosse algo imposto por mim, adorava um desafio.

Mergulhamos no Viotti, e as batalhas recrudesceram.

— Calma, mamãe — dizia Lulu de modo irritante. — Você está começando a ficar histérica e a respirar de um jeito engraçado de novo. Ainda temos um mês para ensaiar.

Eu só conseguia pensar no trabalho que tínhamos pela frente. Embora relativamente simples, o concerto de Viotti estava num patamar bem acima do das peças com que Lulu estava acostumada. A cadência era cheia de rápidos cruzamentos de cordas e de “acordes duplos” e “acordes triplos” — notas tocadas simultaneamente em duas ou três cordas diferentes, como no piano —, difíceis de tocar sem desafinar.

Eu queria que a cadência ficasse ótima. Isso se tornou uma espécie de obsessão para mim. O resto do Viotti era aceitável — algumas partes eram meio pedantes —, mas o Sr. Shugart tinha razão. A cadência fazia tudo valer a pena. Mais ou menos uma semana antes do recital, vi que a cadência de Lulu tinha potencial para ser espetacular. Ela fazia as partes melódicas sobressaírem de forma deliciosa. De alguma maneira, isso era intuitivo nela. Mas nem de longe as partes que exigiam precisão técnica eram tão boas — em particular uma série de zunidos de acordes duplos com cordas cruzadas perto do fim. Durante os ensaios, nunca se sabia como seriam essas passagens. Se estivesse de bom humor e concentrada, Lulu acertava. Se estivesse de mau humor ou distraída, a cadência desafinava. O pior era que eu não tinha controle sobre o estado de espírito dela.

Então tive uma epifania.

— Lulu — disse eu. — Tenho uma proposta para fazer a você.

— Ah, não, de novo não — gemeu Lulu.

— Essa é boa, Lulu. Você vai gostar.

— Qual é? Ensaie duas horas e não vai ter que pôr a mesa? Não, obrigada, mamãe.

— Lulu, me escute só um segundo. Se você tocar a cadência muito bem no próximo domingo, se tocar melhor que nunca, eu dou a você uma coisa que você vai achar incrível, uma coisa que *eu sei que você vai adorar*.

Lulu fez cara de desdém.

— Você quer dizer um biscoito? Ou cinco minutos jogando no computador?

Fiz que não com a cabeça.

— Uma coisa a que você não vai conseguir resistir.

— Combinar de ir brincar com alguém?

Fiz que não com a cabeça.

— Chocolate?

Tornei a balançar a cabeça, e foi minha vez de olhá-la com desdém.

— Acha que eu penso que você não resiste a chocolate? Conheço você melhor que isso, Lulu. Tenho na cabeça uma coisa que você NUNCA vai adivinhar.

E eu estava certa. Ela não adivinhou, talvez porque estivesse completamente fora do âmbito de possibilidades, dados os fatos disponíveis.

No fim, contei-lhe.

— É um animal de estimação. Um cachorro. Se você me der uma cadência maravilhosa domingo que vem eu compro um cachorro para a gente.

Pela primeira vez na vida Lulu ficou pasma.

— Um... cachorro? — repetiu. — De carne e osso? — acrescentou desconfiada.

— É. Um filhote. Você e Sophia podem decidir escolher a raça.

E foi assim que me superei em astúcia, modificando nossas vidas para sempre.

Parte II

O Tigre vive tenso e gosta de ter pressa. É muito seguro, talvez seguro demais, às vezes. Gosta de ser obedecido, e não o inverso. Entre as profissões adequadas ao Tigre estão agente de publicidade, gerente de escritório, agente de viagens, ator, escritor, piloto, comissário de bordo, músico, comediante e motorista.

I3

Coco

Coco é nossa cadela, o primeiro bicho que já tive. Não é o primeiro de Jed. Ele teve um vira-lata chamado Frisky quando era garoto. Frisky, que latia muito, foi raptado e executado por vizinhos cruéis enquanto Jed e a família estavam de férias. Pelo menos foi disso que Jed sempre desconfiou. É possível que Frisky tenha apenas se perdido e sido recolhido por uma família amorosa de Washington, D.C.

Tecnicamente, Coco também não era o primeiro animal de estimação de Sophia e Lulu. Tivemos um primeiro calvário que felizmente durou pouco. Quando as meninas eram muito pequenas, Jed lhes deu dois coelhos chamados Whiggy e Tory, uma referência aos partidos políticos britânicos. Antipatizei com a dupla tão logo a vi e não quis qualquer envolvimento. Os bichos eram burros e não correspondiam ao que se afirmava sobre eles. Quem os vendeu disse a Jed que eram coelhos anões e ficariam sempre pequeninos e fofos. Era mentira. Em semanas, estavam enormes e gordos. Andavam como lutadores de sumô — eram iguais a lutadores de sumô — e mal cabiam na gaiola de 50cm x 70cm. Também viviam tentando acasalar, apesar de serem dois machos, tornando as coisas muito constrangedoras para Jed.

— O que estão fazendo, papai? — perguntavam as meninas.

Um dia, os coelhos acabaram fugindo misteriosamente.

Coco é uma samoiedo, raça de cães brancos e fofos do tamanho de um *husky* siberiano, com olhos escuros amendoados. Os samoiedos são famosos pela cara sorridente e pelo rabo exuberante, curvando-se sobre a garupa. Coco tem o sorriso samoiedo e um pelo branco de doer a vista. Por alguma razão, o rabo de Coco é um pouco curto e parece mais um pompom que uma pluma, mas mesmo assim ela é linda de morrer. Embora não haja nenhuma prova científica, dizem que os samoiedos descendem dos lobos, mas em personalidade são o oposto. São animais meigos, ternos, simpáticos e amorosos, por isso, péssimos cães de guarda. Originários da Sibéria, puxavam trenós durante o dia, à noite mantinham os donos aquecidos dormindo em cima deles. No inverno, Coco nos aquece da mesma maneira. Outra coisa boa nos samoiedos é que eles não têm cheiro de cachorro. Coco tem cheiro de palha fresca, limpa.

Coco nasceu no dia 26 de janeiro de 2006. A menor da ninhada, sempre foi de uma timidez incrível. Quando a pegamos, com três meses, ela era uma bolinha branca trêmula. (Os filhotes de samoiedo parecem ursos polares, não há nada mais fofo.) No carro, ela ficou enroscadinha no canto da caixa, tremendo. Chegou em casa tão assustada que não comia nada. Até hoje, ela é dez por cento menor que a maioria dos samoiedos. Morre de medo de trovão, de voz irritada, de gato e de cachorro pequeno agressivo. Ela ainda não desce os degraus estreitos da escada dos fundos. Em outras palavras, Coco é o oposto do líder da matilha.

No entanto, sem saber nada sobre criação de cachorros, meu primeiro instinto foi aplicar em Coco o método chinês de educar filhos. Eu tinha ouvido falar de cães que sabem contar e fazer a manobra de Heimlich, e o criador nos disse que os samoiedos são muito inteligentes. Eu soubera de muitos samoiedos famosos. Kaifas e Suggen eram os principais cães da famosa tentativa que o explorador Fridtjof Nansen fez de chegar ao Polo Sul, em 1895. Em 1911, um samoiedo chamado Etah foi o cão líder na primeira expedição a encontrar o Polo Sul. Coco era de uma rapidez e de uma agilidade incríveis, e dava para ver que tinha muito potencial. Quanto mais Jed dizia que ela não tinha personalidade de campeã, e que o objetivo de ter um bicho

de estimação não é necessariamente levá-lo ao mais alto nível, mais eu me convencia de que Coco tinha um talento oculto.

Comecei a fazer uma pesquisa extensiva. Comprei muitos livros e gostei especialmente de *The Art of Raising a Puppy* [A arte de criar um filhote], dos monges de New Skete. Fiz amizade com outros donos de cães no meu bairro e recebi dicas úteis sobre parques e atividades para cachorros. Encontrei um lugar que oferecia um curso de jardim de infância para cães, requisito para cursos mais avançados, e nos matriculei.

Mas primeiro havia o fundamental: aprender a fazer as necessidades no lugar certo. Isso se demonstrou mais difícil do que eu esperava. Na verdade, levou vários meses. Quando finalmente tivemos êxito — sempre que precisava ir ao banheiro, Coco corria para a porta e dava sinal —, aquilo parecia um milagre.

Por essa época, incrivelmente, uma exaustão começou a se instalar entre os outros membros de minha família. Jed, Sophia e Lulu pareciam achar que Coco já tinha sido treinada o suficiente — embora a única habilidade que ela dominasse era não se aliviar mais nos nossos tapetes. Eles só queriam abraçar e fazer carinho em Coco, brincar com ela no quintal. Quando viu minha cara de espanto, Jed disse que Coco também sabia sentar e buscar coisas, e que era ótima no Frisbee.

Infelizmente, era só isso que Coco sabia. Ela não respondia ao comando “Venha cá”. E, pior, a menos que partisse de Jed — que já havia demonstrado seu domínio como macho alfa da casa —, Coco não respondia ao comando “Não”, o que significava que ela comia lápis, DVDs e todos os meus melhores sapatos. Sempre que dávamos um jantar, ela fingia estar dormindo na cozinha até servirem os aperitivos. Então, voava para a sala, pegava um patê inteiro e ficava galopando em círculos, enquanto o patê encolhia à medida que ela mastigava. Era tão rápida que a gente não conseguia pegá-la.

Coco também não andava. Só corria desembestada. Isso era um problema para mim, porque só eu passeava com ela, o que, no caso, significava ser arrastada a trinta quilômetros por hora, muitas vezes direto para cima de um tronco de árvore

(quando ela caçava um esquilo). Mostrei tudo isso a minha família, mas ninguém pareceu preocupado.

— Não tenho tempo... preciso estudar piano — resmungava Sophia.

— Por que ela precisa passear? — perguntava Lulu.

Uma vez, quando voltei de um “passeio” com os cotovelos escalavrados e os joelhos sujos de grama, Jed disse:

— É a natureza samoieda dela. Ela acha que você é um trenó e quer te puxar. Vamos esquecer de ensiná-la a passear. Por que a gente simplesmente não arranja uma carroça em que você possa se sentar e fazer Coco te puxar por aí?

Mas eu não queria ser a cocheira do bairro. E não ia desistir. Se o cachorro de todo mundo sabia passear, por que o nosso não sabia? Então, só eu topei o desafio. Seguindo os meus livros, eu conduzia Coco em círculos pela entrada lá de casa, recompensando-a com pedaços de carne se ela não puxasse. Eu emitia ruídos graves sinistros quando ela não obedecia, e ruídos agudos confirmadores quando obedecia. Levava-a para passeios de meio quarteirão que nunca terminavam porque eu tinha de estacar e contar até trinta toda vez que a guia esticava. Finalmente, depois que tudo falhou, peguei uma dica de outro dono de samoiedo e comprei uma coleira elaborada, que apertava o peito de Coco quando ela puxava.

Nessa época, meus glamourosos amigos Alexis e Jordan chegaram de Boston para nos visitar com suas elegantes cadelas negras Millie e Bascha. Irmãs e pastoras australianas, elas tinham a mesma idade de Coco, mas eram menores e educadas. Millie e Bascha eram incrivelmente alertas. Evidentemente cães de pastoreio, elas trabalhavam em equipe e tentavam pastorear Coco, que é meio parecida com uma ovelha — e, perto de Millie e Bascha, agia como tal. Millie e Bascha estão sempre em busca de uma travessura. Conseguem fazer proezas como destrancar portas e abrir caixas de espaguete, coisas que jamais passariam pela cabeça de Coco.

— Caramba — disse eu a Alexis naquela noite enquanto tomávamos um drinque. — Não posso acreditar que Millie e Bascha tenham arranjado água para elas ligando nossa mangueira de jardim. É impressionante.

— Os pastores australianos são como os *Border collies* — disse Alexis. — Talvez por causa da origem de pastoreio, são muito inteligentes, pelo menos segundo os rankings daqueles sites, coisa em que não sei se acredito.

— Rankings? Que rankings? — Servi-me de outra taça de vinho. — Qual é o ranking dos samoiedos?

— Ah... Não me lembro — disse Alexis sem jeito. — Acho que a ideia de valorizar o cachorro pela inteligência é uma bobagem. Eu não me preocuparia com isso.

Tão logo Alexis e Jordan saíram, corri para o computador e procurei na internet “rankings de inteligência canina”. As páginas mais acessadas eram de uma lista dos “Dez cães mais inteligentes”, produzida pelo Dr. Stanley Coren, neuropsicólogo da Universidade da Colúmbia Britânica. Percorri a lista, esperando freneticamente que aparecesse “samoiedo”. Não apareceu. Encontrei uma lista expandida. Os samoiedos ocupavam a 33ª posição entre 79 — não eram os cachorros mais burros (essa honra cabia aos *Afghan hounds*), mas eram definitivamente medianos.

Fiquei nauseada. Pesquisei mais, de modo mais concentrado. Para meu enorme alívio, descobri que era tudo um equívoco. Segundo todos os sites sobre samoiedos de autoria de especialistas nesses cachorros, eles eram extremamente inteligentes. O motivo de não apresentarem propensão a se sair bem em testes de QI canino é que esses testes todos se baseiam na capacidade de adestramento, e os samoiedos são reconhecidamente difíceis de adestrar. Por quê? Exatamente porque são *inteligentes demais*, e portanto podem ser obstinados. Eis uma explicação muito esclarecedora de Michael D. Jones:

Sua inteligência e sua natureza forte e independente fazem com que seja um desafio adestrá-los; enquanto um *Golden retriever*, por exemplo, pode trabalhar *para* o dono, um samoiedo trabalha *com* o dono ou não trabalha. Respeitar o cão é um requisito para o adestramento. Eles aprendem depressa. O truque é ensinar o cão a se comportar bem, sem chegar ao seu limiar de tédio. São essas características que deram aos samoiedos [...] a denominação de “cães de obediência não tradicional”.

Descobri outra coisa. Fridtjof Nansen, o famoso explorador norueguês — e vencedor do Prêmio Nobel da Paz — que quase chegou ao Polo Norte, fizera um extensivo estudo comparativo sobre cães antes de sua expedição de 1895. As descobertas mostraram que “o *samoiedo* ultrapassava outras raças em determinação, concentração, resistência e impulso instintivo para trabalhar em qualquer condição”.

Em outras palavras, contrariando o “estudo” do “Dr.” Stanley Coren, os samoiedos eram de fato excepcionalmente inteligentes e trabalhadores, possuindo mais foco e determinação que outras raças. Fiquei animada. Para mim, essa era uma combinação perfeita de qualidades. Se o único problema era um pouco de teimosia e desobediência, aquilo não era nada com que eu não pudesse lidar.

Uma noite, depois de mais gritaria com as meninas por causa de música, tive uma discussão com Jed. Embora sempre me apoie em tudo, ele receava que eu estivesse forçando a barra, e que em casa houvesse muita tensão e nenhum espaço para respirar. Em troca, acusei-o de ser egoísta e só pensar nele.

— Você só pensa em escrever seus livros e no seu futuro — ataquei. — Que sonhos você tem para Sophia ou para Lulu? Algum dia você pensa nisso? Quais são seus sonhos para Coco?

Jed fez uma cara engraçada e caiu na gargalhada. Veio até mim e me deu um beijo no alto da cabeça.

— Sonhos para Coco. Isso é muito engraçado, Amy — disse ele afetuosamente. — Não se preocupe. Vai dar tudo certo.

Não entendi qual era a graça, mas fiquei feliz por nossa briga ter terminado.

I4

Londres, Atenas, Barcelona, Bombaim

Acho que sou meio dada a fazer sermões. E, como muitos pregadores, tenho alguns temas favoritos a que sempre volto. Por exemplo, há minha Série de Sermões Antiprovincianismo. Só de pensar nesse assunto, fico louca.

Sempre que ouço Sophia e Lulu rirem de um nome estrangeiro — seja Freek de Groot ou Kwok Gum — fico uma fera.

— Vocês têm ideia de como parecem ignorantes e tacanhas? — digo-lhes furiosa. — Jasminder e Parminder são nomes populares na Índia. Quem pode rir, vindo dessa família! Que desgraça. O pai de minha mãe se chamava Go Ga Yong. Acham isso engraçado? Eu devia ter dado esse nome a uma de vocês. Nunca julguem as pessoas pelo nome.

Não acredito que minhas filhas algum dia pudessem rir do sotaque estrangeiro de alguém, mas talvez o fizessem se eu não tivesse prevenido isso. Criança pode ser de uma crueldade terrível.

— Nunca riam de um sotaque estrangeiro — incentivo-as sempre. — Sabem o que é um sotaque estrangeiro? É um sinal de coragem. Os estrangeiros são pessoas que atravessaram o oceano para vir para cá. Meus pais tinham sotaque. Eu tinha sotaque. Fui jogada na pré-escola sem falar uma palavra de inglês. Até a terceira série, os colegas riam de mim. Sabem o que eles estão fazendo agora? São porteiros, é isso.

— Como sabe? — perguntou Sophia.

— Acho que é mais importante, Sophia, você se perguntar como seria se você se mudasse para a China. Você acha que seu sotaque seria perfeito? Não quero que você seja uma americana provinciana. Sabe como os americanos são gordos? E agora, depois de três mil anos de magreza, os chineses na China também estão engordando, e isso é porque estão comendo Kentucky Fried Chicken.

— Mas, espere aí — disse Sophia. — Você não falou que era tão gorda quando era pequena que não cabia em nenhuma roupa comprada pronta, e que sua mãe tinha que costurar para você?

— É verdade.

— E era tão gorda porque se empapuçava de macarrão e dos pastéis que sua mãe fazia — prosseguiu Sophia. — Você uma vez não comeu quarenta e cinco *sio mai*?

— Comi, sim — respondi. — Meu pai ficou muito orgulhoso de mim. Era dez vezes mais do que ele conseguia comer. E três vezes mais do que minha irmã Michelle. Ela era magra.

— Então a comida chinesa também engorda — pressionou Sophia.

Talvez minha lógica não fosse irrefutável. Mas eu estava tentando provar um argumento. Valorizo o cosmopolitismo, e, para garantir que as meninas tenham contato com culturas diferentes, Jed e eu sempre as levamos conosco em todas as nossas viagens — embora, quando elas eram pequenas, às vezes tivéssemos de dormir todos numa cama para arcar com os custos. Por isso, aos doze e aos nove anos, as meninas já haviam estado em Londres, Paris, Nice, Roma, Veneza, Milão, Amsterdã, Haia, Barcelona, Madri, Málaga, Liechtenstein, Mônaco, Munique, Dublin, Bruxelas, Bruges, Estrasburgo, Pequim, Xangai, Tóquio, Hong Kong, Manila, Istambul, Cidade do México, Buenos Aires, Santiago, Rio de Janeiro, São Paulo, La Paz, Sucre, Cochabamba, Jamaica, Tânger, Fez, Joanesburgo, Cidade do Cabo e no rochedo de Gibraltar.

Nós quatro passávamos o ano ansiosos pelas férias. Muitas vezes programávamos nossas viagens para o exterior de modo que coincidissem com as de Cindy e de meus pais, e nós sete viajavamos juntos numa gigantesca van alugada, dirigida por Jed.

Ríamos quando os passantes ficavam nos olhando, tentando entender nossa combinação racial esquisita. (Será que Jed era o filho adotivo de uma família asiática? Ou um traficante de gente nos vendendo como escravos?) Sophia e Lulu adoravam os avós, que eram doidos por elas e as tratavam com uma condescendência absurda, destoando totalmente da forma como me criaram.

As meninas eram especialmente fascinadas por meu pai, que era diferente de todo mundo que elas já tinham conhecido. Ele vivia sumindo nos becos e voltando com braçadas de especialidades locais como *xiaolongbaos* — umas trouxinhas de massa cozidas no vapor, recheadas com carne de porco ou de caranguejo —, em Xangai, ou *socca* — um crepe feito com farinha de grão-de-bico —, em Nice. (Meu pai gosta de experimentar tudo. Em restaurantes ocidentais, ele muitas vezes pede duas refeições principais.) Sempre nos víamos em situações malucas: sem gasolina no alto da passagem de uma montanha, ou compartilhando um vagão de trem com contrabandistas marroquinos. Vivemos grandes aventuras, e essas são recordações que todos guardamos com carinho.

Só havia um problema: ensaiar.

Em casa, as meninas nunca perdiam um único dia no piano e no violino, nem no dia de seus aniversários, ou quando estavam doentes (Advil), ou tinham acabado de fazer uma cirurgia dentária (Tylenol-3 com codeína). Eu não via por que deveríamos perder um dia quando estávamos viajando. Até meus pais criticavam.

— É loucura — diziam, balançando a cabeça. — Deixe as meninas aproveitarem as férias. Alguns dias sem treinar não vão fazer diferença.

Mas os músicos sérios não veem assim. Segundo o professor de violino de Lulu, o Sr. Shugart, “Cada dia que você não se exercita é um dia que você piora”. E, como eu ressaltava para minhas filhas:

— Sabem o que os Kim estarão fazendo enquanto vocês estão de férias? Praticando. Os Kim não tiram férias. Querem que eles passem a nossa frente?

No caso de Lulu, a logística era fácil. O violino era a mala que Lulu levava na cabine do avião e cabia direitinho no bagageiro. As coisas eram mais complicadas com Sophia. Se nosso destino fosse qualquer lugar nos Estados Unidos, umas duas

ligações interurbanas em geral resolviam a questão. Afinal os hotéis americanos têm pianos saindo pelo ladrão. Normalmente há um no bar do lobby e pelo menos dois nos vários salões de conferências. Bastava eu ligar com antecedência para a recepção e reservar o salão de baile do Chicago Marriott de 6h às 8h, ou o salão Wentworth no Pasadena Langham Hotel de 22h à 0h. Às vezes havia uns probleminhas. Em Maui, a recepção do hotel Grand Wailea instalou Sophia num teclado elétrico, no bar Volcano. Mas o teclado tinha duas oitavas a menos para a *Polonaise em dó sustenido menor*, e havia a distração de uma aula de mergulho acontecendo ao mesmo tempo, de modo que Sophia acabou estudando num depósito do subsolo, onde o piano de meia cauda do hotel estava sendo reformado.

Era muito mais difícil encontrar pianos para Sophia em países estrangeiros, e muitas vezes era preciso criatividade. Londres se demonstrou surpreendentemente difícil. Íamos passar quatro dias lá porque Jed ia receber um prêmio pelo seu livro *The Interpretation of Murder* [A interpretação do assassinato], *thriller* histórico baseado na única visita de Sigmund Freud aos Estados Unidos, em 1909. O livro de Jed esteve durante algum tempo em primeiro lugar na lista dos mais vendidos no Reino Unido, e ele foi tratado como uma celebridade. Isso não me ajudou nem um pouco no front musical. Quando perguntei na recepção de nosso hotel boutique de Chelsea (cortesia do editor de Jed) se poderíamos arranjar um tempo para usar o piano da biblioteca, a recepcionista ficou horrorizada, como se eu tivesse pedido para transformar o hotel num campo de refugiados do Laos.

— *A biblioteca?* Ai, meu Deus, não. Acho que não.

Mais tarde, uma camareira deve ter relatado a seus superiores que Lulu estava estudando violino no quarto, e pediram que ela parasse. Felizmente, na internet, encontrei um lugar em Londres que alugava salas para a prática de piano por um pequeno valor por hora. Todos os dias, enquanto Jed dava entrevistas no rádio e na televisão, as meninas e eu saíamos do hotel e tomávamos um ônibus para o estabelecimento, que parecia um salão fúnebre e era espremido entre duas lojas de falafel. Depois de noventa minutos de estudo, pegávamos o ônibus de volta para o hotel.

Fazíamos esse tipo de coisa em toda parte. Em Louvain, Bélgica, ensaiamos num antigo convento. Em outra cidade, já não me lembro qual, encontrei um restaurante espanhol que deixava Sophia estudar entre três e cinco da tarde, enquanto os empregados limpavam o chão e botavam as mesas para o jantar. De vez em quando, Jed se irritava comigo por tornar nossas férias tão tensas.

— Então, vamos ver o Coliseu hoje de tarde — dizia ele com ironia —, ou vamos de novo àquela loja de piano?

Sophia também ficava furiosa comigo. Odiava quando eu dizia ao pessoal dos hotéis que ela era uma concertista.

— Não diga isso, mamãe! Não é verdade, é constrangedor.

Eu discordava totalmente.

— Você é pianista e dá concertos, Sophia. Isso torna você uma pianista concertista.

Por fim, quase sempre Lulu e eu entrávamos em discussões tediosas e acirradas que duravam tanto que perdíamos o horário de visitaçãõ de museus, ou tínhamos de cancelar a reserva do jantar.

Valia a pena. Quando chegávamos de volta a New Haven, Sophia e Lulu sempre deixavam seus professores de música espantados com o progresso que haviam feito enquanto estavam fora. Logo depois de uma viagem a Xi'an, na China — onde obriguei Sophia a estudar por duas horas ao romper da aurora, antes de nos permitir ir ver os oito mil guerreiros de terracota em tamanho natural encomendados pelo primeiro imperador da China, Qin Shi Huang, para servir-lhe na vida após a morte —, Sophia ganhou seu segundo concurso de piano, dessa vez tocando o *Concerto n° 15 em si bemol maior* de Mozart. Enquanto isso, Lulu foi convidada para tocar como primeiro violino em todos os tipos de trios e quartetos, e de repente nos vimos cortejadas por outros professores de violino, que estavam sempre de olho em jovens talentos.

Mas até eu devo confessar que às vezes ficava difícil. Lembro-me de uma vez que fomos de férias para a Grécia com meus pais. Depois de visitar Atenas (onde conseguimos encaixar um pouco de prática entre a Acrópole e o templo de

Poseidon), pegamos um aviãozinho para a ilha de Creta. Chegamos à nossa pousada lá pelas três da tarde, e meu pai quis sair na mesma hora. Não podia esperar para mostrar às meninas o palácio de Cnossos, onde, segundo a lenda, o rei minoico Minos mantinha o Minotauro, um monstro com corpo de homem e cabeça de touro, preso num labirinto subterrâneo.

— Tudo bem, papai — disse eu. — Mas primeiro Lulu e eu temos só dez minutos de violino.

Todo mundo se entreolhou alarmado.

— Que tal estudar depois do jantar? — sugeriu minha mãe.

— Não, mamãe — respondi com firmeza. — Lulu me prometeu que faria isso porque ontem quis parar cedo. Mas, se ela cooperar, realmente devem ser só dez minutos. Vamos pegar leve hoje.

Eu não desejaria a ninguém o sofrimento que se seguiu: Jed, Sophia, Lulu e eu confinados num quarto claustrofóbico, com Jed deitado em cima da colcha, tentando com determinação se concentrar num número antigo do *International Herald Tribune*; Sophia escondida no banheiro lendo; meus pais esperando no saguão, com medo de interferir e de que outros hóspedes entreouvíssem a discussão, a gritaria e as provocações entre mim e Lulu. (“Aquela nota estava desafinada de novo, Lulu.” “Na verdade foi aguda, mamãe, você não sabe nada.”) Obviamente não consegui parar depois de dez minutos, quando Lulu se negou a tocar direito uma só escala que fosse. Ao terminar, Lulu estava furiosa e banhada em lágrimas; Jed, de cara amarrada; meus pais, sonolentos — e o palácio de Cnossos já tinha fechado.

Não sei como minhas filhas verão isso tudo daqui a vinte anos. Será que dirão a seus filhos: “Minha mãe era uma fanática controladora que até na Índia nos fazia praticar antes de podermos visitar Bombaim e Nova Délhi?” Ou terão lembranças mais suaves? Quem sabe Lulu se lembrará de tocar o primeiro movimento do *Concerto para violino* de Bruch em Agra, diante da arcada da janela de um quarto de hotel com vista para o Taj Mahal. Não brigamos nesse dia por alguma razão — talvez *jet lag*. Será que Sophia se lembrará com amargura da vez em que a critiquei, num exercício de piano em Barcelona, por não forçar os dedos para cima o bastante? Caso

se lembre, espero que também se recorde de Roquebrune, vilarejo encarapitado num penhasco, na França, onde o gerente do nosso hotel a ouviu tocar e convidou-a a se apresentar para o restaurante inteiro naquela noite. Num salão envidraçado sobre o Mediterrâneo, Sophia tocou o *Rondó capriccioso* de Mendelssohn e recebeu “bravos” e abraços de todos os hóspedes.

15

Popo



Florence

Em janeiro de 2006, minha sogra, Florence, telefonou de seu apartamento em Manhattan.

— Acabo de receber uma ligação do consultório médico — disse ela com uma voz estranha, ligeiramente exasperada —, e agora estão me dizendo que tenho *leucemia* aguda.

Havia apenas dois meses Florence fora diagnosticada com câncer de mama em estágio inicial, mas, fiel à própria personalidade indômita, submeteu-se à cirurgia e à radioterapia sem uma queixa. A última notícia que tive foi que ia tudo bem, e ela estava de novo em cena no circuito de arte de Nova York, pensando em escrever um segundo livro.

Fiquei aflita. Florence aparentava sessenta, mas já ia fazer sessenta e cinco anos.

— Não pode ser, Florence, deve haver algum engano — disse eu em voz alta, estupidamente. — Deixe eu chamar Jed, e ele vai entender o que está acontecendo.

Não se preocupe. Vai dar tudo certo.

Não estava tudo certo. Uma semana depois de nossa conversa, Florence tinha se internado no New York Presbyterian Hospital e começava a quimioterapia. Depois de horas de pesquisas angustiantes, a terceira e a quarta opiniões, Jed ajudara Florence a escolher um plano de tratamento menos agressivo, à base de arsênico, que não a deixava tão enjoada. Florence sempre ouvia Jed. Como gostava de contar a Sophia e Lulu, ela o adorara desde o instante em que ele nascera, um mês antes do tempo.

— Ele tinha icterícia, era todo amarelo e parecia um velho enrugado — ria ela.
— Mas achei que ele era perfeito.

Jed e Florence tinham muito em comum. Ele herdara da mãe a sensibilidade estética e o senso de proporção. Todo mundo falava que ele era Florence cuspidor e escarrador, e isso sempre era dito como elogio.

Minha sogra era deslumbrante quando jovem. No anuário da faculdade, ela parece Rita Hayworth. Mesmo aos cinquenta anos, sua idade quando a conheci, ela chamava a atenção nas festas. Era também espirituosa e encantadora, mas definitivamente propensa a fazer críticas. A gente sempre sabia que roupas ela achava cafonas, que pratos eram muito gordurosos, que pessoas eram muito ansiosas. Uma vez desci com um terninho novo, e o rosto de Florence se iluminou.

— Você está maravilhosa, Amy — disse ela com carinho. — Está se produzindo muito melhor ultimamente.

Florence era uma combinação rara. Fascinada por objetos grotescos, sempre dizia que coisas “bonitinhas” a entediavam. Tinha um olho espantoso e ganhara algum dinheiro na década de 1970 investindo em obras de artistas modernos relativamente desconhecidos. Esses artistas todos — entre eles Robert Arneson e Sam Gilliam — acabaram sendo descobertos, e as peças compradas por Florence subiram de preço vertiginosamente. Florence nunca invejava ninguém, e era estranhamente capaz de ser insensível a quem a invejava. Não se incomodava de estar sozinha. Prezava sua independência e rejeitara propostas de um segundo casamento por parte de muitos homens ricos e bem-sucedidos. Embora apreciasse roupas elegantes e vernissages, as

coisas de que mais gostava no mundo eram nadar em Crystal Lake (onde passara todos os verões na infância), oferecer jantares para velhos amigos e, acima de tudo, estar com as netas Sophia e Lulu, que, a pedido de Florence, sempre a chamaram de “Popo”.

Os sintomas da doença de Florence desapareceram em março, após seis semanas de quimioterapia. A essa altura, ela era uma sombra tênue do que fora — lembro-me de quão pequena parecia deitada nos travesseiros brancos do hospital, como uma fotocópia de si mesma reduzida a 75% —, mas conservava o cabelo todo, um apetite decente e a mesma personalidade alegre. Estava em êxtase por receber alta.

Jed e eu sabíamos que a remissão era apenas temporária. Os médicos haviam nos avisado repetidas vezes que os prognósticos de Florence não eram bons. Sua leucemia era agressiva e quase sem dúvida voltaria dentro de seis meses a um ano. Por causa da idade, não havia chance de um transplante de medula — em suma, não havia possibilidade de cura. Mas Florence não entendia sua doença e não tinha ideia de como a situação era desesperançosa. Jed tentou algumas vezes lhe explicar, mas ela era sempre de uma teimosia obtusa e otimista, e a ficha não caía.

— Ai, ai, vou ter de passar muito tempo na academia quando isso tudo acabar — dizia ela de modo surreal. — Meu tônus muscular foi todo embora.

No período seguinte, precisamos decidir o que fazer com Florence. Morar sozinha estava fora de questão: ela estava muito fraca para andar e precisava de transfusões de sangue frequentes. E realmente não tinha muitos parentes a quem pudesse recorrer. Por opção, quase não tinha contato com o ex-marido, Sy, e a filha morava muito mais longe.

Propus o que parecia a solução óbvia: Florence viria morar conosco em New Haven. Os pais idosos de minha mãe moraram conosco em Indiana quando eu era pequena. A mãe de meu pai morou com meu tio em Chicago até morrer, aos oitenta e sete anos. Sempre presumi que meus pais viriam morar comigo se fosse necessário. Esse é o jeito chinês.

Para meu espanto, Jed mostrava-se relutante. Não se discutia sua afeição por Florence. Mas ele lembrou que eu muitas vezes tivera problemas e me zangara com

Florence; que ela e eu tínhamos diferenças gritantes no que dizia respeito à educação de filhos; que ambas possuíamos personalidades fortes; e que, mesmo doente, Florence provavelmente não guardaria suas opiniões para si mesma. Ele me pediu para imaginar se Lulu e eu começássemos um daqueles nossos arranca-rabos e Florence sentisse necessidade de intervir em favor da neta.

Jed estava certo, claro. Florence e eu nos demos muito bem durante anos — ela me apresentou ao mundo da arte moderna, e eu adorava acompanhá-la a eventos em museus e galerias —, mas começamos a entrar em conflito depois que Sophia nasceu. Na verdade, foi graças a meus embates com Florence que me dei conta de algumas das diferenças profundas entre a maneira chinesa (pelo menos uma de suas variantes) e a maneira ocidental de criar filhos. Acima de tudo, Florence tinha bom gosto. Era uma conhecedora de arte, comida e vinho. Gostava de tecidos luxuosos e de chocolate amargo. Sempre que voltávamos de viagem, ela perguntava às meninas sobre as cores e os cheiros que elas haviam encontrado. Outra coisa em relação à qual Florence tinha um gosto definido era a infância. Ela achava que a infância devia ser cheia de espontaneidade, liberdade, descobertas e experiências.

Em Crystal Lake, Florence achava que as netas deviam nadar, passear e explorar o que quisessem. Mas eu lhes dizia que, se pusessem o pé fora da varanda da frente, elas seriam raptadas. Eu também lhes alertava que as partes fundas do lago eram cheias de peixes ferozes que mordiam. Talvez eu tenha exagerado, mas às vezes ser descontraído significa ser descuidado. Uma vez, quando Florence estava tomando conta das meninas para nós, no lago, cheguei em casa e encontrei Sophia correndo sozinha pelo quintal, carregando uma tesoura de jardim do seu tamanho. Tomei a tesoura dela, furiosa.

— Ela ia cortar umas flores silvestres — disse Florence, pensativa.

A verdade é que não sou boa em curtir a vida. Esse não é um dos meus fortes. Escrevo um monte de listas de coisas para serem feitas, odeio massagem e férias no Caribe. Florence via a infância como algo fugaz para ser curtido. Eu via a infância como um período de treinamento, uma época para se construir o caráter e investir no futuro. Florence sempre queria simplesmente um dia inteiro para passar com

cada menina — me implorava isso. Mas nunca havia um dia inteiro sobrando na vida delas. As meninas mal tinham tempo para fazer os deveres de casa, falar chinês com a professora particular e estudar seus instrumentos.

Florence gostava de rebeldia e dilemas morais. Apreciava também complexidade psicológica. Eu também gostava, mas não nas minhas filhas.

— Sophia tem *muita inveja* da irmã mais nova — disse Florence rindo, logo depois que Lulu nasceu. — Ela só quer despachar Lulu de volta para o lugar de onde ela veio.

— Não quer, não — respondi. — Sophia adora a irmãzinha.

Achei que Florence, ao procurar uma rivalidade entre as irmãs, criava essa rivalidade. Há todos os tipos de distúrbios psicológicos no Ocidente que não existem na Ásia. Quantos chineses você conhece com distúrbio de déficit de atenção?

Por ser chinesa, eu quase nunca enfrentava Florence abertamente. Quando antes mencionei “embates com Florence”, o que quis dizer era criticá-la e reclamar com Jed quando ela não estava. Com Florence, sempre fui flexível e hipocritamente amigável sobre suas muitas sugestões. Portanto, Jed tinha razão, sobretudo porque ele era o mais afetado com o conflito.

Mas nada disso tinha a menor importância, porque Florence era mãe de Jed. Para os chineses, quando se trata de pais, nada é negociável. Seus pais são seus pais, você lhes deve tudo (mesmo quando não deve) e tem de fazer tudo por eles (mesmo que isso destrua sua vida).

No início de abril, Jed tirou Florence do hospital e trouxe-a para New Haven, onde a levou no colo para o segundo andar. Florence estava numa excitação e numa felicidade incríveis, como se estivéssemos todos juntos de férias em um resort. Ficou no quarto de hóspedes, ao lado do quarto das meninas e em frente ao nosso. Contratamos uma enfermeira para cozinhar e cuidar dela, e havia sempre um entra e sai de fisioterapeutas. Quase toda noite, Jed, as meninas e eu jantávamos com Florence. Nas primeiras semanas, o jantar era sempre no quarto dela, pois Florence não podia descer. Uma vez convidei uns amigos dela e fizemos um queijos e vinhos

em seu quarto. Quando viu os queijos que eu tinha escolhido, Florence ficou horrorizada e me mandou comprar outros. Em vez de me sentir furiosa, gostei de ver que ela continuava a mesma e que o bom gosto estava no gene de minhas filhas. Também anotei quais queijos nunca mais comprar.

Embora houvesse sustos constantes — Jed tinha de levá-la correndo para o hospital de New Haven pelo menos duas vezes por semana —, Florence parecia se recuperar milagrosamente em nossa casa. Tinha um apetite enorme e ganhou peso depressa. No dia do seu aniversário, 3 de maio, conseguimos todos ir a um bom restaurante. Nossos amigos Henry e Marina foram conosco e não acreditaram que fosse a mesma Florence que eles haviam visto no hospital seis semanas antes. Com uma blusa assimétrica de gola alta, de Issey Miyake, ela estava glamourosa de novo, nem tinha cara de doente.

Poucos dias depois, em 7 de maio, Sophia fez *Bat Mitzvah* em nossa casa. Naquele dia de manhã, houvera outra crise, e Jed levava Florence às pressas para fazer uma transfusão de emergência no hospital. Mas eles conseguiram voltar, e Florence estava fabulosa quando os oitenta convidados chegaram. Após a cerimônia, sob um céu azul perfeito, em mesas com tulipas brancas, servimos rabanadas, morangos e *dim sum* — Sophia e Popo haviam planejado o menu —, e Jed e eu ficamos assustados com o quanto se precisa gastar pelas coisas simples e despretensiosas.

Uma semana depois, Florence decidiu que estava bem o bastante para voltar ao seu apartamento em Nova York, desde que a enfermeira fosse com ela. Ela morreu ali, no dia 21 de maio, aparentemente de um AVC fulminante. Tinha planos de sair naquela noite para tomar um drinque e nunca soube que seu tempo era limitado.

No funeral da avó, Sophia e Lulu leram textos curtos que elas mesmas redigiram. Eis um trecho do que Lulu disse:

Nesse último mês em que Popo morou conosco lá em casa, passei muito tempo com ela, fosse almoçando, jogando cartas ou apenas conversando. Em duas noites, nos deixaram sozinhas, “tomando conta” uma da outra. Embora estivesse doente e não conseguisse andar direito, ela fez com que eu não sentisse medo algum. Era uma pessoa muito forte. Quando penso

em Popo, penso nela feliz e rindo. Ela adorava ficar feliz, e isso me deixava feliz também. Eu realmente vou sentir muita falta de Popo.

E eis parte do que Sophia falou:

Popo sempre queria estímulo intelectual, felicidade plena — tirar o máximo de vitalidade e reflexão de cada minuto. E acho que conseguiu isso, até o fim. Espero algum dia aprender a fazer o mesmo.

Quando ouvi Sophia e Lulu dizerem essas palavras, muitas coisas me vieram à cabeça. Fiquei orgulhosa e feliz de pensar que Jed e eu tínhamos levado Florence para nossa casa, à moda chinesa, e que as meninas nos tinham visto fazer isso. Também fiquei orgulhosa e feliz de saber que Sophia e Lulu tinham ajudado a cuidar de Florence. Mas, com as palavras “adorava ficar feliz” e “felicidade plena” ecoando na minha cabeça, eu também me perguntava se, mais tarde, se eu ficasse doente, as meninas me levariam para a casa delas e fariam o mesmo comigo — ou se optariam pela felicidade e pela liberdade.

Felicidade não é um conceito sobre o qual eu seja propensa a pensar. A arte chinesa de criar os filhos não trata de felicidade. Isso sempre me preocupou. Quando vejo os calos provocados pelo piano e pelo violino nos dedos de minhas filhas, ou as marcas de dentes no piano, às vezes fico cheia de dúvidas.

Mas o negócio é o seguinte: quando olho em volta para todas as famílias ocidentais que desmoronam — todos os filhos adultos que não suportam estar com os pais ou nem falam com eles —, tenho dificuldade de acreditar que o método ocidental de criar filhos seja mais eficaz no que diz respeito à felicidade. É incrível quantos pais ocidentais idosos já conheci que dizem, balançando a cabeça com tristeza: “Como pai ou mãe, a pessoa simplesmente nunca acerta. Não importa o que ela faça, os filhos crescem ressentidos com ela.”

Em compensação, posso lhe contar quantas crianças asiáticas já conheci que, embora reconhecendo quão opressivamente rígidos e quão brutalmente exigentes são seus pais, se descrevem com alegria como dedicadas aos pais e gratíssimas a eles, de modo aparente sem qualquer vestígio de amargura ou ressentimento.

De fato não sei ao certo o motivo disso. Vai ver que é lavagem cerebral. Ou síndrome de Estocolmo. Mas eis uma coisa de que tenho certeza: as crianças ocidentais definitivamente não são mais felizes que as chinesas.

16

O cartão de aniversário

Todo mundo se emocionou com o que Sophia e Lulu falaram no funeral de Florence.

— Se ao menos Florence pudesse ouvi-las... — disse com tristeza depois a melhor amiga de Florence, Sylvia. — Nada a teria deixado mais feliz.

— Como — perguntaram outras amigas — uma menina de treze anos e outra de dez puderam captar Florence com tamanha perfeição?

Mas isso nos remete a um episódio anterior.

Na verdade, começa anos antes, quando as crianças eram menores, talvez com seus sete e quatro anos. Era meu aniversário, e estávamos comemorando num restaurante italiano medíocre, porque Jed se esquecera de reservar um lugar melhor.

Nitidamente se sentindo culpado, Jed tentava se mostrar animado.

— Tudo bem! Vai ser um jantar de aniversário m-a-r-a-v-i-l-h-o-s-o para a mamãe! Certo, meninas? E cada uma de vocês tem uma surpresinha para ela, não é mesmo?

Eu estava molhando uma *focaccia* dura num pratinho de azeite que o garçom nos trouxera. Por insistência de Jed, Lulu me entregou a “surpresa” dela, que afinal era um cartão. Mais precisamente, uma folha dobrada ao meio, enviesada, com uma cara grande e feliz na capa. Dentro havia a inscrição “Feliz Aniversário, Mamãe! Com amor, Lulu”, rabiscada a creiom acima de outra cara feliz. Lulu não deve ter levado mais de vinte segundos para fazer o cartão.

Sei exatamente qual teria sido a reação de Jed. Ele teria dito: “Ah, que lindo! Obrigado, querida”, e dado um beijo na testa de Lulu. Depois provavelmente teria dito que não estava com muita fome, e só ia tomar um prato de sopa, ou, pensando bem, só pão e água, mas que nós poderíamos pedir o quanto quiséssemos, que diabo!

Devolvi o cartão a Lulu.

— Não quero isso — falei. — Quero um melhor. Um cartão sobre o qual você tenha pensado, que tenha se esforçado para fazer. Tenho uma caixa especial onde guardo todos os cartões que você e Sophia me dão, e este não pode ir para lá.

— O quê? — exclamou Lulu, incrédula. Vi o suor começando a porejar na testa de Jed.

Tornei a pegar o cartão e virei-o. Saquei uma caneta da bolsa e rabisquei “Feliz Aniversário, Lulu! Uau!” Acrescentei uma cara grande emburrada.

— E se eu lhe desse isso de aniversário, Lulu, você gostaria? Mas eu nunca faria isso, Lulu. Não. Eu contrato para vocês mágicos e escorregas gigantes que me custam centenas de dólares. Arranjo sorvetes enormes com formato de pinguim e gasto metade do meu salário em brindes idiotas que todo mundo simplesmente joga fora. Dou um duro danado para lhes dar um bom aniversário! Mereço mais que isso. Portanto, *não quero* esse cartão — e joguei-o para trás.

— Você pode me dar licença um segundo? — perguntou Sophia baixinho. — Preciso fazer uma coisa.

— Deixe eu ver, Sophia. Me dê aqui.

Olhos arregalados de pavor, Sophia lentamente sacou o cartão dela. Era maior que o de Lulu, feito de cartolina vermelha, mas igualmente vazio, embora mais efusivo. Ela desenhara algumas flores e escrevera “Eu te amo! Feliz Aniversário para a Melhor Mãe do Mundo! Mãe nº 1!”

— É simpático, Sophia — disse eu friamente —, mas também não é bom o bastante. Na sua idade, eu escrevia poemas para minha mãe no dia do aniversário dela. Eu me levantava cedo, limpava a casa e fazia café para ela. Procurava ter ideias criativas e lhe fazia cupões que diziam coisas como “Grátis uma Lavagem de Carro”.

— Eu queria fazer uma coisa melhor, mas você disse que eu tinha de tocar piano — protestou Sophia, indignada.

— Você devia ter se levantado mais cedo — respondi.

Na mesma noite, recebi dois cartões de aniversário muito melhores, que adorei e ainda guardo.

Contei essa história a Florence logo depois. Ela riu espantada, mas, para minha surpresa, não criticou.

— Talvez eu devesse ter tentado algo parecido com meus filhos — disse pensativa. — Simplesmente sempre me pareceu que, se a gente tivesse que *pedir* um presente, ele não teria valor nenhum.

— Acho um idealismo muito grande esperar que as crianças façam o que é certo por elas mesmas — falei. — E, se as obrigarmos a fazer o que queremos, não temos que ficar danada com elas.

— Mas elas estão danadas com você — disse Florence.

Pensei nesse diálogo muitos anos depois, no dia do funeral. Pela lei judaica, o sepultamento deve ser realizado tão logo possível após a morte, sendo que o ideal é dentro de vinte e quatro horas. A morte de Florence foi inesperada, e, em um só dia, Jed teve de providenciar uma sepultura, um rabino, uma casa funerária e a cerimônia. Como sempre, Jed tratou de tudo de forma rápida e eficiente, guardando para si suas emoções, mas vi que ele estava todo trêmulo, sofria demais.

Encontrei as meninas abraçadinhas no quarto delas naquela manhã. Tinham uma expressão espantada e assustada. Ninguém tão próximo a elas havia morrido antes. Elas nunca haviam ido a um funeral. E Popo simplesmente ria no quarto ao lado uma semana antes.

Eu disse às meninas que cada uma devia escrever algumas palavras sobre Popo, que elas leriam na cerimônia daquela tarde.

— Não, por favor, mamãe, não me obrigue — disse Sophia, chorosa. — Eu não estou muito a fim.

— Eu não consigo — soluçou Lulu. — Vá embora.

— Vocês *têm* que escrever — ordenei. — As duas. Popo ia querer.

O primeiro rascunho de Sophia estava horrível, desconexo e superficial. O de Lulu também não estava lá essas coisas, mas eu esperava mais da minha filha mais velha. Talvez porque eu mesma estivesse muito perturbada, disparei contra ela:

— Como você pôde fazer *isso*, Sophia? — indaguei, implacável. — Está horrível. Não tem sutileza. Não tem profundidade. Parece um texto de cartão comprado, o que Popo detestava. Você é muito egoísta. Popo amava tanto você, e você faz *isso*!

Chorando convulsivamente, Sophia gritou comigo, o que me espantou, porque, como a de Jed — e ao contrário da de Lulu e da minha —, a raiva de Sophia é silenciosa, raramente explode.

— Você não tem o direito de dizer o que Popo ia querer! Você nem gostava de Popo. Você tem essa fixação nos valores chineses e no respeito aos mais velhos, mas você só vivia caçoando dela. Cada coisinha que ela fazia, até *um cuscu*, refletia alguma deficiência moral horrível para você. Por que você é tão maniqueísta? Por que tudo tem que ser preto ou branco?

“Eu não caçoava dela”, pensei indignada, apenas estava protegendo minhas filhas de um modelo romantizado de educar filhos, fadado ao fracasso. Além disso, era eu quem convidava Florence para tudo, que me certificava de que ela visse as netas sempre. Dei a Florence a maior fonte de felicidade — netas lindas, respeitosas e talentosas, de quem ela podia se orgulhar. Como Sophia, que era tão inteligente e até conhecia a palavra maniqueísta, podia me atacar?

Por fora, não fiz caso da explosão de Sophia. Em vez disso, dei algumas sugestões editoriais — coisas sobre a avó que ela poderia mencionar. Pedi-lhe que falasse de Crystal Lake e das visitas a museus com Florence.

Sophia não usou nenhuma de minhas sugestões. Batendo a porta depois que saí, trancou-se no quarto e reescreveu o texto sozinha. Negou-se a mostrá-lo a mim, não olhava para a minha cara, mesmo depois de ter esfriado a cabeça e posto um vestido preto e uma meia-calça preta. Mais tarde, na cerimônia, quando Sophia estava na tribuna falando, com um ar digno e calmo, não deixei escapar o trecho intencional:

Popo jamais se conformava com as coisas — uma conversa desonesta, um filme não muito fiel ao livro, uma exibição de emoção ligeiramente falsa.

Popo não deixaria ninguém botar palavras na minha boca.

Foi uma fala maravilhosa. A de Lulu também; ela falara com muita sensibilidade e segurança para uma criança de dez anos. Eu só imaginava uma Florence sorridente, dizendo:

— Não caibo em mim.

Por outro lado, Florence tinha razão. As meninas estavam definitivamente furiosas comigo. Mas, como mãe chinesa, não esquentei a cabeça com isso.

A caravana para Chautauqua

O verão depois do falecimento de Florence foi um período difícil. Para começar, atropeli o pé de Sophia. Ela saltou do meu carro para pegar uma raquete de tênis enquanto eu ainda estava dando marcha a ré e ficou com o tornozelo esquerdo preso na roda dianteira. Sophia e eu desmaiamos. Ela acabou sendo operada com anestesia geral e colocou dois parafusos grandes no osso. Precisou usar uma bota enorme e passar o restante do verão andando de muletas, o que a deixou de mau humor, mas pelo menos lhe deu muito tempo para estudar piano.

Uma coisa boa nas nossas vidas, porém, era Coco, que ficava cada dia mais fofa. Ela exercia o mesmo efeito estranho em nós quatro: só de olhar para ela, ficávamos alegres. Isso era verdade, embora todas as minhas ambições para ela tivessem sido substituídas por uma só dinâmica: ela olhava para mim com aqueles suplicantes olhos amendoados cor de chocolate... e eu fazia tudo que ela queria, o que em geral era correr seis quilômetros, chovesse, nevasse ou fizesse sol. Em troca, Coco era compassiva. Sei que ela odiava quando eu gritava com as meninas, mas nunca me julgava e sabia que eu tentava ser uma boa mãe.

Não fiquei perturbada por ter reformulado meus sonhos para Coco — eu só queria que ela fosse feliz. Eu finalmente percebera que Coco era um animal, intrinsecamente, com menos potencial que Sophia e Lulu. Embora seja verdade que alguns cães fazem parte de esquadrões farejadores de bombas ou drogas, é

perfeitamente aceitável para a maioria dos cães não ter uma profissão ou mesmo uma habilidade especial.

Por volta dessa época, tive uma conversa fundamental com meu brilhante amigo e colega Peter, que fala seis línguas e lê onze, incluindo sânscrito e grego antigo. Pianista talentoso que estreou em Nova York quando adolescente, Peter assistiu a um dos recitais de Sophia na Neighborhood Music School.

Depois, Peter me disse achar que Sophia de fato tocava piano extraordinariamente bem. E acrescentou:

— Não quero me meter nem nada, mas já pensou na Escola de Música de Yale? Talvez Sophia devesse fazer um teste para uma das faculdades de piano de lá.

— Você quer dizer... mudar de professores? — perguntei, a cabeça a mil. A Neighborhood Music School era um dos meus lugares preferidos havia quase dez anos.

— Bem, sim — disse Peter. — Tenho certeza de que a Neighborhood Music School é um lugar maravilhoso. Mas, comparada às outras crianças, Sophia está em outra categoria. Claro que tudo depende de quais são seus objetivos. Talvez você apenas queira manter o lado divertido dessa história.

Isso me desconcertou. Eu jamais fora acusada de tentar manter o lado divertido de nada. E, por coincidência, eu acabara de receber um telefonema suscitando a mesma questão em relação a Lulu.

Naquela noite, mandei dois e-mails cruciais. O primeiro foi para uma violinista que acabara de fazer licenciatura na Escola de Música de Yale, chamada Kiwon Nahm, que eu contratara algumas vezes para ajudar Lulu nos exercícios. O segundo foi para o professor Wei-Yi Yang, a última aquisição da ilustre faculdade de piano de Yale e, segundo a opinião geral, um prodígio, uma sensação ao piano.

As coisas caminharam mais depressa do que eu esperava. Por uma sorte incrível, o professor Yang sabia quem era Sophia. Ouvira-a tocar um quarteto de piano de Mozart num evento para angariar fundos e ficara bem impressionado. Marcamos um almoço para o fim de agosto, quando ele voltava de sua turnê de concertos de verão.

Algo também emocionante aconteceu com Lulu. Kiwon, que estreara no Lincoln Center como solista aos doze anos, generosamente mencionou Lulu para uma antiga professora chamada Almita Vamos. A Sra. Vamos e seu marido, Roland, estão entre os principais professores de violino do mundo. Foram homenageados pela Casa Branca seis vezes. Seus antigos alunos incluem solistas conhecidos como Rachel Barton e muitos ganhadores de prestigiosos concursos internacionais. Morando em Chicago, eles só dão aulas a alunos talentosos, na maioria, asiáticos.

Esperamos em suspense para ver se a Sra. Vamos responderia. Uma semana depois, chegou o e-mail. Ela convidou Lulu para tocar para ela na Chautauqua Institution, no norte do estado de Nova York, onde ela era professora residente naquele verão. A data escolhida pela Sra. Vamos foi 29 de julho — dali a apenas três semanas.

Nos vinte dias seguintes, Lulu não fez mais nada a não ser estudar violino. Para extrair o máximo de progresso possível dela, contratei Kiwon para vir duas, às vezes três vezes por dia trabalhar com ela. Quando viu os cheques descontados, Jed não acreditou. Eu lhe disse que compensaríamos deixando de jantar fora durante todo o verão e de comprar roupas novas.

— E — disse eu, esperançosa — tem o adiantamento que você acabou de receber pelo seu romance.

— É melhor eu começar a continuação do romance agora — observou Jed, sombrio.

— Não há nada melhor com que gastar dinheiro do que nossas filhas — falei.

Jed estava prestes a ter outra surpresa desagradável. Eu imaginara que a viagem para falar com a Sra. Vamos levaria três, talvez quatro, horas e disse isso a ele. Um dia antes da data marcada para partirmos, ele entrou no MapQuest e disse:

— Então, onde é mesmo esse lugar?

Infelizmente, eu não me dera conta de que o estado de Nova York é tão grande. No fim das contas, Chautauqua ficava perto do lago Erie, não muito distante do Canadá.

— Amy, são nove horas de viagem, não três — disse Jed, exasperado. — Quanto tempo vamos ficar?

— Só uma noite. Matriculei Sophia num curso de animação em computação gráfica que começa segunda-feira. Uma coisa interessante para ela enquanto está de muletas. Mas garanto que a gente pode fazer a viagem em sete...

— O que você imagina fazer com Coco? — interrompeu Jed. Coco fora treinada a fazer suas necessidades no lugar certo havia apenas dois meses e nunca viajara antes.

— Achei que seria divertido levá-la conosco. Vão ser nossas primeiras férias juntos — respondi.

— Dirigir dezoito horas em dois dias não são exatamente férias — ressaltou Jed, de forma meio egoísta, achei. — E o pé quebrado de Sophia? Ela não tem que ficar com a perna para cima? Como vai caber todo mundo no carro?

Tínhamos um jipe Cherokee velho. Sugeri que Sophia fosse deitada no assento traseiro, com a cabeça no colo de Lulu e a perna levantada, apoiada em almofadas. Coco poderia ir lá atrás com as malas e os violinos (sim, plural, o que vou explicar depois).

— Tem mais uma coisa — acrescentei. — Perguntei à Kiwon se ela viria com a gente e disse que lhe pagaria por hora, incluindo as horas de viagem.

— *O quê?* — Jed não acreditou. — Isso vai custar três mil dólares. Como ela vai caber no carro? Vamos botá-la lá atrás com Coco?

— Ela pode ir no carro dela; eu disse que a gasolina seria por minha conta. Mas, na verdade, ela não queria fazer a viagem. É muito longe, e ela teria de cancelar as outras aulas agendadas. Para tornar o programa mais atraente, convidei o novo namorado dela, Aaron, e ofereci colocá-los por três noites num hotel simpático. Encontrei um lugar incrível chamado William Seward Inn e reservei um quarto de casal de luxo para eles.

— Por três noites — disse Jed. — Você está brincando.

— Se quiser, você e eu podemos ficar num lugar mais barato para economizar.

— Não quero.

— Aaron é um ótimo sujeito — disse a Jed de forma persuasiva. — Você vai adorá-lo. É um trompista francês e adora cachorro. Se ofereceu para tomar conta de Coco de graça enquanto estivermos com a Sra. Vamos.

Partimos ao alvorecer, com Kiwon e Aaron num Honda branco acompanhando nosso jipe também branco. Não foi uma viagem agradável. Jed teimou em dirigir o tempo todo, uma coisa machista que me dá nos nervos. Sophia insistia que sentia dor e que sua circulação estava prejudicada.

— Você me lembra de novo: por que estou indo nessa viagem? — perguntou inocentemente.

— Porque a família sempre deve ficar junta — respondi. — Esse é um acontecimento importante para Lulu, e você deve dar apoio à sua irmã.

Passei as nove horas inteiras sentada tensa, de pernas cruzadas, no banco da frente, com a comida, o equipamento e a cama de Coco no lugar onde deveriam estar meus pés. Ia com a cabeça encaixada entre as duas muletas de Sophia, presas, na horizontal, por ventosas postas no para-brisa.

Enquanto isso, Lulu agia como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Foi assim que percebi que ela estava apavorada.

A piscina natural

— O quê? — perguntou Jed. — Me diga que você não disse o que acho que disse.
— Isso foi um mês antes de nossa viagem para Chautauqua.

— Eu disse que estou pensando em sacar meus fundos de pensão. Não todos. Só os do Cleary. (Cleary, Gottlieb, Steen e Hamilton era o nome do escritório de advocacia de Wall Street onde eu trabalhara antes de Sophia nascer.)

— Isso não faz sentido nenhum, de qualquer ponto de vista — disse Jed. — Primeiro, você precisaria pagar um imposto enorme e renunciar à metade do montante. E o mais importante é que precisamos guardar esse dinheiro para nossa aposentadoria. É para isso que servem os fundos de pensão. Isso faz parte do progresso e da civilização.

— Tem uma coisa que preciso comprar — disse eu.

— O que é, Amy? — perguntou Jed. — Se houver uma coisa que você queira muito, vou arranjar um jeito de conseguirmos.

Tive muita sorte no amor. Jed é bonito, divertido, inteligente e tolera meu mau gosto e minha tendência a ser roubada. A bem da verdade, eu não compro tantas coisas assim. Não gosto de fazer compras. Não faço tratamentos de estética facial, não vou à manicure e não compro joias. Mas de vez em quando aparece algo que sinto um desejo incontrolável de possuir — um cavalo de terracota chinês de mil e quinhentas libras, por exemplo, que se desintegrou no inverno seguinte —, e Jed

sempre dá um jeito de me dar. Nesse caso, fui invadida por um desejo fortíssimo de comprar um violino realmente bom para Lulu.

Entrei em contato com alguns conceituados comerciantes de violino que me haviam sido recomendados, dois em Nova York, um em Boston, um na Filadélfia. Pedi a cada um que me mandasse três violinos para Lulu experimentar, numa determinada faixa de preço. Eles sempre me mandavam quatro violinos, três na faixa de preço especificada e outro “um pouco fora da sua faixa de preço” — o que significava duas vezes mais caro —, “mas resolvi mandar de qualquer maneira porque é um instrumento extraordinário e poderia ser exatamente o que a senhora está procurando”. Nesse sentido, as lojas de violino se parecem com os comerciantes de tapete no Uzbequistão. A cada patamar de preço a que chegávamos, eu tentava convencer Jed de que um bom violino era um investimento, como obras de arte ou imóveis.

— Pois então, na verdade, quanto mais gastamos, mais estamos ganhando? — indagava ele secamente.

Enquanto isso, Lulu e eu curtíamos horrores. Cada vez que chegava uma caixa nova pelo correio, não conseguíamos esperar para abri-la. Era divertido tocar diferentes violinos, comparar a madeira e seus timbres diferentes, ler sobre suas proveniências, tentar entender suas diversas personalidades. Experimentamos alguns violinos novos, contudo testamos principalmente os mais antigos, da década de 1930 ou de antes. Experimentamos violinos ingleses, franceses e alemães, mas na maioria italianos, em geral de Cremona, Gênova ou Nápoles. Lulu e eu submetíamos a família inteira a testes de olhos vendados, para ver se conseguíamos identificar cada violino e se mantínhamos nossas preferências sem ver os instrumentos.

O que acontece entre mim e Lulu é que somos ao mesmo tempo incompatíveis e muito próximas. Podemos nos divertir muito, mas também nos magoar profundamente. Sempre sabemos o que a outra pensa — que forma de tortura psicológica está sendo utilizada —, e não conseguimos nos segurar. Ambas temos tendência a explodir e depois nos sentir bem. Jed nunca entendeu como Lulu e eu

trocamos ameaças de morte aos gritos e, no minuto seguinte, estamos deitadas na cama abraçadas, conversando sobre violinos ou lendo e rindo juntas.

Enfim, quando afinal chegamos ao estúdio da Sra. Vamos, na Chautauqua Institution, tínhamos conosco não um, mas três violinos. Não havíamos conseguido tomar uma decisão final.

— Maravilhoso! — disse a Sra. Vamos. — Que divertido. Adoro experimentar violinos.

A Sra. Vamos era pragmática e inteligentíssima, com um senso de humor peculiar. Era dogmática (“Odeio o Vioti 23. Chato!”) e transpirava força e imponência. Era também incrível com crianças — ou pelo menos com Lulu, com quem pareceu simpatizar à primeira vista. A Sra. Vamos e Jed também se deram bem. A única pessoa de quem acho que a Sra. Vamos não gostou muito foi de mim. Tive a sensação de que ela havia conhecido centenas, talvez milhares de mães asiáticas e que me achava antiestética.

Lulu tocou o primeiro movimento do *Concerto n° 3* de Mozart para a Sra. Vamos. Depois, a Sra. Vamos disse a Lulu que ela era extremamente musical. Perguntou-lhe se ela gostava de tocar violino. Prendi a respiração, honestamente, sem saber ao certo qual seria a resposta. Lulu respondeu que sim. A Sra. Vamos então lhe disse que, embora tivesse a vantagem de ter uma musicalidade inata — algo que não se podia ensinar —, ela estava atrasada em técnica. Perguntou-lhe se ela praticava escalas (“Mais ou menos”) e *études* (“O que é isso?”).

A Sra. Vamos lhe disse que isso tudo tinha de mudar se ela quisesse mesmo ser uma boa violinista. Ela precisava fazer exercícios de tom, escalas e *études* para desenvolver uma técnica impecável, memória muscular e uma entonação perfeita. A Sra. Vamos também lhe disse que ela estava avançando muito devagar. Não era muito bom passar seis meses num único movimento de um concerto.

— Meus alunos da sua idade conseguem aprender um *concerto inteiro* em duas semanas. Você também devia ser capaz disso.

A Sra. Vamos depois trabalhou com Lulu no Mozart, frase por frase, transformando a atuação de Lulu bem na minha frente. Ela era uma professora

excepcional: exigente mas divertida, crítica mas estimulante. Ao final de uma hora — a essa altura, seis ou sete alunos haviam entrado e estavam sentados no chão com seus instrumentos —, a Sra. Vamos deu a Lulu alguns pontos em que trabalhar sozinha e nos disse que gostaria de tornar a vê-la no dia seguinte.

Eu não conseguia acreditar. A Sra. Vamos queria tornar a ver Lulu. Quase pulei da cadeira — e provavelmente teria feito isso se naquele momento eu não tivesse visto Coco passar voando diante de nossa janela, acompanhada de Aaron, que puxava a guia atrás dela.

— O que foi isso? — perguntou a Sra. Vamos.

— É nossa cadela, Coco — explicou Lulu.

— Eu adoro cachorro. E a sua é muito fofa — disse uma das professoras de violino mais famosas do mundo. — Podemos ouvir o som daqueles violinos amanhã também — acrescentou. — Gosto do italiano, mas talvez o francês se abra.

Quando chegamos ao hotel, eu estava elétrica. Mal podia esperar para começar a estudar — que oportunidade! Eu sabia que a Sra. Vamos se via rodeada de asiáticos ambiciosos, mas eu estava mais determinada ainda a impressioná-la, a lhe mostrar do que éramos feitos.

Saquei a partitura de Mozart bem na hora em que Lulu se afundava numa poltrona confortável.

— Ah-h-h — suspirou satisfeita, deitando a cabeça no encosto. — Esse foi um bom dia. Vamos jantar.

— *Jantar?* — Eu não acreditava no que ouvia. — Lulu, a Sra. Vamos lhe deu uma *tarefa*. Ela quer ver quão depressa você pode progredir. Isso é importantíssimo. Não é brincadeira. Venha. Vamos começar.

— Do que você está falando, mamãe? Estou tocando violino há *cinco horas*.

Era verdade: ela estudara a manhã inteira com Kiwon antes de ir falar com a Sra. Vamos.

— Preciso de um intervalo. Não consigo tocar mais agora. E já são cinco e meia. Está na hora do jantar.

— Cinco e meia não é a hora do jantar. Vamos estudar primeiro, depois nos recompensar com o jantar. Já reservamos um restaurante italiano. Seu preferido.

— Ah, nããã — gemeu Lulu. — Está falando sério? A que horas?

— A que horas o quê?

— A que horas é a reserva para o jantar?

— Ah! Nove horas — respondi, mas depois me arrependi.

— NOVE? NOVE? É loucura, mãe! Eu me recuso. Eu me recuso!

— Lulu, vou mudar para...

— EU ME RECUSO! Não posso ensaiar agora. Não vou!

Não vou entrar nos detalhes do que se seguiu. Dois fatos devem bastar. Primeiro, não jantamos antes das nove. Segundo, não ensaiamos. Relembrando, não sei de onde tirei força e ousadia para lutar com Lulu. Só de pensar nesse dia fico exausta.

Mas, na manhã seguinte, Lulu se levantou sozinha e foi fazer exercícios com Kiwon. Portanto, nem tudo estava perdido. Jed sugeriu nos termos mais enérgicos que eu saísse para dar uma longa corrida com Coco e fosse bem longe, o que fiz. Ao meio-dia, voltamos ao estúdio da Sra. Vamos, com Kiwon, e a sessão mais uma vez correu muito bem.

Eu tivera esperanças de que a Sra. Vamos pudesse dizer: “Eu adoraria aceitar Lulu como aluna. Há alguma chance de vocês virem a Chicago uma vez por mês para ela ter aula?” Ao que eu responderia sim, claro. Mas, em vez disso, a Sra. Vamos sugeriu que Lulu passasse um ano estudando intensivamente com Kiwon.

— Vocês não vão encontrar ninguém com melhor técnica que Kiwon — disse a Sra. Vamos, sorrindo para sua antiga aluna. — E, Lulu, você tem muito a fazer para chegar lá. Mas, em um ano mais ou menos, você poderia pensar em fazer um teste para o programa pré-universitário da Juilliard. Kiwon, você fez isso, certo? É extremamente concorrido, porém, se trabalhar com muito afinco, Lulu, aposto que você pode entrar. E, claro, espero que volte para me ver no verão que vem.

Antes de pegar a estrada para New Haven, Jed, as meninas e eu fomos até uma reserva ecológica e descobrimos uma linda piscina natural cercada de faias e pequenas cascatas, que a dona da nossa pousada disse ser uma das joias ocultas da

região. Coco teve medo de entrar na água — nunca havia nadado antes —, mas Jed puxou-a delicadamente para o centro, onde a soltou. Temi que Coco se afogasse, mas, exatamente como Jed disse que ela faria, Coco voltou nadando sã e salva para a margem enquanto batíamos palmas e dávamos vivas, enxugando-a com uma toalha e abraçando-a muito quando ela chegou.

“Esta é uma diferença entre um cachorro e uma filha”, pensei depois com os meus botões. O cachorro é capaz de fazer o que todo cachorro faz — nadar cachorrinho, por exemplo —, e a gente aplaude com orgulho e alegria. Imagine como seria mais fácil se a gente pudesse fazer a mesma coisa com as filhas! Mas não pode. Seria negligência.

Eu precisava ficar de olho nisso. O recado da Sra. Vamos era claro. Estava na hora de começar a trabalhar seriamente.

I9

Como chegar ao Carnegie Hall



Sophia e sua orientadora (e meu pai observando)

Fiquei desanimada. A partitura parecia decepcionantemente reduzida, algumas notas *staccato* aqui e ali, sem muita densidade ou verticalidade. E uma peça tão curta: seis páginas confusas de xérox.

Sophia e eu estávamos no estúdio de piano do professor Wei-Yi Yang, na Escola de Música de Yale. Era um salão retangular com dois pianos Steinway de meia cauda lado a lado, um para o professor e outro para o aluno. Eu estava olhando para “Julieta menina”, de *Romeu e Julieta* de Prokofiev, que Wei-Yi acabara de propor que Sophia tocasse para um concurso de piano.

Quando Wei-Yi e eu nos conhecemos, ele explicou que nunca tivera uma aluna tão jovem quanto Sophia, que acabara de fazer catorze anos. Ele só dava aulas para alunos de pós-graduação em piano de Yale e alguns estudantes de graduação da mesma faculdade com talento excepcional. Mas, tendo ouvido Sophia tocar, estava

disposto a aceitá-la sob uma condição: ela não exigir tratamento especial por causa da idade. Garanti-lhe que isso não seria problema.

Adoro ser capaz de contar com Sophia. Ela tem muita força interior. Mais ainda que eu, ela consegue enfrentar tudo: exclusão, críticas, humilhação, solidão.

Assim começou o batismo de fogo de Sophia. Como a Sra. Vamos, Wei-Yi tinha esperanças que estavam a galáxias de distância daquilo com que estávamos acostumadas. A pilha de música que ele entregou a Sophia na primeira aula — seis invenções de Bach, um livro de *études* de Moszkowski, uma sonata de Beethoven, uma tocata de Khachaturian e a *Rapsódia em sol menor* de Brahms — aturdiram até a mim. Sophia tinha de trabalhar um pouco para chegar lá, explicou ele. Sua base técnica não era como devia ser, e havia algumas lacunas em seu repertório. Mais intimidante ainda foi quando ele disse a Sophia:

— E não perca o meu tempo errando notas. No seu nível, não há desculpa. É seu dever tocar as notas direito, para podermos trabalhar outras coisas durante a aula.

Dois meses depois, contudo, quando Wei-Yi Yang propôs as peças da suíte *Romeu e Julieta*, tive a reação oposta. O Prokofiev não exigia esforço nenhum — não me parecia uma peça para ganhar concurso. E por que Prokofiev? A única coisa que eu conhecia de Prokofiev era *Pedro e o lobo*. Por que não algo difícil, como Rachmaninov?

— Ah, essa peça — disse eu em voz alta. — O antigo professor de piano de Sophia achava que era fácil demais para ela.

Isso não era verdade. Mas eu não queria que Wei-Yi pensasse que eu estava questionando o julgamento dele.

— *Fácil?* — trovejou Wei-Yi com desprezo.

Ele tinha uma voz de barítono grave, estranhamente em desacordo com sua constituição miúda e infantil. Estava na casa dos trinta e era de ascendência chinesa e japonesa, mas fora criado em Londres e aprendera russo.

— Os concertos de piano de Prokofiev chegam ao céu. E não há nada, nem uma única nota sequer, que seja fácil nessa peça. Eu desafio qualquer pessoa a tocá-la bem.

Gostei disso. Gosto de figuras com autoridade. Gosto de *peritos*. Isso é o oposto de Jed, que odeia autoridade e acha que, em sua maioria, os “especialistas” são charlatões. O mais importante é que Prokofiev não era fácil! Oba! O professor Wei-Yi Yang, um especialista, disse isso.

Meu coração deu um salto. Os ganhadores do primeiro prêmio desse concurso tocavam como solistas no Carnegie Hall. Até agora, Sophia só havia entrado em concursos locais. Fui à loucura quando ela tocou como solista com a Farmington Valley Symphony (todos voluntários). Pular daí para um concurso internacional era bem assustador, mas uma chance no *Carnegie Hall* — eu nem conseguia pensar nisso.

Nos meses seguintes, Sophia e eu aprendemos o que era ter aulas de piano com um mestre. Ver o professor Yang ensinar Sophia a tocar “Julieta menina” foi uma das experiências mais incríveis e uma das maiores lições de humildade que já tive. À medida que ele ajudava Sophia a dar vida à peça, acrescentando cada vez mais nuances, tudo que eu conseguia pensar era: esse homem é um gênio. Eu sou uma bárbara. Prokofiev é um gênio. Eu sou uma cretina. Wei-Yi e Prokofiev são maravilhosos. Eu sou uma canibal.

Ir às aulas com Wei-Yi tornou-se minha atividade preferida. Eu passava a semana inteira ansiando por aquele momento. E, em cada sessão, eu anotava tudo religiosamente, enxergando nas escalas o que não era capaz de ver antes. Às vezes eu achava que aquilo era demais para mim. O que ele queria dizer com tríades e compassos triplos, e com compreender a harmonia da música, e por que Sophia parecia entender tudo tão depressa? Às vezes, eu captava coisas que Sophia perdia — eu não tirava o olho um minuto das demonstrações de Wei-Yi, ocasionalmente fazendo esboços no meu caderno para registrá-las. Em casa, nós duas trabalhávamos juntas de uma forma nova, tentando absorver e implementar em conjunto as ideias e as instruções de Wei-Yi. Eu já não precisava gritar com Sophia nem brigar para que ela estudasse. Ela estava estimulada e intrigada; era como se um mundo novo se abrisse para ela e para mim também, como sócia minoritária.

A parte mais difícil do Prokofiev era o obscuro tema de Julieta, que constituía a espinha dorsal da peça. Eis o que Sophia escreveu depois, numa redação para a

escola, sobre “A conquista de Julieta”:

Eu acabara de tocar as últimas notas de “Julieta menina”, e o estúdio do subsolo estava num silêncio sepulcral. O professor Yang me olhava. Eu olhava para o tapete. Minha mãe escrevia furiosamente em nosso caderno de piano.

Revisei mentalmente a peça. Seriam as escalas ou os saltos? Eu acertara todos eles. A dinâmica ou o tempo? Eu obedecera a cada crescendo e a cada ritardo. Ao que me constava, minha interpretação fora impecável. Então, o que havia de errado com aquelas pessoas, e o que mais poderiam querer de mim?

Afinal, o professor Yang falou:

— Sophia, qual é a temperatura dessa peça?

Fiquei sem palavras.

— É uma pergunta delicada. Vou facilitar as coisas. Considere a seção intermediária. De que cor é?

Percebi que tinha de dar uma resposta.

— Azul? Azul-claro?

— E qual a temperatura do azul-claro?

Essa era fácil.

— O azul-claro é frio.

— Então deixe a frase ser fria.

Que tipo de instrução era aquela? O piano é um instrumento de percussão. Temperatura não faz parte da equação. A melodia delicada não me saía da cabeça. “Pense, Sophia!” Eu sabia que esse era o tema de Julieta. Mas quem era Julieta e de que maneira ela era “fria”? Lembrei-me de algo que o professor Yang mencionara na semana anterior: Julieta tinha catorze anos, exatamente como eu. Como eu agiria se um belo rapaz mais velho de repente declarasse seu eterno amor por mim? Bem, pensei com meus botões, ela já sabe que é desejável, mas também está lisonjeada e confusa. Está fascinada por ele, mas é também tímida e teme parecer ávida demais. Esta era uma frieza que eu conseguia compreender. Respirei fundo e comecei.

Espantosamente, o professor Yang ficou satisfeito.

— Melhor. Agora toque de novo, mas dessa vez ponha Julieta em suas mãos, não em suas expressões faciais. Aqui, assim... — Ele tomou meu lugar ao banco para demonstrar.

Nunca hei de me esquecer como ele transformou a pequena melodia. Era Julieta exatamente como eu a visualizara. Sedutora, vulnerável, meio blasé. O segredo, como comecei a me dar conta, era deixar a mão refletir o caráter da peça. A do professor Yang estava em concha, formando uma tenda. Ele manipulava o som das teclas. Seus dedos eram finos e elegantes como pernas de bailarina.

— Agora você — ordenou ele.

Infelizmente, Julieta era só metade da peça. A página seguinte trazia um personagem novo: Romeu, movido a testosterona e doente de amor. Ele apresentava um desafio completamente diferente. Seu tom era tão rico e musculoso quanto o de Julieta era etéreo e esguio. E, obviamente, o professor Yang tinha mais perguntas com as quais precisei me debater.

— Sophia, seu Romeu e sua Julieta parecem iguais. Por que instrumentos eles são tocados?

Não entendi. “Ih, piano?”, pensei com meus botões.

O professor Yang prosseguiu.

— Sophia, esse balé foi composto para uma orquestra inteira. Como pianista, você precisa reproduzir o som de todos os instrumentos. Então qual é Julieta, e qual é Romeu?

Atônita, toquei os primeiros compassos de cada tema.

— Julieta é... flauta, talvez, e Romeu é... violoncelo?

Afinal, Julieta era fagote. Mas eu estava certa quanto a Romeu. No arranjo original de Prokofiev, o tema dele é tocado pelo violoncelo. Sempre tive mais facilidade para entender a personagem de Romeu. Não sei bem por quê. Definitivamente não era inspirada na vida real. Talvez eu apenas sentisse pena dele. Obviamente ele estava condenado e perdidamente apaixonado por Julieta. A mais leve sugestão do tema dela o deixava implorando de joelhos.

Enquanto Julieta me escapou por muito tempo, sempre soube que poderia captar Romeu. Suas mudanças de humor exigiam algumas técnicas de execução diferentes. Às vezes ele era sonoro e confiante. Aí, apenas alguns compassos depois, estava desesperado e suplicante. Tentei treinar minhas mãos como o professor Yang disse. Era bastante difícil ser um soprano e uma primeira bailarina para Julieta. Agora eu tinha de tocar piano como um violoncelista.

Guardarei a conclusão da redação escolar de Sophia para um capítulo posterior.

O concurso para o qual Sophia estava se preparando era aberto a jovens pianistas do mundo inteiro, a qualquer um que já não fosse músico profissional. Inusitadamente, não havia audição ao vivo. Os vencedores seriam escolhidos apenas com base num CD não editado, de quinze minutos, contendo repertório à nossa escolha. Wei-Yi fez questão absoluta de que a abertura de nosso CD fosse com Sophia tocando “Julieta menina”, seguida por “A rua desperta”, outra peça curta de *Romeu e Julieta*. Como o curador de uma exposição de arte, ele escolheu cuidadosamente os outros trabalhos — uma “Rapsódia húngara” de Liszt, uma sonata de Beethoven do período intermediário — que completariam o CD.

Após oito semanas exaustivas, Wei-Yi disse que Sophia estava pronta. Tarde da noite de uma terça-feira, após ela ter terminado os deveres de casa e os exercícios, fomos para o estúdio de um engenheiro de som profissional chamado Istvan para gravar o CD. A experiência foi traumatizante. A princípio, não entendi. Isso deveria ser fácil, pensei. Podemos refazer o disco tantas vezes quantas forem necessárias para conseguir uma versão perfeita. Completamente errado. O que eu não entendia era (1) as mãos dos pianistas se cansam; (2) é difícilimo tocar com musicalidade quando não há plateia e você sabe que cada nota está sendo gravada; e (3), como Sophia me explicou chorosa, quanto mais ela tocava e tornava a tocar as peças, esforçando-se ao máximo de cada vez para lhes infundir emoção, mais vazias elas soavam.

A parte mais difícil de todas era invariavelmente a última página — às vezes a última linha. Era como assistir à sua patinadora olímpica preferida, que parecia capaz de ganhar a medalha de ouro se apenas aterrissasse bem nos últimos saltos. A pressão

aumenta de maneira insuportável. “Podia ser essa”, você pensa, “é essa”. Aí ela cai no salto triplo final, se estatela no gelo e sai quicando.

Algo semelhante aconteceu com a sonata de Beethoven de Sophia, que simplesmente não queria sair direito. Após a tomada 3, quando Sophia omitiu duas linhas inteiras perto do fim, Istvan gentilmente sugeriu que eu saísse para tomar um pouco de ar. Istvan era muito calmo. Usava uma jaqueta de couro preto, gorro de esqui preto e óculos escuros de Clark Kent.

— Tem um café aí na rua — acrescentou. — Quem sabe você pode comprar um chocolate quente para Sophia? Eu bem que estou precisando de um café.

Quando voltei com as bebidas, quinze minutos depois, Istvan estava guardando o material e Sophia ria. Eles me disseram que haviam conseguido um Beethoven que ficara bastante bom — não livre de erro, mas muito musical —, e eu estava aliviada demais para questioná-los.

Levamos o CD contendo todas as tentativas de Sophia para cada peça e o entregamos a Wei-Yi, que fez a seleção final das tomadas (“O primeiro Prokofiev, o terceiro Liszt e o último Beethoven, por favor”). Istvan então gravou um CD de proposta, que enviamos por FedEx para o concurso.

E aí esperamos.

Como chegar ao Carnegie Hall, parte 2

Era a vez de Lulu! A mãe chinesa não tem descanso, não tem tempo para recarregar as baterias, nem possibilidade de se mandar com amigos para passar uns dias num resort de águas termais da Califórnia. Enquanto aguardávamos notícias sobre o concurso de Sophia, voltei minha atenção para Lulu, com onze anos na época, e tive uma grande ideia: como a Sra. Vamos havia sugerido, Lulu iria fazer um teste para o programa pré-universitário da Juilliard School, em Nova York, aberto a crianças muito talentosas, basicamente dos sete aos dezoito anos. Kiwon não sabia ao certo se Lulu estava pronta em termos técnicos, mas eu acreditava que podíamos chegar lá.

Jed me criticava e ficava tentando me demover. O programa pré-universitário da Juilliard é famoso por ser intenso. A cada ano, milhares de crianças muito capacitadas do mundo inteiro — em especial da Ásia e mais recentemente da Rússia e do Leste Europeu — se candidatam para algumas vagas. As crianças que se inscrevem fazem isso porque (1) seu sonho é se tornar músicos profissionais; (2) o sonho de seus pais é que elas se tornem músicos profissionais; ou (3) seus pais acham, com razão, que ir para a Juilliard há de ajudá-las a entrar numa faculdade da Ivy League. Os poucos felizardos que são aceitos no programa estudam na Juilliard de nove a dez horas todos os sábados.

Jed não estava muito entusiasmado com a ideia de se levantar de manhãzinha todo sábado, pegar o carro e ir para Nova York (eu disse que me incumbiria disso). Mas o

que realmente o preocupava era o ambiente tenso e às vezes a mentalidade de competição acirrada pelos quais a Juilliard é famosa. Ele não tinha certeza se isso seria bom para Lulu. Lulu também não sabia se seria bom para ela. Na verdade, ela insistia que não queria fazer o teste e falava que não iria, mesmo se passasse. Mas como Lulu nunca quer fazer nada que eu proponho, naturalmente, não fiz caso dela.

Havia outra razão pela qual Jed não tinha certeza se a Juilliard era uma boa ideia. Muitos anos atrás ele estudara lá. Depois de se formar em Princeton, fora aceito na Escola de Teatro da Juilliard, sabidamente mais difícil ainda de entrar que na Escola de Música. Jed mudou-se para a cidade de Nova York e estudou teatro com uma turma que incluía Kelly McGillis (*Top Gun*), Val Kilmer (*Batman*) e Marcia Cross (*Desperate Housewives*). Saiu com dançarinas de balé, aprendeu a técnica Alexander e fez o papel principal em *Rei Lear*.

Então Jed foi expulso... por “insubordinação”. Estava fazendo o papel de Lopakhin em *O jardim das cerejeiras*, de Tchekhov, e a diretora pediu que ele representasse de determinada maneira. Jed discordou dela. Várias semanas depois, a troco de nada, num ensaio, ela ficou uma fera com Jed, quebrou uns lápis ao meio, declarou que não conseguia trabalhar com alguém que “se limita a ficar ali parado, me olhando com desdém, criticando cada palavra que eu digo”. Dois dias depois, Jed foi informado pelo presidente da Escola de Teatro (que por acaso era casado com a diretora que Jed ofendera) de que deveria procurar outra coisa para fazer. Após um ano trabalhando como garçom em Nova York, a “outra coisa” acabou sendo cursar Direito em Harvard.

Talvez pelo fato de eu achar que a história tenha um final feliz — Jed e eu não nos teríamos conhecido se ele tivesse ficado na Juilliard —, eu a conto em todas as festas, onde sempre faz grande sucesso, sobretudo depois que eu a floreo. Parece que as pessoas acham legal um professor de Direito ter ido para a Juilliard e conhecido Kevin Spacey (alguns anos mais adiantado que Jed). Há também algo em se insubordinar e ser expulso que os americanos adoram.

Mas, quando contamos a história para meus pais, não foi nada bom. Isso foi antes que Jed e eu nos casássemos. Na verdade, eu só tinha revelado a existência de Jed

havia pouco tempo. Após escondê-lo por dois anos, afinal contei a meus pais que estava namorando Jed a sério, e eles ficaram chocados. Minha mãe ficou praticamente de luto. Quando eu era criança, ela me dava montes de conselhos a respeito de como encontrar o marido certo.

— Não se case com um homem muito bonito: é perigoso. As coisas mais importantes num marido são o caráter e a saúde. Se você casar com um homem doentio, terá uma vida horrorosa.

Mas ela sempre presumiu que o marido não doentio seria chinês, e o ideal era que fosse da província de Fujian e doutor em medicina, com um Ph.D.

Em vez disso, lá estava Jed — ocidental e judeu. O fato de Jed ter estudado teatro não impressionou nem remotamente meu pai ou minha mãe.

— Curso de teatro? — repetia meu pai, sisudo, no sofá onde ele e minha mãe estavam sentados lado a lado, olhando para Jed. — Você queria ser ator?

Os nomes Val Kilmer e Kelly McGillis não pareciam significar nada para meus pais, e eles continuavam ali, gelados. Mas quando Jed contou que foi expulso e teve de trabalhar de garçom durante seis meses, minha mãe engasgou.

— *Expulso?* — disse ela, lançando um olhar angustiado para meu pai.

— Isso está no currículo dele? — perguntou meu pai, sombrio.

— Pai, não se preocupe! — tranquilizei-o, rindo. — Acabou sendo uma sorte. Jed foi estudar Direito, e ele adora Direito. É só uma história engraçada.

— Mas agora você diz que ele está trabalhando para o governo — disse meu pai em tom de acusação.

Dava para ver que ele tinha em sua cabeça uma imagem de Jed num cubículo, selando formulários no Departamento de Veículos Automotivos.

Pela terceira vez, expliquei com paciência a meus pais que Jed, querendo fazer algo de interesse público, deixara seu escritório de advocacia para trabalhar como promotor federal no Ministério Público do Distrito Sul de Nova York.

— É um cargo de muito prestígio — expliquei — e foi *difícilimo* de conseguir. Jed passou a ganhar oitenta por cento menos por isso.

— *Oitenta por cento!* — exclamou minha mãe.

— Mamãe, é só por três anos — disse eu, cansada, começando a desistir. Entre nossos amigos ocidentais, dizer que Jed tinha aceitado receber menos para fazer um serviço público sempre levava as pessoas a lhe darem “parabéns” e tapinhas nas costas. — No mínimo, é uma experiência importante. Jed gosta de litígio. Ele quer ser um advogado de tribunal.

— Por quê? — perguntou minha mãe com amargura. — Por que ele queria ser ator?

Essa última palavra foi cuspidada, como se fosse uma mancha moral indelével.

É engraçado pensar nisso agora e em como meus pais mudaram desde então. Quando eu estava pensando na Juilliard para Lulu, meus pais idolatravam Jed. (Ironicamente, a essa altura, o filho de um grande amigo de nossa família era ator famoso em Hong Kong, e a opinião de meus pais sobre a profissão de ator mudara radicalmente.) Eles também já haviam entendido que a Juilliard era famosa. (“Yo-Yo Ma!”) Mas, como Jed, não entendiam por que eu queria que Lulu tentasse entrar no programa pré-universitário.

— Você não quer que ela seja uma violinista profissional, quer? — perguntou meu pai, intrigado.

Eu não tinha resposta, mas isso não me impedia de teimar. Na época em que apresentei o CD de Sophia para disputar o concurso de piano, submeti a candidatura de Lulu à Juilliard.

Como eu disse, é muito mais difícil criar filhos à maneira chinesa do que à ocidental. Simplesmente não há trégua. Eu mal acabara de passar dois meses trabalhando noite e dia com Sophia em suas peças e tive de dar meia-volta e fazer o mesmo com Lulu.

O processo de teste da divisão pré-universitária da Juilliard é montado de uma forma que maximiza a pressão. Os candidatos da idade de Lulu têm de estar preparados para tocar três oitavas de escalas menores e arpejos, um *étude*, um movimento lento e um rápido de um concerto, e outra peça contrastante — tudo decorado, claro. Na audição propriamente dita, as crianças entram numa sala sem os pais e tocam diante de uma banca composta por cinco a dez membros do corpo

docente da divisão pré-universitária, e eles podem pedir para ouvir qualquer parte de qualquer peça em qualquer ordem e interrompê-la a qualquer momento. O corpo docente da divisão pré-universitária de violino inclui grandes nomes como Itzhak Perlman e o primeiro violino da Filarmônica de Nova York, Glenn Dicterow, bem como alguns dos mais destacados professores de jovens violinistas do mundo. Estávamos de olho numa professora chamada Naoko Tanaka, que, como a Sra. Vamos, era solicitadíssima por alunos do mundo inteiro que tentavam ingressar no estúdio dela. Tínhamos ouvido falar na Srta. Tanaka porque Kiwon estudara nove anos com ela, antes de partir, aos dezessete anos, para estudar com a Sra. Vamos.

Foi difícilimo ajudar a preparar Lulu, porque ela continuava dizendo que jamais faria o teste. Odiava tudo o que ouvia Kiwon falar sobre o assunto. Sabia que alguns dos candidatos viriam da China, da Coreia do Sul e da Índia só para o teste, para o qual estavam estudando havia anos. Outros ainda o repetiriam depois de terem sido reprovados duas ou três vezes. Outros, ainda, já tinham aulas particulares com membros do corpo docente pré-universitário.

Mas eu meti a cara. “No final, a decisão será sua”, menti. “Vamos nos preparar para o teste, mas, afinal, se você não quiser fazê-lo, não precisa.” “Nunca deixe de tentar uma coisa por medo”, pontificava eu outras vezes. “Tudo o que já fiz de valor é algo que eu tinha pavor de tentar.” Para aumentar a produtividade, contratei não só Kiwon por muitas horas por dia, mas também uma aluna da graduação chamada Lexie, que Lulu passou a adorar. Embora não tivesse a habilidade técnica de Kiwon, Lexie tocava na orquestra de Yale e gostava verdadeiramente de música. Intelectual e filosófica, Lexie era uma influência maravilhosa para Lulu. Era questionadora. Ela e Lulu conversavam sobre seus compositores e concertos favoritos, sobre violinistas supervalorizados e interpretações diferentes das peças de Lulu. Depois dessas conversas, Lulu sempre estava motivada para estudar.

Enquanto isso, eu continuava dando minhas aulas em Yale e terminava um segundo livro, este sobre os grandes impérios da história e o segredo de seu sucesso. Também viajava constantemente para dar palestras sobre conflito étnico.

Um dia, quando eu estava num aeroporto qualquer tentando voltar para New Haven, verifiquei meu BlackBerry e vi um e-mail dos patrocinadores do concurso de piano de Sophia. Por alguns minutos fiquei paralisada, temendo más notícias. Afinal, quando já não aguentava mais, apertei o botão.

Sophia tinha tirado primeiro lugar. Ela ia tocar no Carnegie Hall! Só havia um problema: a apresentação de Sophia no Carnegie Hall era na noite da véspera da audição de Lulu na Juilliard.

A estreia e o teste



Sophia no Carnegie Hall, 2007

Foi um grande dia — a estreia de Sophia no Carnegie Hall. Dessa vez eu chegara à loucura. Falara com Jed, e decidimos abrir mão das nossas férias de inverno naquele ano. O vestido de Sophia para o evento era um longo de cetim cor de carvão da Barneys de Nova York — nada de David's Bridal para esse dia! Para a recepção após a apresentação, eu alugara o salão Fontainebleau do St. Regis de Nova York, onde também reservamos dois quartos por duas noites. Além de sushis, tortas de caranguejo real, pasteizinhos, *quesadillas*, um balcão de ostras e camarões VG em bacias de prata com gelo, encomendei um bufê de carne, um de pato de Pequim e um de massa (para as crianças). Na última hora, mandei acrescentar profiteroles de gruyère, bolinhos de arroz sicilianos com cogumelos selvagens e uma gigantesca mesa de sobremesas. Eu também mandara imprimir convites e os enviara a todos que conhecíamos.

Cada vez que chegava uma conta nova, Jed arregalava os olhos.

— Bem, lá vão nossas férias de verão também — disse ele a certa altura.

Enquanto isso, minha mãe se horrorizava com a minha extravagância. Quando eu era pequena, a gente só ficava em Motel 6 ou Holliday Inn. Mas o Carnegie Hall era uma oportunidade única, e eu estava decidida a torná-la inesquecível.

A título de clareza analítica, talvez eu devesse ressaltar que alguns aspectos do meu comportamento — por exemplo, minha propensão ao exibicionismo e ao exagero — não são característicos da maioria das mães chinesas. Herdei esses defeitos, assim como meu tom de voz alto e meu gosto por festas grandes e pela cor vermelha, de meu pai. Mesmo quando eu era criança, minha mãe, que era muito calada e recatada, balançava a cabeça e dizia:

— É genético. Amy é um clone do “excêntrico” — o qualificativo se referia a meu pai, a quem na verdade sempre idolatrei.

Uma parte do trato que fiz com o St. Regis era que teríamos acesso a um piano, e, na véspera do recital, Sophia e eu ensaiamos várias vezes durante o dia. Jed temia que eu fosse longe demais e cansasse os dedos de Sophia. Wei-Yi nos disse que Sophia sabia suas peças de trás para frente, e que estar calma e concentrada era mais importante que tudo. Mas eu precisava me certificar de que a apresentação de Sophia fosse impecável, que ela não deixasse de incluir uma só minúscula nuance de brilho que Wei-Yi nos ensinara. Contrariando o conselho de todos, praticamos até quase uma da madrugada na véspera. A última coisa que eu disse para ela foi:

— Você vai estar maravilhosa. Depois de se esforçar tanto assim, sabe que deu o máximo de si, e agora não importa o que aconteça.

No dia seguinte, quando chegou a hora — enquanto eu mal conseguia respirar, agarrando o braço da poltrona quase em rigidez cadavérica —, Sophia tocou de forma brilhante, jubilosa. Eu conhecia cada nota, cada pausa e cada toque espirituoso como a palma da minha mão. Sabia onde estavam os potenciais riscos. Sophia deixou todos para trás. Eu conhecia suas partes favoritas, as transições mais magistrais. Reconheci onde, graças aos céus, ela não se apressou e exatamente quando começou a convencer, permitindo-se improvisar emocionalmente e sabendo que o recital já era um triunfo absoluto.

Depois, quando as pessoas se apressaram para lhe dar os parabéns e abraçá-la, fiquei para trás. Eu não precisava do momento clichê em que “os olhos de Sophia procuravam os meus na multidão”. Limitei-me a observar de longe a gracinha da minha filhinha adulta, rindo com os amigos, coberta de flores.

Em momentos de desespero, forço-me a reviver essa lembrança. Meus pais e irmãos estavam lá, assim como o pai de Jed, Sy, e sua mulher Harriet, e muitos amigos e colegas. Wei-Yi viera de New Haven para a apresentação e estava visivelmente orgulhoso da jovem pupila. Segundo Sophia, aquele foi um dos dias mais felizes de sua vida. Eu não só convidara toda a sua turma, como alugara uma van para transportar seus colegas de New Haven para Nova York e vice-versa. Ninguém aplaude tão alto quanto um bando de alunos de oitava série soltos em Nova York — e ninguém pode comer tanto coquetel de camarão (que o St. Regis cobrou por unidade).

Como prometido, eis o final da redação de Sophia, “A conquista de Julieta”:

Não entendi bem o que estava acontecendo até me ver nos bastidores, petrificada, tremendo. Minhas mãos estavam frias. Eu não lembrava como a peça começava. Um espelho antigo traiu o contraste entre minha cara branquíssima e meu vestido escuro, e me perguntei quantos outros músicos já haviam se olhado no mesmo espelho.

O Carnegie Hall. Isso não parecia certo. Este era supostamente o objetivo inatingível, o incentivo da falsa esperança que me manteria estudando a vida inteira. E, no entanto, lá estava eu, uma aluna de oitava série, prestes a tocar “Julieta menina” para a plateia em expectativa.

Eu me esforçara muito para isso. Romeu e Julieta não foram as únicas personagens que eu tinha aprendido. O murmúrio doce e repetitivo que acompanhava Julieta era sua ama. As cordas alvoroçadas eram os amigos brincalhões de Romeu. Muito de mim estava manifestado nessa peça, de uma forma ou de outra. Naquele momento, percebi o quanto eu amava essa música.

Dar um recital não é fácil — na verdade é desolador. A gente passa meses, talvez anos, dominando uma peça; torna-se parte dela, e ela se torna parte da gente.

Tocar para uma plateia é como doar sangue. Deixa a gente se sentindo vazia e meio atordoada. E, quando tudo termina, a nossa peça simplesmente não é mais nossa.

Estava na hora. Fui para o piano e me inclinei sobre ele. Só o palco estava aceso, e eu não via os rostos na plateia. Dei adeus a Romeu e Julieta e soltei-os no escuro.

O sucesso de Sophia me energizou, me encheu de novos sonhos. Não pude deixar de notar que o Weill Recital Hall, onde Sophia tocou — embora charmoso com seus arcos estilo *belle époque* e proporções simétricas — era uma sala relativamente pequena, localizada no terceiro andar do Carnegie Hall. Fiquei sabendo que o magnífico salão muito maior que eu vira na televisão, onde alguns dos maiores músicos do mundo haviam tocado para plateias de quase três mil pessoas, chamava-se auditório Isaac Stern. Tratei de me lembrar que um dia devíamos tentar chegar lá.

Houve algumas nuvens naquele dia. Todos sentimos a ausência de Florence, deixando um vazio que não conseguia ser preenchido. Também doeu um pouco o fato de a antiga professora de piano de Sophia, Michelle, não ter ido. A mudança para Wei-Yi não fora bem-aceita, apesar de nossos esforços para manter uma boa relação. Mas o pior foi que Lulu teve uma intoxicação alimentar no dia do recital. Após passar a manhã inteira estudando com Kiwon para a audição, foram as duas almoçar numa delicatessen. Vinte minutos depois, Lulu estava enjoada, se contorcendo de cólica. Consegui assistir à apresentação de Sophia antes de sair cambaleando da sala. Kiwon levou-a de táxi para o hotel. Lulu perdeu a recepção inteira, e, durante a festa, Jed e eu nos revezamos, correndo até nosso quarto de hotel, onde Lulu passou a noite inteira vomitando, assistida por minha mãe.

Na manhã seguinte, levamos Lulu, branca como um fantasma e mal conseguindo andar, à Juilliard. Ela estava com um vestido amarelo e branco e um laço grande no cabelo, o que só a deixava com uma cara mais abatida. Pensei em cancelar a audição, mas tínhamos investido tantas horas nos preparando que até Lulu queria se apresentar. Na área de espera, víamos pais asiáticos por toda parte, andando de um lado para o outro, carrancudos e obstinados. “Parecem tão sem sutileza”, pensei com meus botões, será que podem gostar de música? Então me dei conta de que quase

todos os outros pais eram estrangeiros ou imigrantes, e que a música era um passaporte para eles, e pensei: não sou como eles. Não sou páreo para eles.

Quando chamaram o nome de Lulu e ela entrou bravamente no auditório sozinha, quase morri de dó — quase desisti de tudo naquela hora. Em vez disso, Jed e eu colamos nossas orelhas à porta e ouvimos enquanto ela tocava o *Concerto n° 3* de Mozart e a *Berceuse* de Gabriel Fauré, ambos da forma mais emocionante que eu já a ouvira tocar. Depois, Lulu nos disse que Itzhak Perlman e Naoko Tanaka, a famosa professora de violino, estavam entre os jurados na sala.

Um mês depois, recebemos a má notícia pelo correio. Jed e eu soubemos instantaneamente o que continha o envelope fino. Lulu ainda estava na escola. Após ler a carta formal de recusa, de duas linhas, Jed se afastou desgostoso. Não me disse nada, mas a acusação tácita era: “Agora está feliz, Amy? E agora?”

Quando Lulu chegou, eu disse a ela da forma mais agradável que pude:

— Olhe, Lulu, querida, sabe de uma coisa? Recebemos notícias da Juilliard. Você não foi aceita. Mas não tem importância, a gente não esperava entrar esse ano. Muita gente não entra de primeira. Agora sabemos o que fazer para a próxima vez.

Não consegui suportar a expressão que apareceu no rosto de Lulu. Por um segundo, achei que ela fosse chorar, mas aí me dei conta de que jamais faria isso. “Como poderia tê-la preparado para tamanha decepção?”, pensei. Aquelas horas todas que investimos agora eram grandes manchas negras em nossas lembranças. “Como eu iria fazê-la se exercitar de novo?”

— Ainda bem que não passei — a voz de Lulu interrompeu meus pensamentos. Ela agora parecia meio revoltada.

— Lulu, o papai e eu estamos muito orgulhosos por...

— Ah, *pare com isso* — disse Lulu. — Já falei: não estou ligando. Você me obrigou a fazer o teste. *Odeio* a Juilliard. Ainda bem que não passei — repetiu.

Não sei o que eu teria feito se não tivesse recebido um telefonema no dia seguinte, e logo de Naoko Tanaka. A Srta. Tanaka disse achar que Lulu tocara maravilhosamente bem na audição, demonstrando uma musicalidade excepcional, e que ela pessoalmente votara pela aprovação. Explicou também que naquele ano

decidira-se que o programa pré-universitário de violino seria enxugado. Por isso, uma quantidade sem precedentes de candidatos havia disputado um número de vagas mais reduzido do que nunca, tornando o ingresso ainda mais difícil. Eu estava justamente começando a agradecer à Srta. Tanaka a consideração de ter ligado, quando ela se ofereceu para tomar Lulu como aluna em seu estúdio particular.

Fiquei pasma. O estúdio particular da Srta. Tanaka era famoso pela exclusividade — era quase impossível ser aceito nele. Fiquei animada e pensei depressa. O que eu queria mesmo era uma boa professora para Lulu. Não me importava tanto com o programa pré-universitário. Eu sabia que estudar com a Srta. Tanaka significaria ir de carro para Nova York todo fim de semana. E não sabia ao certo como Lulu reagiria.

Aceitei na hora em nome de Lulu.

Explosão em Budapeste



Lulu e Sophia na Antiga Academia Liszt

Depois de todas aquelas horas terríveis de preparação para o teste da Juilliard, e mais a intoxicação alimentar e a carta de reprovação, você acha que eu daria um descanso para Lulu? Talvez eu devesse ter dado, mas isso foi há dois anos, quando eu era mais jovem, e não dei. Amolecer seria subestimá-la. Seria a saída fácil, que eu via como a atitude típica ocidental. Em vez disso, aumentei ainda mais a pressão. Pela primeira vez paguei um preço real por isso, mas nada comparado ao preço que eu acabaria pagando.

Dois dos mais importantes convidados para o recital de Sophia no Carnegie Hall eram Oszkár e Krisztina Pogány, velhos amigos húngaros da família, que por acaso estavam de visita a Nova York na época. Oszkár é um físico importante e grande amigo de meu pai. Sua mulher, Krisztina, é uma antiga pianista concertista, hoje bastante envolvida na cena musical de Budapeste. Depois do recital, Krisztina veio correndo até nós, entusiasmada com a atuação de Sophia — gostara especialmente de “Julieta menina” — e disse que tivera uma inspiração.

Budapeste, explicou Krisztina, em breve estaria celebrando a Noite do Museu, quando museus por toda a cidade apresentam palestras, espetáculos e concertos. Pelo preço de um só ingresso, as pessoas podem “pular de museu em museu” até tarde da noite. Como parte da Noite do Museu, a Academia de Música Franz Liszt apresentaria alguns concertos. Krisztina achava que teria grande sucesso o concerto de um “Prodígio Americano”, apresentando Sophia.

Era um convite emocionante. Budapeste é uma cidade com fama musical, terra não só de Liszt, mas também de Béla Bartók e Zoltán Kodály. Dizem que o incrível Teatro de Ópera da cidade só fica atrás, em termos de acústica, do La Scala de Milão e do Palais Garnier de Paris. O local que Krisztina propôs para o concerto foi a Antiga Academia de Música, um elegante prédio neorrenascentista de três andares que já havia sido a residência oficial de Franz Liszt, fundador e presidente da Academia. A Academia Antiga (substituída em 1907 pela Nova Academia de Música, localizada a poucas ruas dali) era agora um museu ocupado por instrumentos originais, móveis e partituras musicais manuscritas de Liszt. Krisztina disse a Sophia que ela se apresentaria num dos pianos do próprio Liszt! E que haveria um grande público — sem falar que seria a primeira apresentação paga de Sophia.

Mas eu tinha um problema. Passado tão pouco tempo desde a ostentação do Carnegie Hall, como Lulu se sentiria em relação a outro grande acontecimento com Sophia no centro das atenções? Lulu ficara satisfeita com o convite da Srta. Tanaka. Para minha surpresa, ela dissera imediatamente que queria aceitá-lo. Mas isso só contribuiu um pouquinho para amenizar a dor da decepção com a Juilliard. Para piorar as coisas, eu não pensara em fazer segredo da audição, e, durante meses, Lulu teve de lidar com gente lhe perguntando:

— Já teve o resultado do teste? Garanto que você passou.

A abordagem chinesa da criação de filhos é fraquíssima quando se trata de fracasso. Simplesmente não tolera essa possibilidade. O modelo chinês se baseia na conquista do sucesso. É assim que é gerado o círculo virtuoso da confiança, do trabalho duro e de mais sucesso. Eu sabia que devia garantir que Lulu alcançasse esse sucesso — no mesmo nível de Sophia — antes que fosse tarde demais.

Pensei num plano e aliciei minha mãe como minha agente. Pedi-lhe que ligasse para sua velha amiga Krisztina e lhe contasse tudo sobre Lulu e o violino; como ela tocara para Jessye Norman e depois para a famosa professora de violino Sra. Vamos, e como ambas haviam dito que Lulu era talentosíssima, e, afinal, como Lulu acabara de ser aceita como aluna particular de uma professora mundialmente reconhecida da famosa Juilliard School. Pedi que minha mãe sentisse se haveria alguma possibilidade de Lulu se apresentar fazendo um dueto com Sophia em Budapeste, mesmo que só para uma peça. Talvez — orientei minha mãe para que sugerisse — essa peça pudesse ser as *Danças folclóricas romenas para piano e violino*, de Bartók, que as meninas haviam tocado recentemente e que eu sabia que Krisztina acharia interessante. Ao lado de Liszt, Bartók é o compositor mais famoso da Hungria, e suas *Danças folclóricas romenas* são uma atração sensacional.

Demos sorte. Krisztina, que conhecera Lulu e gostara de sua personalidade fogosa, disse a minha mãe que adorara a ideia de Sophia tocar uma peça com a irmãzinha, e que as *Danças folclóricas romenas* seriam uma contribuição perfeita ao programa. Krisztina falou que organizaria tudo e até mudaria o cartaz do evento para “Duas Irmãs Prodígios da América”.

O concerto das meninas foi marcado para 23 de junho, dali a apenas um mês. De novo entrei de cabeça. Havia uma quantidade espantosa de trabalho a ser feita. Eu exagerara ao dizer à minha mãe que as meninas haviam tocado recentemente as *Danças folclóricas romenas*: “recentemente” significava um ano e meio atrás. Para reaprender as *Danças* e tocá-las direito, as meninas e eu tivemos de trabalhar dia e noite. Enquanto isso, Sophia também ensaiava freneticamente quatro outras peças que Wei-Yi escolhera para ela: a *Rapsódia em sol menor* de Brahms, uma peça de uma compositora chinesa, *Romeu e Julieta* de Prokofiev e, naturalmente, uma das famosas *Rapsódias húngaras* de Liszt.

Embora Sophia tivesse o repertório difícil, minha preocupação de verdade era Lulu. Eu queria de todo o coração que ela fosse um esplendor. Sabia que meus pais estariam no concerto. Por coincidência, eles passariam o mês de junho em Budapeste porque meu pai ia tomar posse na Academia Húngara de Ciências. Eu

também não queria decepcionar Krisztina. Mais que tudo, eu queria que Lulu fosse um sucesso para o próprio bem dela. “Isso é exatamente do que ela precisa”, pensei. O sucesso vai lhe dar muita segurança e orgulho. Precisei enfrentar alguma resistência de Lulu: eu lhe prometera uma folga depois do teste, acontecesse o que acontecesse, e agora estava quebrando a promessa. Mas me preparei para a batalha, e, quando as coisas ficaram intoleráveis, contratei Kiwon e Lexie como auxiliares.

Eis uma pergunta que sempre me fazem:

— Mas, Amy, deixe eu lhe perguntar. Por quem você está fazendo todo esse esforço: suas filhas — e aqui sempre a cabeça de lado, o tom de cumplicidade — ou você?

Acho essa uma pergunta muito ocidental (porque, pela mentalidade chinesa, o filho é a extensão do eu). Porém isso não quer dizer que não seja uma pergunta importante.

Minha resposta, estou bem certa, é que tudo o que faço é, inequivocamente, cem por cento por minhas filhas. Minha prova principal é que muito do que faço com Sophia e Lulu é desagradável, exaustivo e nem remotamente divertido para mim. Não é fácil fazer nossos filhos trabalharem quando eles não querem, dedicar horas extenuantes enquanto nossa própria juventude está indo embora, convencer os filhos de que eles são capazes de fazer uma coisa quando eles (e talvez até você) temem não conseguir.

— Sabem quantos anos de vida vocês já me tiraram? — vivo perguntando às meninas. — É uma sorte de vocês eu ser longeva, como indicam os grossos lobos da sorte das minhas orelhas.

Para ser honesta, eu às vezes me questiono se a pergunta “Por quem você realmente faz isso?” deveria ser feita também aos pais ocidentais. Às vezes acordo de manhã temendo o que tenho de fazer e pensando como seria fácil dizer: “Cara Lulu, podemos matar um dia de estudo de violino.” Ao contrário de minhas amigas ocidentais, eu nunca digo “Por mais que isso me mate, eu simplesmente tenho que deixar minhas filhas fazerem suas escolhas e seguirem seus corações. É a coisa mais difícil do mundo, mas estou fazendo tudo que posso para me segurar”. Depois elas

conseguem tomar uma taça de vinho branco e ir para a aula de ioga, enquanto eu tenho de ficar em casa, gritar e fazer minhas filhas me odiarem.

Pouco antes de partirmos para Budapeste, mandei um e-mail para Krisztina perguntando se ela conhecia algum professor de música experiente que pudesse repassar as *Danças folclóricas romenas* com as meninas como uma espécie de ensaio final, talvez dando algumas dicas sobre como tocar direito um compositor húngaro. Krisztina respondeu com boas notícias. Uma renomada professora de violino do Leste Europeu, a quem chamarei de Sra. Kazinczy, generosamente concordara em ver as meninas. Recentemente aposentada, agora a Sra. Kazinczy só dava aulas para os violinistas mais talentosos. Tinha um único horário disponível — no dia de nossa chegada —, e eu logo topei.

Chegamos ao hotel em Budapeste na véspera do concerto, às dez da manhã — quatro da manhã em New Haven. Estávamos exaustos e com os olhos sonolentos. Jed e Lulu tinham dor de cabeça. As meninas só queriam dormir, e eu mesma não me sentia muito bem, mas infelizmente estava na hora da aula com a Sra. Kazinczy. Já havíamos recebido dois recados, um de meus pais e outro de Krisztina, sobre onde nos encontrarmos. Entramos os quatro cambaleando num táxi, e, minutos depois, estávamos na Nova Academia de Música, um magnífico prédio *art nouveau*, com colunas majestosas, de frente para a praça Franz Liszt e ocupando quase meio quarteirão.

A Sra. Kazinczy nos encontrou numa sala grande, num dos andares superiores. Meus pais e uma Krisztina toda sorridente já lá estavam, sentados em cadeiras encostadas na parede. Havia na sala um piano antigo, o qual Krisztina indicou para Sophia.

A Sra. Kazinczy estava muito nervosa, para não dizer pior. Olhando para ela, a gente diria que o marido acabara de deixá-la por uma mulher mais jovem, mas não antes de transferir todos os bens para uma conta num paraíso fiscal. Ela era partidária da rígida escola russa de ensino de música: era impaciente, exigente e intolerante diante de qualquer coisa que percebesse como erro.

— Não! — gritou antes de Lulu tocar uma única nota. — O quê... Por que você segura o arco assim? — perguntou, incrédula.

Quando as meninas começaram a tocar, ela interrompia Lulu a cada duas notas, andando para trás e para a frente, gesticulando furiosamente. Achou monstruoso o dedilhado que Lulu aprendera e mandou-a corrigi-lo, embora estivéssemos na véspera da apresentação. Também se voltava toda hora para o piano a fim de falar bruscamente com Sophia, apesar de sua mira principal ser Lulu.

Tive um mau pressentimento. Eu via que Lulu achava as ordens da Sra. Kazinczy insensatas, suas reprimendas, injustas. Quanto mais furiosa Lulu ficava, mais ela tocava com rigidez e menos conseguia se concentrar. Seu fraseado se deteriorava, assim como a modulação. “Ah, não”, pensei comigo mesma. Pronto. Efetivamente, a certa altura, a expressão de Lulu ficou irritada, e de repente ela já não tentava mais, nem sequer ouvia. Enquanto isso, a Sra. Kazinczy ficava exaltadíssima. Tinha as têmporas inchadas e a voz mais esganiçada. Continuava dizendo coisas em húngaro para Krisztina, se aproximava de Lulu de modo alarmante, falava na cara dela, cutucava-a no ombro. Num momento de exasperação, bateu com um lápis nos dedos de Lulu enquanto ela tocava.

Vi a fúria subir no rosto de Lulu. Em casa, ela teria explodido imediatamente. Mas, ali, lutou para se segurar, para continuar tocando. A Sra. Kazinczy voltou a brandir o lápis. Dois minutos depois, no meio de uma passagem, Lulu disse que precisava ir ao banheiro. Levantei depressa e saí atrás dela, que foi enfurecida para um canto do corredor e desatou a chorar de raiva.

— Não volto lá para dentro — disse, furiosa. — Você não pode me obrigar. Essa mulher é louca. Odeio ela. *Odeio!*

Eu não sabia o que fazer. A Sra. Kazinczy era amiga de Krisztina. Meus pais continuavam na sala. Ainda havia meia hora de aula, e todo mundo esperava Lulu voltar.

Tentei raciocinar com Lulu. Lembrei-lhe que a Sra. Kazinczy dissera que ela tinha um talento incrível, e por isso estava exigindo tanto dela. (“Não me interessa!”) Admiti que a Sra. Kazinczy não sabia se comunicar bem, mas disse achar que ela era

bem-intencionada e implorei que Lulu lhe desse mais uma chance. (“Não dou!”) Quando tudo falhou, ralhei com Lulu. Disse que ela tinha uma obrigação com Krisztina, que largara seus compromissos para organizar essa sessão, e com meus pais, que ficariam horrorizados se ela não voltasse.

— Você não é a única envolvida, Lulu. Precisa ser forte e encontrar uma maneira de suportar isso.

Ela se negou. Fiquei arrasada. Por mais injustificada que a Sra. Kazinczy tivesse sido, ela ainda era uma professora, uma figura de autoridade, e uma das primeiras coisas que os chineses aprendem é que se deve respeitar a autoridade. Aconteça o que acontecer, não se responde a pais, professores, pessoas mais velhas. No fim, tive de voltar para a sala sozinha, pedindo mil desculpas e explicando (fingidamente) que Lulu estava zangada *comigo*. Então fiz Sophia — que também não estava morrendo de amores pela Sra. Kazinczy nem era violinista — fazer o resto da aula, recebendo ostensivamente dicas de como tocar em dueto.

Quando chegamos ao hotel, gritei com Lulu, depois Jed e eu começamos a discutir. Ele disse não criticar Lulu por sair da sala e que provavelmente tinha sido melhor ela ter saído. Ressaltou que ela acabara de fazer o teste da Juilliard, que estava exausta por causa do *jet lag*, que havia sido agredida por uma pessoa completamente estranha.

— Não é meio esquisito a Sra. Kazinczy tentar mudar o dedilhado de Lulu na véspera do concerto? Achei que não se devia fazer isso — disse ele. — Quem sabe você devesse ser mais solidária com Lulu. Sei o que está tentando fazer, Amy. Mas, se não tomar cuidado, o tiro pode sair pela culatra.

Uma parte de mim sabia que Jed estava certo. Mas eu não podia pensar nisso. Devia me concentrar no concerto. No dia seguinte, fui muito severa com as meninas, indo e vindo entre as salas em que elas ensaiavam na Nova Academia.

Por infelicidade, a indignação de Lulu com a Sra. Kazinczy só fez aumentar na noite anterior. Eu via que ela repassava mentalmente o episódio, ficando cada vez mais colérica e distraída. Quando lhe pedi para exercitar uma passagem, ela de repente explodiu:

— Ela não sabe do que está falando; o dedilhado que ela sugeriu era ridículo! Você viu que ela ficava se contradizendo?

Ou:

— Acho que ela não entendeu nada de Bartók. A interpretação dela foi medonha. Quem ela acha que é?

Quando eu lhe disse que ela precisava parar de ficar pensando na Sra. Kazinczy e perdendo tempo, Lulu falou:

— Você nunca fica do meu lado. Eu não quero tocar hoje. Não estou mais a fim. Aquela mulher estragou tudo. Deixe Sophia tocar sozinha.

Brigamos a tarde inteira, e eu não conseguia encontrar uma solução.

No fim, acho que Krisztina salvou o dia. Quando chegamos à Antiga Academia de Música, ela veio correndo ao nosso encontro, sorridente e exultante. Abraçou as meninas, empolgada, deu um presente a cada uma e disse:

— Estamos muito felizes de ter vocês. Vocês têm muito talento.

Balançando a cabeça, Krisztina disse de passagem que a Sra. Kazinczy não podia ter tentado modificar o dedilhado de Lulu e que ela devia ter esquecido que o concerto era no dia seguinte.

— Você é muito talentosa — repetia para Lulu. — Vai ser uma apresentação maravilhosa!

Então levou as duas embora depressa para uma sala dos fundos — para longe de mim —, onde repassou partes do programa com elas.

Até o último segundo, eu não sabia como caminhariam as coisas — e se eu teria uma ou duas filhas tocando naquela noite. Mas, de alguma forma, por milagre, Lulu se soltou, e o concerto terminou sendo um sucesso espetacular. Os húngaros, povo quente e generoso, aplaudiram as meninas de pé, e o diretor do museu convidou-as para voltar quando quisessem. Depois, levamos os Pogány, meus pais, Sy e Harriet, que haviam chegado bem na hora, para um jantar de comemoração.

Mas, depois dessa viagem, algo mudou. Para Lulu, as experiências com a Sra. Kazinczy foram irritantes e desrespeitosas, violando sua noção de certo e errado. Isso a azedou em relação ao modelo chinês — se ser chinesa significava aceitar tudo de

gente como a Sra. Kazinczy, então ela não queria saber daquilo. Lulu também testou o que aconteceria caso se recusasse pura e simplesmente a fazer o que sua professora e sua mãe lhe mandavam. E o mundo não acabou. Ao contrário, ela venceu. Até meus pais, apesar de tudo que me meteram na cabeça, se solidarizavam com Lulu.

Quanto a mim, senti que algo se soltara, como quando se levanta uma âncora. Eu perdera um pouco do controle sobre Lulu. Filha chinesa nenhuma jamais agiria como Lulu. Mãe chinesa nenhuma jamais permitiria que aquilo acontecesse.

Parte III

O Tigre é capaz de amar muito, mas se torna intenso demais quanto ao amor. Também não gosta que invadam seu território e é possessivo. A solidão muitas vezes é o preço que o Tigre paga por sua posição de autoridade.

Pushkin



Meus belos cães de neve

— Qual é o nosso? — perguntou Jed.

Era agosto de 2008, e Jed e eu estávamos em Rhode Island. Por razões misteriosas para todo mundo, até para mim, eu insistira para que comprássemos um segundo cachorro, e estávamos no mesmo canil onde compráramos Coco. Andando em volta de uma sala rústica com um chão de madeira havia três samoiedos grandes e majestosos. Dois deles, como ficamos sabendo, eram os orgulhosos pais da nova ninhada. O terceiro era o avô, sábio e magistral, com a venerável idade de seis anos. Saltitando em volta dos cachorros grandes havia quatro filhotes alvoroçados, cada qual uma adorável bolinha de algodão que latia.

— O seu é aquele ali embaixo da escada — disse a criadora.

Dando meia-volta, Jed e eu vimos, parado sozinho em outra parte da sala, algo com um aspecto bem diferente dos filhotes que observáramos. Era mais alto, mais magro, menos peludo — e menos bonitinho. Suas patas traseiras eram cinco centímetros mais compridas que as dianteiras, dando-lhe uma inclinação esquisita. Seus olhos eram estreitos e muito oblíquos; as orelhas, estranhamente

protuberantes. O rabo era mais comprido e mais cheio que o dos outros, mas, talvez por ser muito pesado, em vez de se enroscar para cima, ficava abanando de um lado para o outro, como um rabo de rato.

— Tem certeza de que isso é um cachorro? — perguntei desconfiada.

Não era uma pergunta tão absurda quanto podia parecer. Em todo caso, a criatura parecia um cordeirinho, e, já que os criadores abrigavam alguns animais domésticos na propriedade, um deles poderia facilmente ter entrado ali.

Mas a criadora tinha certeza. Piscou para nós e disse:

— Vocês vão ver. Ela vai ficar linda. Tem aquele traseiro alto de samoiedo, exatamente igual à avó.

Levamos nossa cadelinha nova para casa e a batizamos de Pushkin — “Push”, para encurtar —, embora fosse fêmea. Ao conhecer Push, nossa família e nossos amigos ficaram com pena de nós. Quando filhote, ela saltitava como um coelho e tropeçava nas próprias patas.

— Vocês podem devolvê-la? — perguntou minha mãe a certa altura, vendo Push dar de cara nas paredes e cadeiras.

— Eu sei qual é o problema. Ela é cega — esclareceu Jed, um dia, e correu com ela para o veterinário, que concluiu que a visão de Push era perfeita.

Enquanto crescia, Push continuava esquisita, muitas vezes tropeçando quando descia as escadas. O tronco era tão comprido que ela não parecia ter controle total sobre sua metade traseira, e andava como um cachorro *slinky*, um bassê desengonçado feito de molas. Ao mesmo tempo, era estranhamente flexível. Até hoje gosta de dormir com a barriga colada no chão frio e as quatro patas esparramadas. É como se alguém a tivesse jogado do alto e ela aterrissasse acachapada no chão — na verdade, nós a chamamos de “Chapa” quando a vemos assim.

A criadora tinha razão numa coisa. Push era um patinho feio. Em um ano, ela se transformara numa cadela tão espetacular que, quando passeávamos, os carros paravam para admirá-la. Era maior que Coco (que, devido às extravagâncias dos cruzamentos, era na verdade sua sobrinha-neta), com pelo branco como a neve e exóticos olhos de gato. O músculo inativo visivelmente se desenvolvera, porque

agora seu rabo se enroscava bem acima do traseiro como uma pluma enorme e exuberante.

Mas, em termos de talento, Push não arredava pé do estrato mais baixo. Coco não era nada excepcional, mas, comparada a Push, era um gênio. Por alguma razão, Push — embora ainda mais meiga e delicada que Coco — não conseguia fazer coisas que os cachorros normais faziam. Ela não buscava objetos e não gostava de correr. Continuava se entalando em lugares engraçados — embaixo da pia, em moitas de bagas, metade para dentro e metade para fora da banheira — e precisando ser desentalada. A princípio, eu negava que houvesse algo de diferente em Pushkin, e passava horas tentando lhe ensinar algumas atividades, em vão. Estranhamente, Push parecia adorar música. O que ela mais gostava de fazer era sentar-se ao lado do piano de Sophia, cantando (ou, na opinião de Jed, uivando) para acompanhá-la.

Apesar de seus defeitos, nós quatro adorávamos Push, como adorávamos Coco. Na verdade, suas deficiências é que a tornavam tão querida. “Ah, coitadinha! Que gracinha”, sussurrávamos quando ela tentava pular em cima de uma coisa e errava por um palmo, e corríamos para consolá-la. Ou dizíamos: “Ai, olhem só. Ela não enxerga o Frisbee! É muito fofa.” No início, Coco desconfiava da nova irmã. Nós a víamos testar Push com cautela. Push, por outro lado, tinha um leque de emoções mais limitado, que não incluía desconfiança nem cautela. Ela se contentava em seguir Coco por toda parte, amigavelmente, evitando qualquer movimento que exigisse agilidade.

Por mais meiga que Push fosse, não fazia qualquer sentido para nossa família ter um segundo cachorro, e ninguém sabia disso melhor que eu. Na divisão de responsabilidade no que dizia respeito aos cães, lá em casa, 90% cabiam a mim e 10% aos outros três. Todo dia, começando às seis da manhã, era eu quem dava comida, corria com elas e limpava a sujeira das duas. Eu também as levava para tomar banho e ao veterinário. Para piorar as coisas, meu segundo livro acabara de ser publicado, e, além de dar um curso com carga horária integral e estudar música com as meninas, eu vivia viajando pelo país para dar palestras. Eu sempre encontrava maneiras de comprimir as viagens para Washington, Chicago ou Miami num dia só.

Mais de uma vez me levantei às três da madrugada, fui à Califórnia dar uma palestra na hora do almoço e peguei o último voo para casa.

— Onde estava com a cabeça? — os amigos me perguntavam. — Com tanta coisa nas costas, por que cargas d'água você iria arranjar mais um cachorro?

Minha amiga Anne julgou haver uma explicação convencional.

— Todas as minhas amigas — disse — compram um cachorro quando os filhos entram na adolescência. Estão se preparando para o ninho vazio. Os cachorros substituem os filhos.

É engraçado que Anne dissesse isso, porque o modelo chinês de criação de filhos não tem nada a ver com criação de cães. Na verdade, é mais ou menos o oposto. Em primeiro lugar, criar cães é uma atividade social. Quando encontra outros donos de cães, a pessoa tem muito assunto. Por outro lado, para um chinês, criar os filhos é uma atividade incrivelmente solitária — pelo menos se ele estiver tentando fazer isso no Ocidente, onde está sozinho. Ele tem de se insurgir contra todo um sistema de valores — enraizado no Iluminismo, na autonomia individual, na teoria do desenvolvimento infantil e na Declaração Universal dos Direitos Humanos — e não há ninguém com quem falar honestamente, nem pessoas de quem gosta e por quem tem profundo respeito.

Por exemplo, quando Sophia e Lulu eram pequenas, o que eu mais temia era quando outros pais as convidavam para ir a casa deles brincar com suas filhas. Por que essa horrível instituição ocidental? Tentei dizer a verdade uma vez, explicando para outra mãe que Lulu não tinha tempo livre porque precisava estudar violino. Mas a mulher não conseguia entender isso. Tive de recorrer aos tipos de desculpa que os ocidentais acham válidas: consultas oftalmológicas, fisioterapia, serviço comunitário. A certa altura, a outra mãe fez uma cara magoada e começou a me tratar com frieza, como se eu achasse que Lulu fosse boa demais para a filha dela. Era realmente um choque de visões de mundo. Após eu ter recusado uma vez um convite para que minha filha fosse brincar na casa da amiga, não podia acreditar quando imediatamente vinha outro convite.

— Que tal sábado? — Sábado era véspera da aula de Lulu com a Srta. Tanaka em Nova York. — Ou sexta-feira, sem ser essa, a próxima?

As mães ocidentais simplesmente não conseguiam compreender como Lulu podia estar ocupada todas as tardes, o ano inteiro.

Há outra enorme diferença entre criar cães e o modo chinês de educar os filhos. Criar cães é fácil. Exige paciência, amor e possivelmente um investimento inicial em horas de adestramento. Em contraposição, a criação de filhos à moda chinesa é uma das tarefas mais difíceis, no meu entender. Às vezes a pessoa tem de ser odiada por alguém que ela ama e que se espera que a ame, e simplesmente não há descanso, nenhum momento em que de repente o trabalho fique fácil. Muito pelo contrário. Criar os filhos à moda chinesa — pelo menos se a pessoa estiver tentando fazer isso nos Estados Unidos, onde tudo é contra ela — é uma batalha constante e sem fim, exigindo dedicação, resistência e astúcia vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. A pessoa precisa ser capaz de engolir o orgulho e mudar de tática a qualquer momento. E precisa ser criativa.

Ano passado, por exemplo, convidei alguns alunos para uma festa de encerramento do semestre, uma das coisas de que mais gosto de fazer.

— Você é tão legal com seus alunos — Sophia e Lulu viviam dizendo. — Eles não têm ideia de como você é realmente. Acham que você dá *incentivo e apoio*.

As meninas na verdade estão certas quanto a isso. Dou aos meus alunos de Direito (em particular aos que têm pais asiáticos rígidos) um tratamento diametralmente oposto ao que dou às minhas filhas.

Nessa ocasião, a festa era na sala do terceiro andar de nossa casa, onde se jogava pingue-pongue e onde também Lulu estudava violino. Um de meus alunos, chamado Ronan, encontrou uns bilhetes que eu tinha deixado para Lulu.

— O que é isso...? — perguntou, lendo as anotações, incrédulo. — Professora Chua, a senhora *escreveu isso?*

— Ronan, pode fazer o favor de largar esse papel? Sim, eu escrevi isso, sim — confessei com firmeza, sem ver outra alternativa. — Deixo instruções assim todos os dias para minha filha violinista, para ajudá-la a estudar quando não estou presente.

Mas Ronan não parecia ouvir.

— Ih, caramba, tem mais — disse. E estava certo. Espalhadas por ali, havia dezenas de folhas de instruções, umas datilografadas, outras manuscritas, que eu me esquecera de esconder. — Não acredito. São tão... *esquisitas*.

Eu não achava que fossem esquisitas. Mas você pode julgar por si mesmo. Eis três exemplos não editados das anotações diárias para estudo que eu fazia para Lulu. Simplesmente ignore os títulos malucos. Eu inventava isso para chamar a atenção de Lulu. Por falar nisso, na segunda, o “c” significa “compasso” — portanto, sim, estou dando instruções compasso por compasso.

HOW CHOW LeBOEUF

Instalação 1

Só 55 minutos!!

OLÁ, LULU!!! Você está ótima. Leve!! Leve!!!! LEVE!!!

Missão APOLO: manter violino na posição que permite ele ficar levantado sozinho sem as mãos, mesmo em partes difíceis.

15 minutos: ESCALAS. Dedos altos, leves. Arco LEVE, vibrante.

15 minutos: Schradieck: (1) Dedos mais leves e mais altos (2) Posição da mão, para que o mindinho esteja sempre levantado e parado no ar. Faça a coisa toda com o metrônomo uma vez.

Depois EXERCITE seções difíceis 25x cada. Depois repita tudo.

15 minutos: Oitavas de Kreutzer. Escolha UMA nova. Faça-a lentamente primeiro – ENTONAÇÃO – 2x

DESAFIO DO DIA

10 minutos: Kreutzer n° 32. Trabalhe do começo ao fim VOCÊ MESMA, com um metrônomo. LENTO. Arcos leves. Se conseguir fazer isso, você embala.

LOS BOBOS DI MCNAMARA – CONCERTO BRUCH

OBJETIVOS: (1) MANTER SEU VIOLINO PARA CIMA! Especialmente nos acordes! (2) **articulação** – concentrar-se em tornar as notas "pequenas" claras e alegres – usar dedos mais rápidos e mais ágeis (levantando mais) (3) para dar forma às passagens; dinâmica – começar com arco mais lento e acelerar

EXERCÍCIOS

PÁGINA 7

Compassos de abertura: cc. 18 & 19

(a) Use $\frac{1}{2}$ da pressão do arco & arco mais rápido nos acordes. Abaixar o cotovelo. **Mantenha o violino parado!**

(b) Exercite pequenas notas (da-da-dum) para torná-las mais claras – deixe os dedos caírem mais depressa e relaxe-os mais depressa

c. 21: (a) terços na corda – 25x cada!

(b) toque as oitavas notas com mais clareza – exercite! **RELAXE** os dedos após tamborilar!

cc.23-6: De novo, pressão de $\frac{1}{2}$ arco em acordes e dedos mais claros e mais rápidos em notas curtas.

cc. 27-30: **IMPORTANTE:** Esta linha é muito pesada, e seu violino cai! Acorde superleve. Articulação mais clara. **MAIS** na segunda vez.

c. 32: Deixe cair os dedos de mais alto e relaxe-os mais depressa. Mantenha o violino e a cabeça imóveis na *volata*.

c. 33: Arco mais rápido, mais leve! Gire (para cima)!

PÁGINA 8

c. 40: Este acorde é pesado demais! Pressão de meio arco e violino alto! Articule notas curtas.

c. 44: Esse acorde ainda deve ser leve, embora mais sólido – use um arco mais ligeiro!

cc. 44-5 – mão mole, punho mole.

cc. 48-9 – torne isso mais vivo! Dedos mais rápidos e mais leves! Levante-os, mas relaxe-os!

c. 52 – articulação!

cc. 54-58 – cada um deve receber arcos mais longos! Mais empolgantes – cresça!

c. 78 – dedos mais altos! Não force – mantenha os dedos leves!

c. 82 – realmente *crescendo*, comece devagar, depois arco mais rápido! Depois mais baixinho e enorme *crescendo*! A PRIMEIRA *volata* é TAYLOR SWIFT! A SEGUNDA *volata* é LADY GAGA!! A TERCEIRA *volata* é BEYONCÉ!!

c. 87 – mais direção, siga a frase (mais alto subindo, mais silencioso descendo)

PÁGINA 9

cc. 115-6 – comece com menos arco e montes de arco no Lá alto. Direção!

c. 131 cale-se!

cc. 136-145 – realmente **MOLDE** isso (mais alto e mais arco quando você **SUBIR**, mais baixo descendo) exercite notas dissonantes 50x cada

cc. 146-159 tranquilo mas **BOA** articulação

cc. 156-158 – continue crescendo

c. 160-161 – articulação

PÁGINA 10

c. 180: Pratique a entrada. Direção! Comece c/ arco mais lento, depois acelere, mais no Si alto!

c. 181-83: Exercite articulação clara – dedos rápidos e leves!

c. 185: ½ da velocidade do arco nos acordes – mais leve! Pequenas notas mais claras (da-da-dum) – dedo mais rápido

c. 193-195 – EXERCITAR trocas – posição exata! 50x

c. 194: Comece menos, depois realmente *crescendo!*

c. 200 – decore as notas corretas – exercitar 30x

c. 202 – pratique acordes – posição de mão exata – entonação!

c. 204 use mão muito mole e punho relaxado!

ESCOLHAS VALENTES – FLUXO ALOHA 7
MENDELSSOHN!

MOTO CONTÍNUO

PÁGINA 2

Abertura:

* No *crescendo*, a energia sobe!

* E sobe 3 vezes, diferencie-as – talvez MENOS na última

* O último compasso da linha 2 é uma harmonia diferente – portanto realce isso

Linha 3: Realce notas da melodia, menos em notas repetidas. Depois "desça rolando"

Linha 4: Certifique-se de tocar notas importantes com ARCO MUITO MAIS LONGO

Linha 5: Realce notas ESTRANHAS

Linha 6: Tantos Lá! Chato – então torne-os mais silenciosos e realce as OUTRAS notas.

Linha 7: Longa escala de 2 oitavas – comece MENOS e faça um enorme *crescendo*!

PÁGINA 3

Linha 5: No Fá, use quase todo o arco – torne empolgante! depois, *diminuendo*

Linha 6-7: Siga o padrão – menos e, de repente, EXPLOSÃO em Fá!

Linha 8-9: mesma coisa – surdina e depois EXPLOSÃO súbita em Fá!

Linha 10: Realce 2 notas DO PRINCÍPIO, a nota do fim é menos importante

MENDELSSOHN

Abertura:

Andante – um pouco mais rápido

Torne isso muito mais relaxado, mais íntimo, como se você estivesse SOZINHA COM
CÃES ADORMECIDOS

O mesmo acontece 2x, depois REALCE a 3ª vez – abra um pouco!

Linha 4: Agora, um pouco mais preocupada, tensa. QUEM SABE O CACHORRO ADORMECIDO
PAREÇA DOENTE?

Linha 5: MUITO MAIS ENERGIA NA NOTA MAIS ALTA! Isso gradualmente e levar de volta à
mesma energia grave, suave, relaxada como no início.

SEÇÃO INTERMEDIÁRIA

personalidade completamente diferente – ASSUSTADA!

Use ARCO MUITO RÁPIDO! Muito mais energia! Arco INTEIRO em algumas partes.

Mude a velocidade do arco.

3 últimas linhas, subindo pouco a pouco. Portanto comece com menos arco – e
aumente em 4cm de cada vez.

Linha 2. P, depois *forte*! Realce o nervosismo!

Página 11, linha 1: Mais intenso! *Crescendo* para o ponto alto!

Tenho centenas, talvez milhares dessas anotações. Elas têm uma longa história. Mesmo quando as meninas eram pequenas, por conta da minha tendência a ser muito dura pessoalmente, eu deixava bilhetinhos para elas por toda parte — nos travesseiros, nas merendeiras, nas partituras —, dizendo coisas como “Mamãe tem um péssimo gênio, mas ama você!” ou “Você é o orgulho e a alegria da mamãe!”.

Com cães, a gente não precisa fazer nada disso. E, se fizesse, eles provavelmente não conseguiriam entender, em particular Pushkin.

Minhas cadelas não conseguem fazer coisa alguma — que alívio. Eu não exijo nada delas e não tento moldá-las nem moldar seu futuro. Em geral, conto que elas façam as escolhas certas para si mesmas. Estou sempre ansiosa para vê-las, adoro simplesmente contemplá-las enquanto dormem. Que relação maravilhosa.

24

Revolta



Lulu, aos treze anos

O círculo virtuoso chinês não funcionou com Lulu. Eu simplesmente não conseguia entender. Tudo parecia estar indo exatamente como planejado. A um custo considerável — mas nada que eu não estivesse preparada para pagar —, Lulu conquistou tudo que sempre sonhei para ela. Após meses de preparação exaustiva, com as brigas e as ameaças de praxe, ela fez o teste e obteve a posição de primeiro violino de uma prestigiosa orquestra jovem, embora tivesse apenas doze anos e fosse muito mais jovem que o restante dos músicos. Recebeu um prêmio estadual de “prodígio” e saiu nos jornais. Na escola, só tirava A e ganhou os primeiros prêmios de declamação de francês e latim. Mas, em vez de seu sucesso produzir confiança, gratidão aos pais e o desejo de se aplicar mais, aconteceu o oposto. Lulu começou a se rebelar: não só contra o estudo de violino, mas também contra tudo o que eu sempre defendera.

Olhando para trás, acho que as coisas começaram a mudar quando Lulu estava na sexta série — eu simplesmente não percebi. Uma das coisas que Lulu mais odiava era minha insistência em tirá-la da escola para fazê-la praticar violino mais algumas

horas. Eu achava que se perdia muito tempo na escola de Lulu, então, várias vezes por semana, eu escrevia um bilhete para sua professora pedindo autorização para que saísse no horário do almoço ou da aula de ginástica. Às vezes, conseguíamos juntar um bloco de duas horas combinando o almoço, dois recreios e, digamos, aula de música, na qual estariam tocando sininhos, ou aula de artes, onde estariam enfeitando barraquinhas para a Feira de Halloween. Eu sentia que Lulu ficava apavorada quando eu aparecia na escola, e suas colegas sempre me olhavam de maneira estranha, mas ela só tinha onze anos na época, e eu ainda conseguia lhe impor minha vontade. Tenho certeza de que foi graças às horas extras de prática que Lulu conquistou todas aquelas honrarias musicais.

Do meu lado, também não era fácil. Eu estava orientando meus alunos e então, de repente, tinha que pedir licença para sair para uma “reunião”. Eu ia correndo buscar Lulu na escola, deixava-a na casa de Kiwon e voltava correndo para minha sala, onde havia uma fila de alunos à espera. Meia hora depois, eu tornava a pedir licença para levar Lulu de novo para a escola, e voltava ao escritório para mais três horas de reuniões. Eu levava Lulu para a casa de Kiwon em vez de supervisionar eu mesma sua prática, porque achava que ela não oporia resistência a Kiwon e certamente não brigaria com ela. Afinal, Kiwon não era da família.

Uma tarde, apenas quinze minutos depois de eu ter deixado Lulu, Kiwon me ligou. Estava nervosa e frustrada.

— Lulu não quer tocar — disse ela. — Talvez seja melhor você vir buscá-la.

Quando cheguei lá, pedi mil desculpas a Kiwon, murmurando alguma coisa quanto a Lulu estar cansada por ter dormido pouco. Mas Lulu não só se negara a tocar. Ela fora grosseira com Kiwon, respondendo-lhe, questionando seus conselhos. Fiquei envergonhada e disciplinei Lulu severamente em casa.

Mas a situação piorou com o passar do tempo. Quando eu chegava à escola para pegar Lulu, ela amarrava a cara. Virava as costas para mim e dizia que não queria ir embora. Quando finalmente chegávamos onde Kiwon morava, ela às vezes se recusava a saltar do carro. Se de alguma forma eu conseguia fazê-la subir até o apartamento de Kiwon — a essa altura só sobravam vinte minutos —, ela se negava

a tocar ou fazia questão de tocar fora do tom e sem emoção. Ela também resolvia provocar Kiwon, enfurecendo-a aos pouquinhos e depois perguntando irritantemente:

— O que foi? Você está bem?

Uma vez, Kiwon deixou escapar, de passagem, que seu namorado, Aaron, depois de assistir a uma sessão de exercícios, dissera:

— Se tivesse uma filha, eu nunca permitiria que ela agisse dessa maneira tão desrespeitosa.

Isso foi uma bofetada. Aaron, que sempre adorara Lulu, era a pessoa mais tolerante do mundo. Fora criado na mais liberal e permissiva das famílias ocidentais, na qual deixavam as crianças matar aula impunemente e fazer quase tudo que queriam. E, no entanto, ele estava criticando minha forma de educar, o comportamento de minha filha — e estava coberto de razão.

Nessa época, Lulu começou a me responder e a me desobedecer acintosamente na frente dos meus pais quando eles nos visitavam. Esse comportamento talvez não parecesse um bicho de sete cabeças para os ocidentais, mas, em nossa família, era como profanar um templo. Na verdade, era tão inaceitável que ninguém sabia o que fazer. Meu pai me chamou num canto e, em particular, insistiu comigo para que eu a deixasse largar o violino. Minha mãe, que era apegada a Lulu (elas se correspondiam por e-mail), me disse sem pestanejar:

— Você precisa parar de ser tão teimosa, Amy. Você é muito rígida com Lulu, muito radical. Você vai se arrepender disso.

— Por que agora vocês estão contra mim? — rebati. — Foi assim que vocês me educaram.

— Você não pode fazer o que seu pai e eu fizemos — respondeu minha mãe. — Hoje as coisas são diferentes. Lulu não é você e não é Sophia. Ela tem uma personalidade diferente. Você não pode obrigá-la.

— Eu sigo o método chinês — disse eu. — Funciona melhor. Não me importo se ninguém me apoiar. Seus amigos ocidentais fizeram uma lavagem cerebral em vocês.

Minha mãe limitou-se a balançar a cabeça.

— Estou lhe dizendo, Lulu me preocupa — falou. — Tem algo errado no olhar dela.

Isso me magoou mais que qualquer outra coisa.

Em vez de um círculo virtuoso, estávamos numa viciosa espiral descendente. Lulu fez treze anos e ficou mais alienada e revoltada. Vivia com uma cara apática e, a cada duas frases que dizia, uma era “Não” ou “Não me interessa”. Ela rejeitava minha visão de uma vida que valia a pena.

— Por que não posso andar com minhas amigas como todo mundo? — perguntava. — Por que você é tão contra shopping center? Por que não posso dormir na casa das minhas amigas? Por que cada segundo do meu dia deve ser preenchido com trabalho?

— Você é um *spalla*, o primeiro violino de uma orquestra, Lulu — eu respondia. — É uma grande honra que lhe concederam, e você tem uma responsabilidade enorme. A orquestra inteira conta com você.

Lulu retrucava:

— Por que estou nessa família?

O estranho é que Lulu realmente adorava a orquestra. Tinha um monte de amigos, gostava de liderar e tinha uma ótima química com o regente, Sr. Brooks. Eu a via fazer piadas e rir animadamente nos ensaios — talvez porque o ensaio significasse tempo longe de mim.

Enquanto isso, os desentendimentos entre mim e Jed aumentavam. Em particular, ele mandava furioso que eu me controlasse mais ou que parasse de fazer generalizações malucas sobre “os ocidentais” e “os chineses”.

— Sei que acha que faz um grande favor às pessoas criticando-as, para que elas possam se aprimorar — dizia ele —, mas já pensou que você apenas faz com que as pessoas se sintam mal?

Sua maior crítica era:

— Por que insiste em dizer coisas tão elogiosas sobre Sophia na frente de Lulu o tempo todo? Como acha que Lulu se sente com isso? Não consegue ver o que está

acontecendo?

— Eu me recuso a privar Sophia dos elogios que ela merece só para “proteger os sentimentos” de Lulu — dizia eu, infundindo nas últimas palavras o máximo de sarcasmo que eu conseguia. — Assim, Lulu sabe que a considero tão capaz quanto Sophia. Ela não precisa de ação afirmativa.

Mas, fora intervir ocasionalmente para acalmar as explosões, Jed sempre tomava o meu partido na frente das meninas. Desde o início, tínhamos uma estratégia de frente unida, e, apesar de suas apreensões, Jed não voltava atrás. Em vez disso, se esforçava ao máximo para trazer equilíbrio para a família, levando-nos para fazer passeios de bicicleta, ensinando as meninas a jogar pôquer ou bilhar, lendo ficção científica, Shakespeare e Dickens para elas.

Então Lulu fez uma coisa inimaginável. Tornou pública sua insurgência. Como ela bem sabia, a educação de filhos à moda chinesa no Ocidente é uma prática intrinsecamente mascarada. Se descobrirem que você força seus filhos contra a vontade deles, ou quer que eles se saiam melhor que as outras crianças, ou, Deus me livre, que os proíbe de dormir na casa de amigos, você será exposto à execração pública pelos outros pais, e seus filhos pagarão o preço. Por isso, os pais imigrantes aprendem a disfarçar. Aprendem a ter uma imagem jovial em público e a dar tapinhas nas costas dos filhos e fazer comentários como “Mandou bem, cara!” e “Vá com espírito de equipe!”. Ninguém quer ser um pária.

Por isso a manobra de Lulu era tão inteligente. Ela discutia comigo em voz alta na rua, em restaurantes ou em lojas, e estranhos se viravam para olhar quando a ouviam dizer coisas como:

— Me deixe em paz! Eu não gosto de você. Vá embora.

Quando amigos iam jantar lá em casa e lhe perguntavam como ela ia no violino, ela respondia:

— Ih, eu tenho que estudar e ensaiar o tempo todo. Minha mãe me obriga. Eu não tenho escolha.

Uma vez, ela gritou tanto num estacionamento — estava com raiva de algo que eu dissera e se negava a saltar do carro — que chamou a atenção de um policial, que

veio ver “qual era o problema”.

O estranho é que a escola continuava sendo um bastião inviolável — Lulu contrariou isso. Quando as crianças ocidentais se rebelam, suas notas normalmente sofrem, e às vezes elas são até reprovadas. Por outro lado, como uma rebelde metade chinesa, Lulu continuava sendo uma aluna de nota A, querida por todos os professores e descrita repetidamente em relatórios como generosa, amável e sempre pronta a ajudar os outros alunos. “Lulu é uma alegria”, escreveu uma de suas professoras. “É perspicaz, compassiva e é a predileta entre os colegas da turma dela.”

Mas Lulu via isso de outra forma.

— Não tenho amigos. Ninguém gosta de mim — anunciou-me um dia.

— Lulu, por que você diz isso? — perguntei nervosa. — Todo mundo gosta de você. Você é muito divertida e bonitinha.

— Sou feia — retrucou Lulu. — E você não sabe de nada. Como eu posso ter amigos? Você não me deixa fazer nada. Não posso ir a lugar nenhum. É tudo culpa sua. Você é uma anormal.

Lulu se recusava a ajudar a levar as cachorras para passear. Negava-se a levar o lixo para a rua. Era uma injustiça gritante Sophia fazer tarefas domésticas e Lulu não. Mas como a gente obriga fisicamente uma pessoa de 1,52 metro a fazer algo que ela não quer? Esse problema não devia acontecer numa casa chinesa, e eu não tinha a resposta. Então, fiz a única coisa que eu sabia: lutei com as mesmas armas que ela. Não cedi um centímetro. Eu dizia que ela era uma desgraça como filha, ao que Lulu respondia:

— Eu seu, eu sei, você já me disse.

Eu dizia que ela comia muito. (“Pare. Você é doente!”) Eu a comparava a Amy Jiang, Amy Wang, Amy Liu e Harvard Wong — todas crianças asiáticas de primeira geração —, nenhuma das quais jamais respondia aos pais. Perguntava-lhe o que eu havia feito de errado. Será que eu não fora suficientemente rígida? Será que não fora muito liberal com ela? Será que a deixara se misturar com crianças que eram más influências? (“Não se atreva a insultar meus amigos.”) Eu lhe dizia que estava pensando em adotar uma terceira filha nascida na China, uma que estudasse o

instrumento quando eu mandasse, e talvez até tocasse violoncelo, além de violino e piano.

— Quando tiver dezoito anos — gritava eu, no que ela me dava as costas e ia subindo a escada —, vou deixar você cometer todos os erros que quiser. Mas, até lá, não vou desistir de você.

— Eu *quero* que você desista de mim! — Lulu respondeu aos gritos mais de uma vez.

Quando se tratava de energia, Lulu e eu nos equiparávamos. Mas eu tinha uma vantagem. Eu era a mãe. Eu tinha a chave do carro, a conta bancária, o direito de assinar papeletas de autorização. E isso tudo estava dentro da lei americana.

— Preciso cortar o cabelo — disse Lulu um dia.

Respondi:

— Depois de ter falado comigo com tanta grosseria e se negado a tocar o Mendelssohn com musicalidade, você espera que eu agora entre no carro e leve você aonde quer?

— Por que preciso barganhar tudo? — perguntou Lulu com amargura.

Naquela noite, tivemos outra grande discussão, e Lulu se trancou no quarto. Negava-se a sair e não respondia quando eu tentava falar com ela do outro lado da porta. Muito depois, do meu escritório, ouvi sua porta abrindo. Fui ver e a encontrei sentada calmamente na cama.

— Acho que agora eu vou dormir — disse ela com uma voz normal. — Já terminei todo o meu dever de casa.

Mas eu não ouvia. Olhava para ela.

Lulu tinha pegado uma tesoura e cortado o cabelo. De um lado, o cabelo caía numa linha irregular na altura do queixo. Do outro, fazia um zigue-zague feio acima da orelha.

Levei um susto. Quase explodi com ela, mas algo — acho que foi medo — me fez segurar a língua.

Um instante se passou.

— Lulu — comecei.

— Eu gosto de cabelo curto — interrompeu ela.

Desviei a vista. Eu não conseguia olhar para ela. Lulu sempre teve um cabelo invejado por todo mundo: castanho-escuro ondulado — um produto especial sino-judaico. Uma parte de mim queria gritar histericamente com Lulu e atirar alguma coisa nela. Outra queria envolvê-la em meus braços e chorar incontrolavelmente.

Em vez disso, eu disse com calma:

— A primeira providência que vou tomar amanhã de manhã é marcar uma hora no cabeleireiro. Vamos arranjar alguém para consertar esse estrago.

— Tudo bem — Lulu deu de ombros.

Mais tarde, Jed me falou:

— Alguma coisa precisa mudar, Amy. Estamos com um problema sério.

Pela segunda vez naquela noite, tive uma vontade incontrolável de chorar. Mas, em vez disso, revirei os olhos.

— Não é nada de mais, Jed — disse eu. — Não crie problema onde não existe. Eu posso cuidar disso.

25

Escuridão



Minha irmãzinha Katrin e eu no começo dos anos 1980

Quando eu era garota, uma das coisas que eu mais gostava de fazer era brincar com minha irmã, Katrin. Talvez por ela ser sete anos mais nova que eu, não havia rivalidade nem conflito. Ela era também a maior gracinha. Com aqueles olhos pretos brilhantes, aquele cabelo lustroso e aqueles lábios de botão de rosa, sempre chamava a atenção das pessoas, e uma vez ganhou um concurso de fotografia da JCPenney em que nem sequer tinha entrado. Como minha mãe vivia ocupada com minha irmã caçula, Cindy, minha segunda irmã, Michelle, e eu nos revezávamos para tomar conta de Katrin.

Tenho lembranças maravilhosas daquela época. Eu era mandona e segura, e Katrin idolatrava a irmã mais velha, de modo que a gente se ajustava perfeitamente. Eu inventava jogos e histórias e lhe ensinava a jogar três-marias, amarelinha chinesa e a pular corda. Brincávamos de restaurante. Eu era o chef e o garçom, e ela era a cliente. Brincávamos de escola. Eu era a professora, e ela, com cinco bichos de pelúcia, era minha aluna (Katrin se destacava nas minhas aulas). Eu dava festas no

McDonald's com o objetivo de levantar dinheiro para o tratamento da distrofia muscular. Ela atendia nas cabines e recolhia o dinheiro.

Trinta e cinco anos depois, Katrin e eu ainda éramos íntimas. Éramos as duas mais parecidas das quatro irmãs, pelo menos superficialmente: tínhamos dois diplomas de Harvard (na verdade, ela tinha três, por causa da formação em medicina, do mestrado e do doutorado), casamos com judeus, ingressamos na vida acadêmica como nosso pai e ambas tinham dois filhos.

Alguns meses depois de Lulu ter picado o cabelo, recebi um telefonema de Katrin, que dava aula e dirigia um laboratório em Stanford. Foi o pior telefonema que já recebi na vida.

Ela soluçava. Contou-me que lhe haviam diagnosticado uma leucemia rara, quase sem dúvida fatal.

“Impossível”, pensei confusa. “Leucemia na minha família — minha família feliz — pela segunda vez?”

Mas era verdade. Katrin passara vários meses sentindo-se exausta, nauseada e com falta de ar. Quando finalmente foi ao médico, os resultados dos exames de sangue foram inequívocos. Numa coincidência cruel, sua leucemia era causada pelo mesmo tipo de mutação celular que ela estudava no laboratório.

— Provavelmente eu não vou viver muito — disse ela, chorando. — O que vai acontecer com Jake? Ella nem vai chegar a me conhecer.

O filho de Katrin tinha dez anos, a filha acabara de fazer um ano.

— Você tem que fazer com que ela saiba quem eu fui. Precisa me prometer, Amy. É melhor eu arranjar umas fotos... — e parou de falar.

Eu estava chocada. Simplesmente não conseguia acreditar. Uma imagem de Katrin aos dez anos surgiu na minha cabeça, e era impossível juntá-la com a palavra *leucemia*. Como podia estar acontecendo com Katrin — *Katrin*? E meus pais! Como receberiam a notícia? Isso iria matá-los.

— O que os médicos disseram exatamente, Katrin? — ouvi-me perguntar com uma voz estranhamente confiante. Eu entrara no meu modo irmã mais velha decidida e invulnerável.

Mas Katrin não respondeu. Disse que precisava desligar o telefone e que me ligaria de novo.

Dez minutos depois, recebi um e-mail dela. Dizia: “Amy, é muito grave. Sinto muito! Vou precisar de quimioterapia; depois um transplante de medula óssea, se possível, depois mais quimio, e a chance de eu sobreviver é pouca.”

Ela obviamente estava certa: era cientista.

Revolta, parte 2

Levei Lulu a um cabeleireiro no dia seguinte ao que ela cortou o cabelo. Não falamos muito no carro. Eu estava tensa e tinha muita coisa na cabeça.

— O que aconteceu? — perguntou a cabeleireira.

— Ela cortou — expliquei. Eu não tinha nada a esconder. — Tem alguma coisa que você possa fazer para ela ficar mais apresentável enquanto o cabelo cresce?

— Uau! Você fez um serviço e tanto, querida — a mulher disse a Lulu, observando-a com curiosidade. — O que levou você a fazer isso?

“Ah, foi um ato de autodestruição adolescente dirigido principalmente contra minha mãe”, achei que Lulu poderia responder. Ela tinha vocabulário e autoconhecimento psicológico para isso.

Mas, em vez disso, ela disse com uma voz simpática:

— Eu estava tentando fazer um corte em camadas. Mas meti os pés pelas mãos.

Mais tarde, já em casa, eu falei:

— Lulu, você sabe que a mamãe adora você, e tudo o que eu faço, faço por você, pelo seu futuro.

Minha voz me soava artificial, e Lulu deve ter tido essa impressão também, porque sua resposta foi:

— Que ótimo — num tom monótono, apático.

Jed fazia cinquenta anos. Organizei uma enorme festa surpresa, convidando velhos amigos dele de infância e de todas as fases de sua vida. Pedi a cada um que trouxesse uma história engraçada sobre ele. Com semanas de antecedência, pedi a Sophia e Lulu que escrevessem cada uma o seu discurso para o brinde.

— Não pode ser escrito de qualquer maneira — ordenei. — Deve ter significado. E não pode ser clichê.

Sophia logo pôs mãos à obra. Como sempre, não me consultou nem pediu conselho sobre uma única palavra. Em contrapartida, Lulu disse:

— Não quero fazer brinde nenhum.

— *Tem* que fazer — respondi.

— Ninguém da minha idade faz brinde — falou Lulu.

— Porque são de má família — retruquei.

— Você tem ideia de como essa sua afirmação parece louca? — perguntou Lulu.

— Eles não são de “má” família. O que é uma “má” família?

— Lulu, você é muito ingrata. Na sua idade, eu trabalhava sem parar. Fiz uma casa na árvore para minhas irmãs porque meu pai me pediu. Obedecia a tudo o que ele dizia, e é por isso que sei usar uma serra elétrica. Também fiz uma casa para beija-flor. Eu era entregadora do *El Cerrito Journal* e tinha que andar oito quilômetros carregando vinte e cinco quilos de jornais numa bolsa equilibrada na cabeça. E olhe para você. Damos a você todas as oportunidades, todos os privilégios. Você nunca teve de usar um tênis Adidas falso com quatro listras em vez de três. E não é capaz de fazer essa única coisa pelo papai. É revoltante.

— Não quero fazer brinde — foi a resposta de Lulu.

Usei todos os meus argumentos. Ameacei com tudo o que me ocorreu. Subornei-a. Tentei inspirá-la. Tentei envergonhá-la. Ofereci-me para ajudá-la a escrever. Incrementei o prêmio e lhe dei um ultimato, sabendo que era uma batalha crucial.

Quando chegou a festa, Sophia pronunciou uma pequena obra-prima. Aos dezesseis anos e com 1,70 metro, de salto, ela se tornara uma garota sensacional, com uma inteligência sagaz. Em seu discurso, ela captou perfeitamente o espírito do

pai, ironizando-o com delicadeza, mas, em última instância, tratando-o como uma celebridade. Depois, minha amiga Alexis veio me dizer:

— Sophia é simplesmente incrível.

Fiz que sim com a cabeça.

— Ela fez um brinde formidável.

— Claro... Mas não foi isso que eu quis dizer — explicou Alexis. — Não sei se as pessoas entendem Sophia de verdade. Ela é totalmente autêntica. Mas sempre consegue deixar a família orgulhosa. E essa Lulu é simplesmente adorável.

Eu não achava Lulu nada adorável. Durante o brinde de Sophia, Lulu ficou parada ao lado da irmã, com um sorriso afável nos lábios. Mas não escrevera nada e se negou a dizer uma palavra que fosse.

Eu perdera. Era a primeira vez. Durante todo o tumulto e toda a guerra em nossa família, eu nunca perdera antes, pelo menos numa coisa tão importante.

Esse ato de desafio e desrespeito me enfureceu. Minha raiva ficou em fogo brando por um tempo, depois soltei os cachorros.

— Você desonrou essa família. E a você mesma — disse a Lulu. — Vai ter que conviver com seu erro pelo resto da vida.

Lulu revidou:

— Você é uma exibida. Tudo gira em torno de você. Já tem uma filha que faz todas as suas vontades. Por que precisa de mim?

Agora havia um muro entre nós. Antes nós brigávamos violentamente, mas sempre fazíamos as pazes. Acabávamos abraçadinhas na cama dela ou na minha, rindo enquanto uma arremedava a outra. Eu dizia coisas totalmente inadequadas para uma mãe, como “Vou morrer em breve”, ou “Não acredito que você me ame tanto que machuque”. E Lulu dizia: “Mamãe! Você é muito esquisita!”, mas sorria sem querer. Agora Lulu já não ia mais ao meu quarto à noite. Dirigia sua raiva não só a mim, mas também a Jed e Sophia, e passava cada vez mais tempo trancada no quarto.

Não pense que não tentei reconquistar Lulu. Quando eu não estava furiosa ou brigando com ela, fazia tudo o que podia. Uma vez, eu disse:

— Ei, Lulu! Vamos mudar nossas vidas e fazer uma coisa totalmente diferente e divertida. Vamos fazer um bazar aqui em casa.

Fizemos (lucro líquido US\$241,35), foi divertido, mas não mudou nossas vidas. Outra vez, sugeri que ela experimentasse fazer uma aula de violino elétrico. Ela fez e gostou, mas quando tentei marcar uma segunda aula, me disse que era burrice e que eu parasse. Logo estávamos de novo às turras, enredadas na hostilidade.

Por outro lado, para duas pessoas que viviam se engalfinhando, Lulu e eu passávamos muito tempo juntas, embora não fosse um tempo que eu chamasse exatamente de tempo de qualidade. Esta era nossa rotina de fim de semana:

Sábado: 1 hora de viagem (às 8h) a Norwalk (CT)

3 horas de ensaio de orquestra

1 hora de viagem de volta a New Haven

Dever de casa

1-2 horas de exercícios de violino

1 hora de atividade divertida em família (opcional)

Domingo: 1-2 horas de estudo e exercícios de violino

2 horas de viagem para a cidade de Nova York

1 hora de aula com a Srta. Tanaka

2 horas de viagem de volta a New Haven

Dever de casa

Olhando para trás, era bem desagradável. Mas havia outro lado que fazia tudo isso valer a pena. É que Lulu odiava violino... salvo quando o adorava. Lulu uma vez me falou:

— Quando toco Bach, tenho a sensação de estar viajando no tempo. Eu poderia estar no século XVIII.

Ela me disse que adorava como a música transcendia a história. Num dos recitais bienais da Srta. Tanaka, lembro-me de Lulu hipnotizar a plateia com o *Concerto de*

violino de Mendelssohn. A Srta. Tanaka me disse:

— Lulu é diferente dos outros. Ela realmente sente a música e a entende. Dá para ver que ela adora o violino.

Uma parte de mim se sentiu como se estivéssemos enganando a Srta. Tanaka. Mas outra se encheu de inspiração e determinação.

Aproximava-se o *Bat Mitzvah* de Lulu. Embora eu não seja judia, e o *Bat Mitzvah* fosse departamento de Jed, Lulu e eu também entramos em guerra por isso. Eu queria que ela tocasse violino na cerimônia. Eu tinha em mente a “Melodia hebraica”, de Joseph Achron, uma bela peça de devoção de que a velha amiga de Lulu, Lexie, nos havia falado. Jed aprovou. Lulu, não.

— *Tocar violino?* No meu *Bat Mitzvah*? Que ridículo! Eu me recuso — declarou Lulu, incrédula. — Não tem nada a ver. Você nem sequer sabe o que significa o *Bat Mitzvah*? Não é um recital. — Depois acrescentou:

— Eu só quero ter uma grande festa e ganhar um monte de presentes.

Isso foi dito para me provocar e me enfurecer. Havia anos Lulu me ouvia reclamar das crianças ricas, mimadas, cujos pais gastam milhões de dólares em festas de *Bat Mitzvah*, bailes e festas de dezesseis anos. A verdade é que Lulu tem uma identidade judaica forte. Ao contrário de Sophia (e de Jed também), Lulu sempre insistiu em observar as regras de Pessach e em jejuar no Yom Kippur. Para ela, mais ainda que para Sophia, o *Bat Mitzvah* era um acontecimento importante na vida, e ela se jogou de cabeça no aprendizado da Torá hebraica e das haftarás.

Eu não quis morder a isca.

— Se você não quer tocar violino — disse eu calmamente —, então o papai e eu não vamos lhe dar uma festa. A gente pode se limitar a ter uma pequena cerimônia. Afinal, o ritual é o que importa.

— Você não tem direito! — disse Lulu furiosa. — Isso é muito injusto. Você não obrigou Sophia a tocar piano no *Bat Mitzvah* dela.

— É bom para você fazer uma coisa que Sophia não fez — falei.

— Você nem é judia — retrucou Lulu. — Não sabe do que está falando. Isso não tem nada a ver com você.

Seis semanas antes da data, enviei os convites de Lulu. Mas lhe avisei:

— Se você não tocar “Melodia hebraica” eu cancelo a festa.

— Você não pode fazer isso — disse Lulu com desdém.

— Por que você não me testa, Lulu? — desafiei-a. — Veja se eu faço ou não.

Sinceramente não sei quem ganhou essa. Era também uma manobra de alto risco, porque eu não tinha uma estratégia alternativa, se perdesse.

Katrin

A notícia do câncer de Katrin foi insuportável para meus pais. Duas das pessoas mais fortes que conheço, eles simplesmente desmoronaram com o sofrimento. Minha mãe chorava o tempo todo, não saía de casa nem atendia aos telefonemas dos amigos. Nem falava no telefone com Sophia e Lulu. Meu pai ficava me ligando, a voz angustiada, me perguntando — sem parar — se havia alguma esperança.

Para o tratamento, Katrin escolheu o Dana-Farber/Harvard Cancer Center em Boston. Soubemos que era uma das melhores instalações do país para transplante de medula óssea. Harvard era também onde Katrin e seu marido, Or, haviam estudado e feito residência, e ela ainda conhecia gente lá.

Tudo aconteceu muito rápido. Apenas três dias depois de ter tido o diagnóstico, Katrin e Or fecharam a casa em Stanford e se mudaram com toda a família para Boston (Katrin se recusou a cogitar deixar os filhos na Califórnia com os avós). Com a ajuda de nossos amigos Jordan e Alexis, encontramos para eles uma casa para alugar em Boston, uma escola para Jake e uma creche para Ella.

A leucemia de Katrin era tão agressiva que os médicos no Dana-Farber lhe disseram que ela devia partir direto para o transplante de medula. Nenhum outro caminho oferecia qualquer chance de sobrevivência. Mas para o transplante ser possível Katrin tinha que superar dois enormes obstáculos. Primeiro, devia se submeter a uma quimioterapia intensa e rezar para que os sintomas da leucemia

desaparecessem. Segundo, caso desaparecessem, ela tinha de ter a sorte de encontrar um doador compatível. Para vencer cada um desses obstáculos, as chances não eram grandes. Para vencer os dois, eram apavorantes. Mesmo se tudo isso funcionasse, as chances de sobreviver ao transplante de medula eram ainda mais reduzidas.

Katrin teve dois dias em Boston antes de se internar no hospital. Eu estava presente quando ela se despediu dos filhos. Ela insistira em lavar a roupa da casa — duas levadas —, escolhera as roupas de Jake para o dia seguinte. Fiquei paralisada olhando sem acreditar enquanto ela dobrava as camisas do filho e alisava as mamadeiras e macacões da filha.

— Adoro lavar roupa — disse-me ela. Antes de sair de casa, ela me deu todas as suas joias para eu guardar. — Para o caso de eu não voltar — falou.

Or e eu levamos Katrin para o hospital. Enquanto aguardávamos para preencher formulários, ela ficava fazendo graça (“Me arranje uma boa peruca, Amy. Eu sempre quis um cabelo bonito”) e se desculando por tomar tanto do meu tempo. Quando afinal chegamos ao seu quarto — do outro lado de uma cortina estava uma senhora mais velha, com uma aparência cadavérica, que visivelmente devia ter feito quimioterapia —, a primeira coisa que Katrin fez foi colocar retratos de sua família. Havia um close de Ella, um de Jake com três anos, e outro deles quatro sorridentes numa quadra de tênis. Embora de vez em quando ficasse com uma expressão aérea, Katrin parecia totalmente calma e determinada.

Em contrapartida, quando dois residentes — um era asiático, o outro, nigeriano — vieram se apresentar a Katrin, fiquei indignada e morta de raiva. Era como se eles estivessem brincando de médico. Nenhuma de nossas perguntas foi respondida, por duas vezes eles se referiram ao tipo errado de leucemia, e Katrin acabou tendo de lhes explicar o protocolo que eles precisavam seguir naquela noite. Tudo em que eu conseguia pensar era: estudantes? A vida de minha irmã nas mãos de estudantes de medicina?

Mas a reação de Katrin foi totalmente diferente.

— Não acredito que a última vez em que estive neste prédio eu era um deles — disse pensativa depois que os residentes saíram, com apenas um vestígio de tristeza

na voz. — Or e eu tínhamos acabado de nos conhecer.

As primeiras semanas de quimioterapia transcorreram sem problemas. Como tínhamos visto com Florence, os efeitos da quimio são cumulativos, e, nos primeiros dias, Katrin disse que se sentia ótima — na verdade, com mais energia que há muitos meses, porque lhe davam transfusões de sangue regulares para combater a anemia. Ela passava o tempo escrevendo artigos científicos (um dos quais foi publicado na *Cell* enquanto ela estava no hospital), supervisionando seu laboratório de Stanford a distância e comprando livros, brinquedos e roupas de inverno para Jake e Ella pela internet.

Mesmo depois que começou a sentir os efeitos da quimio, Katrin nunca se queixou, nem do cateter Hickman enfiado em seu peito carregando toxinas químicas do soro para suas veias (“Não é ruim, mas ainda não consigo olhar”); nem dos calafrios de febre que a acometiam; ou das centenas de injeções, comprimidos e picadas de agulha que era obrigada a suportar. O tempo todo, Katrin me mandava e-mails engraçados que às vezes me faziam dar gargalhadas. “Oi!”, escreveu uma vez. “Estou começando a sentir ENJOO. A quimio está funcionando... tudo dentro dos conformes.” E outra vez: “Estou ansiosa aguardando a visita do flebotomista agora de manhã. É a isso que estou reduzida.” O flebotomista era a pessoa que colhia seu sangue e lhe dizia como estavam as taxas. E: “Posso beber líquidos transparentes de novo. Vou tentar caldo de galinha. Oba.”

Acabei me dando conta de que quando eu não tinha notícias de Katrin — quando ela não atendia aos meus telefonemas nem respondia aos meus e-mails — ela estava péssima, inchada com urticária por causa de uma reação alérgica a uma transfusão de plaquetas para atenuar algum sofrimento novo horroroso. Suas novidades, porém, eram sempre alegres. Aos meus e-mails diários perguntando “Como foi essa noite?”, ela respondia. “Não queira saber”; “Não foi insuportável, mas não foi nada boa”; ou “Infelizmente, outra febre”.

Eu também me dei conta de outra coisa: Katrin estava determinada a viver por causa dos filhos. Quando era pequena, ela sempre fora a mais focada das quatro irmãs, a que tinha mais concentração. Agora dedicava cada pedacinho de seu

intelecto e de sua criatividade à tarefa de combater a leucemia. Treinada como médica, estava totalmente no controle da doença, conferindo dosagens, revisando seus ensaios sobre citogenética, pesquisando estudos clínicos na internet. Ela adorava seus médicos — era suficientemente sofisticada em termos de medicina para apreciar a experiência, a acuidade e o discernimento desses médicos —, e eles a adoravam. Assim como as enfermeiras e os jovens residentes. Uma vez, um aluno de medicina do doutorado que passava uma visita reconheceu seu nome — Dra. Katrin Chua, de Stanford, autora de dois artigos publicados na prestigiosa revista científica *Nature!* — e lhe pediu com reverência um conselho profissional. Enquanto isso, para ficar em forma, Katrin se obrigava a caminhar vinte minutos duas vezes por dia, empurrando o cabide de soro a que estava presa.

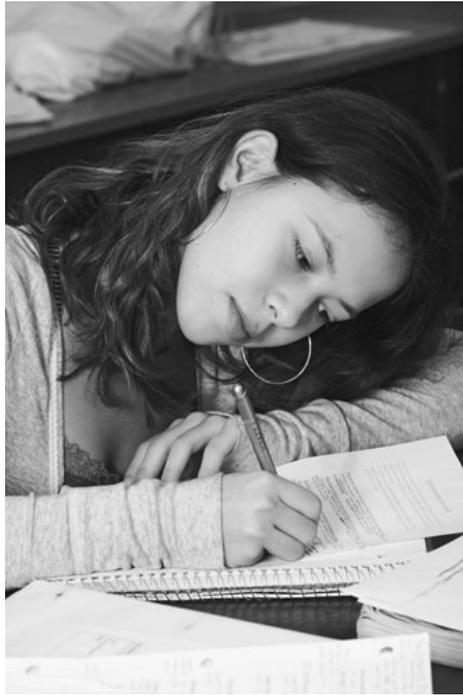
Estive muito em Boston no outono e no inverno de 2008. Todo fim de semana, nossa família inteira subia — às vezes fazíamos as duas horas de viagem para Boston logo depois que Lulu e eu voltávamos de nossa viagem de quatro horas para a aula da Srta. Tanaka. Katrin não ligava a mínima para visitas — depois que a quimio destruíra o seu sistema imunológico, as visitas eram desaconselhadas —, mas estava preocupada com Jake e Ella, e ficava feliz quando passávamos algum tempo com eles. Sophia adorava a priminha Ella, e Lulu e Jake eram os melhores amigos. Eles tinham personalidades semelhantes e eram tão parecidos que as pessoas muitas vezes pensavam que fossem irmãos.

Claro, estávamos todos esperando uma coisa: saber se Katrin conseguira a remissão da doença. No vigésimo dia, fizeram a biópsia crítica. Levou uma semana para termos o resultado. Não era bom — nada bom. Katrin perdera o cabelo, a pele estava escamando, e ela apresentava todas as complicações gastrointestinais possíveis, mas os sintomas não haviam desaparecido. O médico disse que ela precisava fazer outra quimioterapia.

— Não é o fim do mundo — disse ele, tentando parecer animado.

Mas tínhamos feito a nossa pesquisa, e todos sabíamos que, se a próxima rodada não funcionasse, a probabilidade de Katrin fazer um transplante com sucesso era efetivamente nula. Era sua última chance.

O saco de arroz



Sophia aos dezesseis anos

Uma noite, cheguei em casa do trabalho e encontrei o chão da cozinha coberto de arroz cru. Eu estava cansada e tensa. Acabara de dar aula, tive uma reunião de quatro horas com meus alunos e pensava em ir a Boston depois do jantar. Havia um grande saco de aniagem esfarrapado, trapos e sacolas plásticas por todo lado, e Coco e Pushkin estavam lá fora latindo furiosamente. Eu sabia exatamente o que acontecera.

Naquele momento, Sophia entrou na cozinha com uma vassoura na mão e uma cara desconsolada.

Explodi com ela.

— Sophia, você fez isso de novo! Deixou a porta da despensa aberta, não foi? Quantas vezes eu já lhe disse que as cachorras iriam avançar no arroz? O saco de vinte e dois quilos acabou. Provavelmente as cachorras agora vão morrer. Você *nunca*

me ouve. Sempre diz: “Ah, sinto muito, nunca mais faço isso. Sou horrível, pode me matar agora”, mas *não muda nunca*. A única coisa que interessa a você é não se meter em encrenca. Você não está nem aí para os outros. Estou cheia de você não me ouvir. Cheia!

Jed sempre me acusa de perder a noção de proporção e considerar uma enorme ignomínia o menor dos descuidos. Mas a estratégia de Sophia em geral era simplesmente aceitar minha reação e deixar a tempestade passar.

Mas dessa vez ela explodiu.

— Mamãe! Eu limpo tudo, certo? Você está agindo como se eu tivesse assaltado um banco. Já reparou na boa filha que eu sou? Todo mundo que eu conheço vive em festas, bebe e se droga. E você sabe o que eu faço? Todo dia venho correndo da escola direto para casa. *Correndo*. Sabe como isso é estranho? Outro dia, eu pensei: “Por que estou fazendo isso? Por que estou correndo para casa? Para estudar mais piano!” Você vive falando em gratidão, mas devia ser agradecida a *mim*. Não desconte suas frustrações em mim só porque não consegue controlar Lulu.

Sophia estava absolutamente certa. Ela me deixava orgulhosa e facilitava muito a minha vida havia dezesseis anos. Mas, às vezes, quando sei que estou errada e não me sinto bem comigo mesma, algo dentro de mim endurece e me força a ir mais longe ainda. Então, eu disse:

— Eu nunca lhe pedi que viesse correndo para casa. Isso é burrice. E, se quiser se drogar, vá em frente. Talvez você possa conhecer um sujeito simpático na reabilitação.

— A dinâmica dessa casa é absurda — protestou Sophia. — Eu faço todo o trabalho, faço tudo que você manda. Cometo um erro, e você grita comigo. Lulu não faz nada que você manda. Ela responde e atira coisas. Você suborna ela com presentes. Que tipo de “mãe chinesa” é você?

Sophia realmente ganhou essa. Agora pode ser um bom momento para tocar numa questão importante sobre educação chinesa e ordem de idade. Ou talvez apenas sobre ordem de idade. Tenho uma aluna chamada Stephanie que me contou há pouco tempo uma história engraçada. Filha primogênita de imigrantes coreanos,

Stephanie falou que, quando estava no ensino médio (só nota A, gênio em matemática, pianista concertista), costumava ser ameaçada pela mãe:

— Se você não fizer X, não levo você para a escola.

Essa perspectiva deixava Stephanie apavorada — perder aula! Então, fazia o que a mãe mandasse, torcendo para que não fosse tarde demais. Por outro lado, quando a mãe fazia a mesma ameaça à irmã caçula de Stephanie, esta respondia:

— *Legal*. Eu adoraria ficar em casa. Odeio a escola.

Há muitas exceções, claro, mas isso — primogênito perfeito, caçula rebelde — é de fato um padrão que noto em muitas famílias, em especial de imigrantes. Simplesmente achei que poderia quebrar esse padrão no caso de Lulu com pura força de vontade e trabalho árduo.

— Como você sabe, Sophia, estou tendo problema com Lulu — concedi. — O que funcionou com você não está funcionando com ela. É um desastre.

— Ah... Não se preocupe, mãe — disse Sophia, com uma voz simpática. — É só uma fase. É horrível ter treze anos. Eu era infelicíssima. Mas as coisas vão melhorar.

Eu não soube que Sophia era tão infeliz aos treze anos. Imagine só, minha mãe também não soubera que eu era infelicíssima aos treze anos. Como na maioria das famílias de imigrantes asiáticos, lá em casa não tínhamos “conversas” íntimas. Minha mãe nunca falou comigo sobre adolescência e, em especial sobre a asquerosa palavra de nove letras que começa com *p-u* e acaba com *d-e* e é o que acontece com os adolescentes. Jamais conversamos sobre os “fatos da vida”. Só de tentar imaginar uma conversa do tipo na época sinto um frio na espinha.

— Sophia — disse eu —, você é exatamente como eu era na minha família: a mais velha, aquela com quem todo mundo conta e ninguém precisa se preocupar. É uma honra fazer esse papel. O problema é que a cultura ocidental não enxerga isso dessa maneira. Nos filmes da Disney, a “boa filha” sempre deve ter uma depressão e perceber que a vida não se resume a seguir regras e ganhar prêmios, e depois tirar a roupa e correr para o mar ou coisa assim. Mas essa é só a maneira de a Disney despertar o interesse de todas as pessoas que nunca conquistam prêmio nenhum. Ganhar prêmios lhe dá oportunidades; isso é liberdade, não correr para o mar.

Fiquei profundamente emocionada com meu discurso. Assim mesmo, senti uma pontada. Uma imagem de Sophia correndo da escola para casa carregando uma pilha de livros me passou pela cabeça, e quase não suportei.

— Me dê a vassoura — disse eu. — Você precisa de tempo para estudar piano. Eu limpo isso.

Desespero

Minha irmã Michelle e eu fizemos exames para ver se alguma de nós poderia ser doadora de medula para Katrin. A probabilidade de irmãos serem compatíveis é maior — mais ou menos um em cada três —, e fiquei estranhamente cheia de esperanças de que meu sangue fosse aprovado. Mas não foi. Nem Michelle nem eu éramos compatíveis com Katrin. A ironia é que éramos compatíveis uma com a outra, mas nenhuma de nós podia ajudar Katrin. Isso significava que ela agora deveria tentar encontrar um doador através dos registros nacionais de doadores de medula óssea. Para nosso desânimo, ficamos sabendo que, quando não havia compatibilidade entre irmãos, a probabilidade de encontrar um doador caía vertiginosamente, sobretudo para pessoas de ascendência asiática e africana. A internet está cheia de apelos de pacientes moribundos procurando, desesperados, um doador compatível. Mesmo que se encontrasse esse doador ali, o processo poderia levar meses — meses que Katrin talvez não tivesse.

O primeiro ciclo de quimioterapia de Katrin não fora um pesadelo, mas o segundo compensou isso. Foi brutal. Agora dias se passavam sem que eu tivesse notícias dela. Apavorada, eu ligava para Or, mas quase sempre caía na caixa postal; ou ele atendia bruscamente e dizia:

— Não posso falar agora, Amy. Vou tentar ligar depois.

A maior causa de mortalidade decorrente de quimioterapia é infecção. Enfermidades banais como resfriado ou gripe comuns podem matar facilmente um paciente de câncer cujos glóbulos brancos do sangue tenham sido destruídos. Katrin pegava uma infecção atrás da outra. Para combatê-las, seus médicos prescreviam um monte de antibióticos que causavam todo tipo de efeito colateral doloroso. Quando esses antibióticos não funcionavam, eles tentavam outros diferentes. Ela passava semanas sem poder comer nem beber e precisava se alimentar por via endovenosa. Estava sempre congelando ou ardendo em brasa. As complicações e as crises se sucediam, e ela muitas vezes sofria tanto que precisava ser sedada.

Depois de ministrado o segundo ciclo de quimioterapia, mais uma vez tivemos que prender o fôlego e esperar. Um dos indícios de que a leucemia de Katrin estaria em remissão seria a produção de glóbulos brancos saudáveis no sangue — em particular neutrófilos, que defendem o corpo contra infecções bacterianas. Por saber que o sangue de Katrin era colhido logo de manhã cedo, eu me sentava na frente do computador às seis horas para esperar um e-mail dela. Mas Katrin já não me escrevia. Quando não aguentava esperar mais e lhe escrevia primeiro, eu recebia respostas secas como “A contagem ainda não está subindo”, ou “Nada ainda. Bastante decepcionante”. Em pouco tempo, ela não respondia mais às minhas mensagens.

Sempre me perguntei o que há de errado com gente que não entende o recado e deixa uma mensagem de voz atrás da outra (“Me ligue! Cadê você? Estou preocupada!”), mesmo quando está na cara que há uma razão pela qual a pessoa não retorna a ligação. Bem, não dava para me segurar. Estava muito nervosa, de modo que eu nem queria saber se estava sendo irritante. Na semana que seguiu ao segundo ciclo da quimioterapia, liguei para Katrin várias vezes todas as manhãs, e, embora ela nunca atendesse — como tinha identificador de chamada, ela sabia que era eu —, continuei deixando mensagens, colocando-a a par de coisas inúteis, imaginando que eu estava sendo alegre e levantando sua moral.

Então, uma manhã, Katrin atendeu ao telefone. Nem parecia ela. Sua voz estava tão fraca que eu mal a ouvia. Perguntei como ela estava se sentindo, mas ela se limitou a suspirar. Depois disse:

— Não adianta, Amy, eu não vou conseguir. Não há esperança... Simplesmente não há esperança — e sua voz sumiu.

— Não seja boba, Katrin. É absolutamente normal custar tanto para a contagem subir. Às vezes pode levar meses. Jed na verdade acabou de pesquisar tudo isso. Posso lhe mandar os números, se quiser. E Or me disse que o médico está bastante otimista. Espere mais um dia.

Como não houve resposta, comecei de novo.

— Lulu é como um pesadelo! — falei, e regalei-a com histórias sobre o violino, nossas brigas e eu me descabelando.

Antes de Katrin adoecer, ela e eu sempre conversávamos sobre a educação das crianças e como era impossível para nós ter a mesma autoridade sobre nossos filhos que nossos pais tiveram conosco.

Então, para meu alívio, ouvi Katrin rir do outro lado da linha e dizer com uma voz mais normal:

— Pobre Lulu. Ela é uma menina tão boa, Amy. Você não devia ser tão dura com ela.

No Halloween, ficamos sabendo que haviam localizado um doador, um sino-americano aparentemente compatível com Katrin. Quatro dias depois, recebi um e-mail de Katrin dizendo: “Tenho neutrófilos! O nível é 100, precisa ser 500, mas felizmente está subindo.” E subiu — muito lentamente, mas subiu. No início de novembro, Katrin teve alta do hospital para recuperar as forças. Tinha exatamente um mês até o transplante de medula, que incrivelmente exigiria mais outro ciclo de quimioterapia — esta, a mãe de todas as quimioterapias, ministrada numa enfermaria especial à prova de germes — a fim de eliminar toda a medula doente de Katrin para que a medula saudável do doador pudesse substituí-la. Muitos pacientes nunca saíram daquela enfermaria.

Durante o mês em casa, Katrin parecia feliz. Curtia tudo: dar comida a Ella, levar os filhos para passear a pé ou simplesmente vê-los dormir. O que mais lhe dava prazer era ver Jake jogar tênis.

O transplante de medula foi realizado na véspera do Natal. Meus pais e toda a nossa família nos hospedamos num hotel em Boston. Comemos comida chinesa para viagem e abrimos presentes com Or, Jake e Ella.

A “Melodia hebraica”

Um ano novo em folha — 2009. O ano não começou de forma muito festiva para nós. Voltamos de Boston exaustos. Fora um trabalho duro tentar criar um ambiente alegre, de festas, para Jake e Ella quando a mãe deles estava internada no CTI de uma ala para tratamento de medula óssea. Lidar com meus pais havia sido mais angustiante ainda. Minha mãe insistia em se torturar perguntando por que, por que, por que Katrin tivera leucemia. Respondi-lhe de forma cruel algumas vezes, depois me senti péssima. Meu pai ficava me fazendo sempre as mesmas perguntas médicas, que eu transmitia a Jed, que explicava pacientemente a mecânica do processo de transplante. Estávamos todos apavorados com o que o novo ano poderia trazer.

Quando chegamos de volta em New Haven, encontramos nossa casa escura e gelada. Tinha havido uma violenta tempestade de neve, com ventos fortíssimos, e algumas de nossas janelas estavam quebradas. Então houve um blecaute, o que nos deixou sem calefação por algum tempo. Jed e eu tínhamos um semestre novo começando e aulas para preparar. Pior de tudo, o violino assomava — Lulu tinha três concertos chegando — e também o *Bat Mitzvah*. “De volta às trincheiras”, pensei taciturna.

Lulu e eu mal nos falávamos. Seu cabelo era uma recriminação violenta. Apesar dos esforços da cabeleireira, continuava curto e meio em zigue-zague, e isso me deixava de mau humor.

No final de janeiro, Katrin recebeu alta do hospital. No início estava tão magra que mal conseguia subir escadas. Por continuar profundamente vulnerável a infecções, estava proibida de ir a restaurantes, supermercados ou ao cinema sem máscara protetora. Todos nós cruzamos os dedos e rezamos para que o sangue novo não atacasse seu organismo. Saberíamos em alguns meses se ela teria ou não o pior tipo de complicação — a doença aguda do enxerto *versus* hospedeiro —, que era potencialmente fatal.

À medida que as semanas passavam e o *Bat Mitzvah* se aproximava, Lulu e eu nos dedicávamos a acirrar o combate. Como acontecera no caso de Sophia, estávamos fugindo às convenções e fazendo o *Bat Mitzvah* em casa. Jed se encarregava das providências mais importantes, mas era eu quem vivia atrás de Lulu convencendo-a a praticar sua haftará — eu ia ser uma mãe chinesa mesmo quando se tratasse de hebraico. Como sempre, era por causa do violino que mais brigávamos.

— Você não me ouviu? Eu disse suba e vá estudar a “Melodia hebraica”, JÁ! — eu devo ter berrado mil vezes. — Como não se trata de uma peça difícil, se não for incrivelmente emocionante, vai ser um fracasso.

Outras vezes eu gritava:

— Você *quer* ser medíocre? É isso que quer?

Lulu sempre retaliava com veemência.

— Nem todo *Bat Mitzvah* tem que ser especial, e eu não *quero* ensaiar — disparava.

Ou:

— Eu não vou tocar violino no meu *Bat Mitzvah*! E você não pode me fazer mudar de ideia.

Ou:

— Eu *odeio* violino. Quero largar!

O nível de decibéis em nossa casa bateu o recorde. Até a manhã do *Bat Mitzvah*, eu não sabia se Lulu ia tocar a “Melodia hebraica” ou não, embora a peça estivesse nos programas que Jed mandara imprimir.

Lulu tocou. Fez o que devia fazer. Leu a Torá e as haftarás com confiança e segurança, e, pela forma como tocou a “Melodia hebraica” — enchendo a sala de tons tão lindos e inebriantes que os convidados choraram —, ficou claro para todo mundo que aquilo vinha do fundo da alma dela.

Na recepção que se seguiu, vi o rosto de Lulu iluminado enquanto cumprimentava os convidados.

— Nossa, Lulu, você *arrasa* no violino. Quer dizer, você é *absolutamente incrível* — ouvi uma de suas amigas lhe dizer.

— Ela é extraordinária — maravilhou-se uma cantora amiga minha. — Vê-se que tem talento, uma coisa que não se ensina.

Quando eu lhe contei quantos problemas eu tinha para fazer Lulu praticar, minha amiga disse:

— Você não pode deixar que ela desista. Ela vai se arrepender pelo resto da vida.

Era sempre assim quando Lulu tocava violino. Ela prendia os ouvintes, e a música parecia prendê-la. Era o que fazia com que fosse tão confuso e exasperante quando ela brigava e dizia que odiava o violino.

— Parabéns, Amy. Deus sabe o que eu seria se fosse *sua* filha — brincou nossa amiga Caren, uma ex-bailarina. — Eu poderia ter sido ótima.

— Ah, não, Caren, eu não desejaria isso a ninguém — disse eu, balançando a cabeça. — Tem havido muita gritaria nessa casa. Eu nem achava que Lulu fosse tocar hoje. Para dizer a verdade, está sendo traumático.

— Mas você já deu tanto para as meninas — insistiu Caren. — Uma ideia daquilo de que são capazes, do valor da excelência. Isso é uma coisa que elas vão ter para o resto da vida.

— Talvez — duvidei. — Só que não tenho mais tanta certeza.

Foi uma festa maravilhosa, e todo mundo se divertiu. Um grande destaque foi a presença de Katrin e sua família. Nos cinco meses desde que saíra do hospital, Katrin recuperara lentamente as forças, embora seu sistema imunológico continuasse fraco e eu entrasse em pânico cada vez que alguém tossia. Katrin estava magra, mas bonita, e quase triunfante com Ella no colo.

Aquela noite, quando todos os convidados haviam ido embora e já limpáramos o que fora possível, fiquei deitada na cama me perguntando se Lulu poderia vir ali e me abraçar do jeito que me abraçou depois de “O burrinho branco”. Fazia muito tempo. Mas ela não veio. Em vez disso, eu fui ao quarto dela.

— Não está feliz por eu ter feito você tocar a “Melodia hebraica”? — perguntei-lhe.

Lulu parecia feliz, mas não particularmente carinhosa comigo.

— Estou, mamãe — disse. — Pode ficar com o crédito.

— Tudo bem, eu fico — falei, tentando rir.

Depois, eu lhe disse que estava orgulhosa dela e que ela havia sido brilhante. Lulu sorriu e foi magnânima. Mas parecia aérea, quase impaciente para que eu fosse embora, e algo em seus olhos me dizia que meus dias estavam contados.

A Praça Vermelha

Dois dias depois do *Bat Mitzvah* de Lulu, fomos para a Rússia. Eram umas férias com as quais eu sonhava havia muito tempo. Meus pais se desfizeram em elogios sobre São Petersburgo quando eu era garota, e Jed e eu queríamos levar as meninas a algum lugar aonde nunca tivéssemos ido.

Precisávamos de umas férias. Katrin acabara de passar pela pior parte da doença aguda do enxerto *versus* hospedeiro. Havíamos tido basicamente dez meses sem um dia de descanso. Nossa primeira parada foi em Moscou. Jed nos arranjara um hotel conveniente no centro da cidade. Após descansar um pouco, saímos para nossa primeira amostra da Rússia.

Tentei ser divertida e relaxada, do jeito que minhas filhas mais gostam de me ver, me contendo para não fazer minhas críticas habituais sobre a roupa que elas usavam ou quantas vezes diziam “tipo assim”. Mas havia alguma coisa malfadada naquele dia. Ficamos mais de uma hora em pé em duas filas para trocar dinheiro num lugar que se intitulava banco, e depois disso o museu que desejávamos visitar estava fechado.

Decidimos ir à Praça Vermelha, aonde era possível ir a pé do nosso hotel. Só o tamanho da praça já era impressionante. Três campos de futebol caberiam entre o portão por onde entramos e a catedral de São Basílio, com suas cúpulas em formato de cebola no outro extremo. “Não é uma praça chique nem charmosa como as da

Itália”, pensei comigo mesma. É uma praça planejada para intimidar, e eu imaginava os pelotões de fuzilamento e os batalhões de guardas stalinistas.

Lulu e Sophia ficaram implicando uma com a outra, o que me irritou. Na verdade, o que realmente me chateava era o fato de elas estarem crescidas — eram adolescentes do meu tamanho (no caso de Sophia, dez centímetros mais alta), e não garotinhas engraçadinhas.

— Passa rápido — sempre diziam nostálgicamente os amigos mais velhos. — Quando você se dá conta, suas filhas já cresceram, saíram de casa, e você está velha, embora se sinta a mesma pessoa de quando era jovem.

Eu nunca acreditava em meus amigos quando eles diziam isso, porque para mim eles *eram* velhos. Ao tentar obter tanto de cada momento, de cada dia, talvez eu imaginasse estar ganhando mais tempo para mim. Como um fato puramente matemático, quem dorme menos vive mais.

— Aquele é o túmulo de Lenin atrás do muro branco comprido — disse Jed às meninas, apontando. — O corpo dele embalsamado está exposto. Podemos ir vê-lo amanhã.

Jed deu às meninas uma pequena explicação sobre a história russa e a política da Guerra Fria.

Depois de flamar um pouco por ali — surpreendentemente, encontramos poucos americanos e muito mais chineses, que pareciam completamente indiferentes a nós —, sentamos num café ao ar livre. Era anexo ao famoso shopping GUM, que fica num prédio palaciano do século XIX orlado por arcadas ocupando quase todo o lado leste da Praça Vermelha, em frente ao Kremlin com seu aspecto de fortaleza.

Decidimos comer *blinis* e caviar, uma maneira divertida de começar nossa primeira noite em Moscou, Jed e eu pensamos. Mas, quando chegou o caviar — trinta dólares por uma tigelinha mínima —, Lulu disse:

— Eca, nojento. — E não quis provar.

— Sophia, não tire tanto; deixe um pouco para a gente — falei e me virei para minha outra filha. — Lulu, você fala como uma selvagem sem cultura. Prove o caviar. Pode botar bastante creme azedo em cima.

— É pior ainda — disse Lulu, estremeando toda. — E não me chame de selvagem.

— Não estrague as férias de todo mundo, Lulu.

— Quem está estragando é você.

Empurrei o caviar para Lulu. Ordenei que ela comesse um grão — uma única ova.

— Por quê? — perguntou ela desafiadora. — Por que você se importa tanto? Você não pode me obrigar a comer uma coisa.

Senti a raiva subindo. Será que eu não conseguia obrigar Lulu a fazer nem uma coisinha?

— Você está agindo como uma delinquente juvenil. *Experimente uma ova, já.*

— Não quero — disse Lulu.

— *Experimente, já,* Lulu.

— Não.

— Amy — começou Jed diplomaticamente —, todo mundo está cansado. Por que a gente simplesmente...

Interrompi:

— Sabe como meus pais ficariam tristes e envergonhados se vissem isso, Lulu, você me desobedecer em público? Com essa cara? Você só está se prejudicando. Estamos na Rússia e você se nega a provar caviar! Você parece uma bárbara. Caso ache que é uma grande rebeldia, você é *completamente normal*. Não há nada mais típico, mais previsível, mais comum e mais baixo que uma adolescente americana que não quer provar as coisas. Você é chata, Lulu... *Chata*.

— Cale a boca — disse Lulu com raiva.

— Não se atreva a me mandar calar a boca. Eu sou sua mãe — sussurrei, mas assim mesmo alguns clientes olharam. — Pare de se fazer de durona para impressionar Sophia.

— Eu *odeio* você! EU ODEIO VOCÊ.

Isso, partindo de Lulu, não foi sussurrado. Foi gritado a plenos pulmões. Agora o café inteiro olhava para nós.

— Você não gosta de mim — disse Lulu secamente. — Acha que gosta, mas não gosta. Só faz com que eu me sinta mal comigo mesma a cada segundo. Você estragou minha vida. Não suporto ficar perto de você. É isso o que você quer?

Fiquei com um nó na garganta. Lulu percebeu, mas continuou.

— Você é uma *péssima mãe*. É egoísta. Não liga para ninguém a não ser para você mesma. O quê... Você não acredita que eu possa ser tão ingrata? Depois de tudo o que fez por mim? Tudo o que você diz ter feito por mim é na verdade por você.

“Ela é igualzinha a mim”, pensei, “compulsivamente cruel.”

— Você é uma *péssima filha* — disse eu em voz alta.

— Eu sei. Eu não sou o que você quer. Não sou chinesa! Não quero ser chinesa. Por que você não consegue botar isso na cabeça? Eu *odeio* violino. ODEIO minha vida. ODEIO você e ODEIO essa família! Vou pegar esse copo e jogá-lo no chão!

— Faça isso — desafiei.

Lulu pegou um copo da mesa e atirou-o ao chão. Água e cacos voaram, e alguns clientes ficaram com a respiração suspensa. Senti todos os olhares sobre nós, um espetáculo grotesco.

Eu fizera carreira desdenhando o tipo de pais ocidentais que não conseguia controlar os filhos. Agora eu tinha a filha mais desrespeitosa, grosseira, violenta e incontrolável de todas.

Lulu tremia de raiva e tinha lágrimas nos olhos.

— Eu quebro mais se você não me deixar em paz — gritou.

Levantei e saí correndo. Corri o mais rápido possível, sem saber aonde ia, uma mulher louca de quarenta e seis anos correndo de sandálias e chorando. Passei pelo mausoléu de Lenin e por alguns guardas armados que achei que poderiam atirar em mim.

Então parei. Eu chegara ao fim da Praça Vermelha. Não havia para onde ir.

32

O símbolo

As famílias costumam ter símbolos: um lago no campo, a medalha do vovô, o jantar do sabá. Lá em casa, o violino virara um símbolo.

Para mim, simbolizava excelência, requinte e profundidade — o oposto de shopping centers, Cocas gigantes, roupas de adolescente e consumismo grosseiro. Ao contrário de escutar iPod, tocar violino é difícil e exige concentração, precisão e interpretação. Até fisicamente, tudo no violino — a madeira polida, a voluta entalhada, a crina animal, a ponte delicada, o ponto de contato — é sutil, refinado e delicado.

Para mim, o violino simbolizava respeito à hierarquia, aos padrões e à perícia. Para aqueles que sabem mais que os outros e podem ensinar. Para aqueles que tocam melhor e podem inspirar. E para os pais.

Também simbolizava história. Os chineses nunca chegaram à altura da música clássica ocidental — não há um equivalente chinês da Nona Sinfonia de Beethoven —, mas a música tradicional elevada está profundamente entrelaçada com a civilização chinesa. O *qin* de sete cordas, muitas vezes associado a Confúcio, já tem pelo menos dois mil e quinhentos anos. Foi imortalizado pelos grandes poetas da dinastia Tang, reverenciado como o instrumento dos sábios.

Acima de tudo, o violino simbolizava controle. Sobre a decadência das gerações. Sobre a ordem de nascimento. Sobre o nosso destino. Sobre os nossos filhos. Por que

os netos de imigrantes só deveriam ser capazes de tocar guitarra ou bateria? Por que um segundo filho deveria ser previsivelmente menos cumpridor de regras, menos bem-sucedido na escola e “mais sociável” que os irmãos mais velhos? Em suma, o violino simbolizava o sucesso do modelo chinês de educar os filhos.

Para Lulu, representava a opressão.

E, enquanto voltava lentamente pela Praça Vermelha, percebi que o violino começara a simbolizar opressão para mim também. Só de pensar no estojo do violino de Lulu lá em casa, encostado ao lado da porta da frente — no último minuto decidimos não trazê-lo, pela primeira vez na vida —, me lembrei das horas e horas, dos anos e anos de labuta, brigas, provocações e sofrimento que suportamos. Para quê? Percebi também que eu estava apavorada com o que vinha pela frente.

Ocorreu-me que era isso que os pais ocidentais deviam sentir e que fazia com que seus filhos desistissem de instrumentos musicais difíceis. Por que torturar a si mesmo e aos filhos? Para quê? Se sua filha não gosta de uma coisa — odeia uma coisa —, o que adianta obrigá-la a fazer aquilo? Eu sabia que, na qualidade de mãe chinesa, nunca deveria aceitar aquela maneira de pensar.

Voltei ao encontro de minha família no café do GUM. Os garçons e os outros clientes desviaram a vista.

— Lulu — disse eu —, você venceu. Acabou. Vamos largar o violino.

A ocidentalização



Meu pai nos anos 1970

Eu não estava blefando. Minha política com Lulu sempre foi forçar a barra, mas daquela vez eu falava sério. Ainda não sei exatamente por quê. Talvez eu tivesse finalmente me permitido admirar a força impassível de Lulu pelo que ela era, mesmo discordando profundamente de suas escolhas. Ou talvez tivesse sido Katrin. Assistir à sua luta e ver o que passara a ser importante para ela naqueles meses desesperados foi uma sacudidela para todos nós.

Poderia também ter sido minha mãe. Para mim, ela sempre será a quinta-essência da mãe chinesa. Quando eu era pequena, nada era bom o bastante para ela, jamais. (“Você diz que tirou o primeiro lugar, mas na verdade só empatou, certo?”) Ela estudava piano diariamente com Cindy durante três horas, até o dia em que a professora lhe disse com delicadeza que elas haviam chegado ao limite. Mesmo

depois de eu já ser professora universitária, quando eu a convidava para uma de minhas palestras públicas, ela sempre fazia críticas dolorosamente precisas, enquanto os outros só me elogiavam. (“Você se empolga muito e fala depressa demais. Procure ficar tranquila e será melhor.”) Mas minha própria mãe chinesa já andara me dizendo havia bastante tempo que algo não estava funcionando com Lulu.

— Cada filho é diferente — dizia ela. — Você tem que ajustar, Amy. Olhe o que aconteceu com seu pai — acrescentava agourentamente.

Então — quanto a meu pai. Acho que está na hora de ser verdadeira num aspecto. Eu sempre disse a Jed, a mim mesma e a todo mundo que a principal prova da superioridade da maneira chinesa de educar os filhos é como os filhos acabam se sentindo em relação aos pais. Apesar das exigências brutais, dos abusos verbais dos pais e da indiferença destes quanto aos desejos dos filhos, as crianças chinesas acabam adorando e respeitando os pais e querendo cuidar deles na velhice. Desde o início, Jed sempre perguntara:

— E seu pai, Amy?

Nunca tive uma boa resposta.

Meu pai foi a ovelha negra da família. Sua mãe não o via com bons olhos e o tratava de maneira injusta. Em sua casa, eram comuns as comparações entre os filhos, e meu pai — o quarto de seis filhos — estava sempre em desvantagem. Não se interessava por negócios como o restante da família. Adorava ciências e carros velozes; aos oito anos, construiu um rádio. Comparado aos irmãos, meu pai era o proscrito, aventureiro e rebelde da família. Para não dizer algo pior, sua mãe não respeitava suas escolhas, não valorizava sua individualidade e não se preocupava com sua autoestima — todos aqueles clichês ocidentais. O resultado foi que meu pai odiava a família — achava-a sufocante e destrutiva —, e na primeira oportunidade mudou-se para o mais longe possível e nunca mais olhou para trás.

O que a história de meu pai ilustra é uma coisa sobre a qual acho que eu nunca quis pensar. Quando a educação chinesa dá certo, não há nada igual. Mas nem sempre dá certo. Para meu pai, não deu. Ele mal falava com a mãe, nunca pensava

nela a não ser com raiva. No fim da vida de minha avó, a família já estava quase morta para ele.

Eu não podia perder Lulu. Nada era mais importante. Portanto, tomei a atitude mais ocidental imaginável: dei a opção a *ela*. Disse-lhe que ela podia largar o violino se quisesse e fazer o que lhe desse prazer, o que na época foi jogar tênis.

A princípio, Lulu presumiu que fosse uma armadilha. Ao longo dos anos, nos provocamos tantas vezes para ver quem se acovardava primeiro, e tínhamos nos envolvido em formas tão elaboradas de guerra psicológica, que ela naturalmente estava desconfiada. Mas, quando se deu conta de que eu era sincera, surpreendeu-me.

— Não quero largar — disse. — Adoro violino. Não largaria nunca.

— Ah, por favor — disse eu, balançando a cabeça. — Não vamos ficar andando em círculos de novo.

— Eu não quero largar o violino — repetiu Lulu. — Só não quero me dedicar com tanta intensidade. Não é a principal coisa que eu quero fazer na vida. Quem escolheu foi você, não eu.

Acontece que diminuir aquela intensidade teve algumas implicações radicais, e, para mim, desoladoras. Primeiro, Lulu resolveu largar a orquestra, abandonando sua posição de primeiro violino a fim de liberar as manhãs de sábado para o tênis. Não se passa um segundo sem que isso me faça sofrer. Quando ela tocou sua última peça como primeiro violino, num recital em Tanglewood, e depois apertou a mão do regente, eu quase chorei. Segundo, como Lulu resolveu que não queria mais ir a Nova York todos os domingos para as aulas de violino, abrimos mão de nossa vaga no estúdio da Srta. Tanaka — nossa preciosa vaga com a famosa professora da Juilliard que fora tão difícil conquistar!

Em vez disso, encontrei para Lulu uma professora local em New Haven. Após uma longa conversa, concordamos também que Lulu estudaria sozinha, sem mim ou outros instrutores, e só por trinta minutos por dia — nem de longe o suficiente, eu sabia, para manter seu alto nível de desempenho.

Nas primeiras semanas após a decisão de Lulu, eu ficava vagando pela casa como uma pessoa que havia perdido sua missão, sua razão de viver.

Recentemente, num almoço, conheci Elizabeth Alexander, a professora de Yale que leu um poema de sua autoria na posse do presidente Obama. Eu lhe disse o quanto admirava seu trabalho, e trocamos algumas palavras.

Então ela falou:

— Espere aí. Acho que a conheço. Você tem duas filhas que estudaram na Neighborhood Music School? Não é mãe daquelas duas musicistas incrivelmente talentosas?

Elizabeth tinha duas filhas, mais novas que as minhas, que estudavam também na Neighborhood Music School e haviam ouvido Sophia e Lulu se apresentarem em várias ocasiões.

— Suas filhas são *incríveis* — disse ela. — Inspiraram as minhas filhinhas.

Antes eu teria dito modestamente: “Ah, elas não são tão boas assim”, louca para que ela me fizesse mais perguntas a fim de poder lhe contar das últimas façanhas musicais de Sophia e Lulu. Agora, limitei-me a balançar a cabeça.

— Elas ainda tocam? — indagou Elizabeth. — Não as vejo mais na escola.

— Minha filha mais velha ainda toca piano — respondi. — A mais nova, a violinista, na verdade já não toca tanto ultimamente.

Aquilo foi como uma punhalada no meu coração.

— Ela prefere jogar tênis a tocar violino. — Embora seja a número dez mil de um ranking de dez mil.

— Ah, não! — disse Elizabeth. — Que pena. Eu me lembro que ela era muito talentosa.

— Foi decisão dela — eu me ouvi dizer. — Exigia tempo de dedicação. Você sabe como são as crianças de treze anos.

“Que mãe ocidental eu me tornei”, pensei com meus botões. “Que fracasso.”

Mas mantive a palavra. Deixei Lulu jogar tênis como ela queria, no ritmo dela, tomando suas próprias decisões. Lembro-me da primeira vez em que ela se inscreveu

num torneio de iniciantes da Usta (Associação de Tênis dos Estados Unidos). Voltou bem-humorada, visivelmente cheia de adrenalina.

— Como foi? — perguntei.

— Ah, eu perdi. Foi meu primeiro torneio, e minha estratégia estava toda errada.

— Qual foi o placar?

— Seis-zero, seis-zero — disse Lulu. — Mas a garota com quem joguei era muito boa.

“Se é tão boa, por que está jogando um torneio de iniciantes”, pensei com tristeza. Mas, em voz alta, falei:

— O Bill Clinton disse recentemente a uns alunos de Yale que a pessoa só consegue ser muito boa fazendo aquilo de que gosta. Então, que bom que você gosta de tênis.

“Porém, só porque gosta de uma coisa”, acrescentei para mim mesma, “não quer dizer que a pessoa algum dia será ótima. Não se não se esforçar. Quase todo mundo é péssimo naquilo de que gosta.”

34

O final



Lulu na quadra

Recentemente, oferecemos um jantar formal em nossa casa para juízes do mundo inteiro. Uma das maiores lições de humildade para quem é professor de Yale é o contato que se tem com algumas figuras admiráveis — alguns dos maiores juristas da atualidade. Há dez anos, o seminário de constitucionalismo global de Yale traz à universidade juízes da suprema corte de dezenas de países, incluindo os Estados Unidos.

Como atração, convidamos Wei-Yi Yang, o professor de piano de Sophia, para apresentar parte do programa que ele estava preparando para a famosa Série Horowitz de Piano de Yale. Wei-Yi generosamente sugeriu que sua jovem aluna Sophia tocasse também. Por diversão, professor e aluna poderiam também fazer um dueto: tocariam “En bateau”, da *Petite suite* de Debussy.

Eu estava elétrica e nervosíssima com a ideia, e disse educativamente a Sophia:

— Não estrague a noite. Tudo depende de sua apresentação. Os juízes não vêm a New Haven ouvir o recital de um talento de ensino médio. Se não for mais que perfeita, você os terá insultado. Agora vá para o piano e não saia de lá.

Acho que ainda existe um pouco da mãe chinesa em mim.

As semanas seguintes pareciam uma repetição do período que antecedeu o Carnegie Hall, a não ser pelo fato de que agora Sophia fez quase toda a sua preparação sozinha. Como no passado, mergulhei nas peças — *Allegro appassionato*, de Saint-Saëns, uma *polonaise* e *Fantaisie impromptu*, de Chopin —, mas a verdade é que Sophia quase não precisava mais de mim. Ela sabia exatamente o que tinha a fazer, e só de vez em quando eu gritava uma crítica da cozinha ou lá de cima. Enquanto isso, Jed e eu mandamos tirar todos os móveis da sala, menos o piano. Eu mesma esfreguei o chão, e alugamos cadeiras para cinquenta pessoas.

Na noite da apresentação, Sophia usou um vestido vermelho. Quando veio cumprimentar a plateia, fui tomada de pânico. Fiquei quase paralisada durante a *polonaise*. Também não consegui curtir o Saint-Saëns, embora Sophia tenha tocado de maneira admirável. A intenção da peça é ser puro entretenimento virtuosístico, e eu estava tensa demais para ser entretida. Será que Sophia conseguiria manter suas *volatas* borbulhantes e limpas? Será que ela ensaiara demais e suas mãos não aguentariam? Precisei me controlar para não ficar balançando para trás e para a frente nem cantarolar como um robô, que é o que costumo fazer quando as meninas tocam uma peça difícil.

Mas, quando Sophia tocou a última peça, *Fantaisie impromptu*, de Chopin, tudo mudou. Por alguma razão, minha tensão se dissipou, relaxei a mandíbula, tudo em que eu conseguia pensar era: ela domina essa peça. Quando ela se levantou para agradecer, um sorriso radiante no rosto, pensei: “Essa é a minha filha. Está feliz. A música a está deixando feliz.” Naquele momento, vi que tudo valera a pena.

Sophia foi ovacionada três vezes, e depois os juízes — incluindo muitos que eu idolatrava havia anos — elogiaram efusivamente. Um disse que Sophia tocava de maneira sublime e que poderia passar a noite inteira a ouvi-la. Outro insistiu para

que ela tocasse profissionalmente porque seria um crime desperdiçar seu talento. E um número surpreendente de juizes, sendo pais eles mesmos, me fizeram perguntas pessoais como: “Qual é o seu segredo? Acha que é alguma coisa na cultura familiar asiática que tende a produzir tantos músicos excepcionais?” Ou: “Diga-me, Sophia estuda sozinha porque adora música, ou você precisa obrigá-la? Jamais consegui fazer com que os meus estudassem mais de quinze minutos.” E: “E a sua outra filha? Ouvi dizer que ela é uma violinista excepcional. Será que vou ouvi-la da próxima vez?”

Eu lhes disse que estava lutando para terminar um livro exatamente sobre aquelas questões e lhes mandaria um exemplar quando estivesse pronto.

Na mesma época da apresentação de Sophia para os juizes, fui buscar Lulu num fim de mundo onde se jogava tênis em Connecticut, a uma hora de casa.

— Adivinhe só, mamãe... eu ganhei!

— Ganhou o quê? — perguntei.

— O torneio — disse Lulu.

— O que quer dizer isso?

— Ganhei três partidas e ganhei da cabeça de chave na final. Ela era a número sessenta no ranking da Nova Inglaterra. Não acredito que eu tenha ganhado dela!

Isso me deixou desconcertada. Eu também jogara tênis na adolescência, mas sempre por diversão, com minha família ou amigos de escola. Já adulta, eu tentara alguns torneios, mas logo descobri que não tolerava a pressão da competição. Sobretudo para podermos ter uma atividade em família, Jed e eu fizemos Sophia e Lulu ter aulas de tênis, mas nunca alimentamos esperança alguma.

— Você ainda está jogando no nível de iniciante? — perguntei a Lulu. — O mais baixo?

— Estou — respondeu ela afavelmente.

Desde que eu a deixara escolher, nos dávamos muito melhor. Meu sofrimento parecia a vitória dela, e Lulu estava mais paciente e bem-humorada.

— Mas vou tentar o próximo nível em breve. Tenho certeza de que vou perder, mas quero tentar por diversão.

E então, do nada:

— Sinto muita falta da orquestra.

Nas seis semanas seguintes, Lulu ganhou mais três torneios. Nos dois últimos, fui assistir às suas partidas. Fiquei impressionada de ver que foguete ela era na quadra: com que violência batia, quão concentrada parecia e como não desistia nunca.

À medida que Lulu evoluía, a competição ficava muito mais acirrada. Num torneio, ela perdeu para uma garota que tinha o dobro do seu tamanho. Lulu saiu da quadra sorridente e magnânima, porém, mal entrou no carro, me disse:

— Vou ganhar dela da próxima vez. Ainda não sou boa o suficiente. Mas daqui a pouco vou ser.

Então me perguntou se eu podia inscrevê-la para ter aulas extras de tênis.

Na aula seguinte, assisti a Lulu exercitar seu *backhand* com uma concentração e uma tenacidade que eu nunca vira nela. Depois, pediu-me que lhe lançasse mais bolas para ela poder continuar treinando, e assim ficamos mais outra hora. Na volta, quando eu disse como seu *backhand* tinha melhorado, retrucou:

— *Não*, ainda não está certo. Continua péssimo. Podemos arranjar uma quadra para amanhã?

“Ela é tão compulsiva”, pensei. “Tão... intensa.”

Conversei com a professora de tênis de Lulu.

— Não tem jeito de Lulu ser muito boa, certo? Quero dizer, ela está com treze anos, deve ter um atraso de dez anos.

Eu ouvira falar na explosão de academias de tênis bem-equipadas e de crianças de quatro anos com professores particulares.

— E ela é muito baixa, como eu.

— O importante é que Lulu adora o tênis — disse a professora, de forma muito americana. — E tem uma ética de trabalho incrível. Nunca vi ninguém melhorar tão depressa. Ela é uma garota formidável. Você e seu marido fizeram um trabalho impressionante com ela. Nunca sossega por menos de 110%. E é sempre muito alegre e educada.

— Você deve estar de brincadeira — disse eu. Mas, involuntariamente, fiquei animada.

Será que isso poderia ser o círculo virtuoso chinês em ação? Será que talvez eu tivesse escolhido a atividade errada para Lulu? Tênis era algo muito respeitável — não era igual a boliche. Michael Chang jogara tênis.

Comecei a me preparar. Familiarizei-me com as regras e os procedimentos da USTA e o sistema nacional de ranking. Também procurei treinadores e comecei a visitar as melhores academias de tênis da região.

Um dia Lulu me perguntou:

— O que está fazendo?

Quando expliquei que eu só estava fazendo uma pequena pesquisa, ela ficou furiosa.

— Não, mamãe. *Não!* — disse, exasperada. — Não me estrague o tênis como estragou o violino.

Isso doeu muito. Recuei.

No dia seguinte tentei de novo.

— Lulu, tem um lugar em Massachusetts...

— Não, mamãe, por favor, pare — disse Lulu. — Posso fazer isso sozinha. Não preciso que você se envolva.

— Lulu, o que precisamos fazer agora é canalizar sua força...

— Mamãe, eu *entendi*. Já observei você e ouvi os seus sermões um milhão de vezes. Mas não quero você controlando minha vida.

Olhei bem para Lulu. Todo mundo sempre disse que ela era igualzinha a mim, algo que eu adorava ouvir mas que ela negava com veemência. Uma imagem dela aos três anos, parada fora de casa, provocadora, naquele frio, me veio à mente. “Ela é indomável”, pensei, “e sempre foi. Onde quer que acabe, será incrível.”

— Tudo bem, Lulu, eu posso aceitar isso — disse eu. — Está vendo como estou desarmada e flexível? Para ter sucesso nesse mundo, a gente sempre deve estar disposta a se adaptar. Esse é um dos meus fortes, e você deve aprender isso comigo.

Mas não desisti de verdade. Continuo na luta, se bem que com algumas modificações significativas na minha estratégia. Hoje em dia tornei-me tolerante e liberal. Outro dia, Lulu me disse que teria menos tempo ainda para o violino porque queria ir atrás de outros interesses, como escrever e “improvisação teatral”. Em vez de engasgar, apoiei e fui proativa. Estou olhando a longo prazo. Lulu é capaz de fazer imitações engraçadíssimas, e, embora a improvisação pareça uma atividade não chinesa e o oposto da música clássica, é sem dúvida uma habilidade. Eu também tenho esperanças de que Lulu não consiga fugir do seu amor pela música e um dia — talvez em breve — volte para o violino por vontade própria.

Enquanto isso, todo fim de semana levo Lulu a torneios de tênis e vejo-a jogar. Recentemente ela entrou para a equipe titular do ensino médio, a única garota do ensino fundamental a fazer isso. Lulu insistiu que não quer meus conselhos nem críticas. Recorro a espionagem e a técnicas de guerrilha. Secretamente, planto ideias na cabeça de sua professora de tênis, enviando-lhe mensagens de texto com perguntas e estratégias de prática, depois apagando-as para que Lulu não veja. Às vezes, quando Lulu menos espera — na hora do café ou quando ela está dando boa-noite —, eu de repente grito:

— Mais giro nos voleios!

Ou:

— Não mova o pé direito no saque!

Lulu tapa os ouvidos e brigamos, mas já dei o meu recado, e eu sei que ela sabe que estou certa.

Coda



Nossa família, 2010

O Tigre é apaixonado e impulsivo, tornando-se cego para o perigo.
Mas usa a experiência, ganhando novas energias e muita força.

Comecei a escrever este livro em 29 de junho de 2009, um dia depois de chegar da Rússia. Eu não sabia por que estava fazendo isso nem como o livro iria terminar, mas, apesar de em geral sofrer de bloqueio criativo, desta vez as palavras jorraram de mim. Levei apenas oito semanas para escrever os primeiros dois terços. (O último terço foi angustiante.) Mostrei cada página a Jed e às meninas.

— Estamos escrevendo isso juntas — falei a Sophia e Lulu.

— Não estamos, não — diziam ambas. — O livro é seu, mamãe. Não nosso.

— Garanto que, no final das contas, é todo sobre você — acrescentou Lulu.

Mas, com o passar do tempo, quanto mais liam, mais contribuía. A verdade é que o processo foi terapêutico — um conceito ocidental, lembraram-me as meninas.

Com o tempo, eu me esquecera de muitas coisas, boas e ruins, que as meninas e Jed me ajudaram a recordar. Para tentar juntar as peças, desencavei e-mails, arquivos de computador, programas de música e álbuns de fotografia antigos. Muitas vezes Jed e eu ficávamos cheios de nostalgia. Sophia era só um bebê ainda ontem, e agora só faltava um ano para que entrasse na universidade. Sophia e Lulu ficaram impressionadas de ver como eram engraçadinhas.

Não me entenda mal: escrever este livro não foi fácil. Nada em nossa família jamais é fácil. Tive de fazer vários rascunhos, revisando constantemente para atender às objeções das meninas. Acabei deixando de fora grandes trechos sobre Jed, porque esse é um outro livro inteiro, e realmente cabe a ele contar. Precisei reescrever algumas partes vinte vezes antes de conseguir satisfazer Sophia e Lulu. Por diversas vezes, uma delas, ao ler o rascunho de um capítulo, de repente caía em prantos e saía furiosa. Ou eu recebia um comentário seco:

— Está ótimo, mãe, muito engraçado. Só não sei sobre quem você está escrevendo. Definitivamente não é sobre a *nossa* família.

— Ah, não! — exclamou Lulu uma vez. — Será que eu devo ser Pushkin, a burra? E Sophia é Coco, que é inteligente e aprende tudo?

Ressaltei que Coco não era inteligente nem aprendia nada. Garanti às meninas que as cachorras não deveriam ser metáforas para elas.

— Então, qual a finalidade delas? — perguntou Sophia, sempre lógica. — Por que estão no livro?

— Ainda não sei — confessei. — Mas sei que são importantes. Há algo de intrinsecamente instável no envolvimento de uma mãe chinesa com criação de cachorro.

Outra vez, Lulu reclamou:

— Acho que você está exagerando a diferença entre mim e Sophia para tentar tornar o livro interessante. Você dá a impressão de que sou uma típica adolescente americana rebelde, quando não chego nem perto disso.

Sophia, por outro lado, se limitara a dizer:

— Acho que você adoça Lulu demais. Dá a impressão de que ela é um anjo.

Naturalmente as duas acharam que o livro não lhes dava o devido valor.

— Você devia dedicar esse livro a Lulu — disse uma vez Sophia, magnânima. — Está na cara que ela é a heroína. Eu sou a chata que os leitores vão vaiar. Ela é que tem verve e espírito.

E de Lulu:

— Quem sabe você devia chamar seu livro de *A filha perfeita e o diabo comedor de carne*. Ou *Por que os filhos mais velhos são melhores*. É sobre isso que ele é, certo?

O verão todo, as meninas não saíam do meu pé:

— Então, como o livro vai terminar, mamãe? Vai ter um final feliz?

Eu sempre dizia algo como:

— Depende de vocês. Mas acho que vai ser uma tragédia.

Passaram-se meses, mas eu simplesmente não conseguia imaginar como terminar o livro. Uma vez, corri para as meninas.

— Já sei! Estou quase acabando o livro.

As meninas se empolgaram.

— Então, como vai terminar? — perguntou Sophia. — Qual vai ser o argumento central?

— Decidi dar preferência a uma abordagem híbrida — disse eu. — O melhor de dois mundos. A maneira chinesa até a criança ter dezoito anos, para desenvolver a segurança e o valor da excelência, depois disso a maneira ocidental. Todo indivíduo tem que encontrar seu caminho — acrescentei galantemente.

— Esperar... até dezoito anos? — perguntou Sophia. — Essa não é uma abordagem híbrida. É só a educação chinesa durante toda a infância.

— Acho que você está sendo técnica demais, Sophia.

Todavia, voltei ao rascunho. Pensei mais um pouco, tive mais umas ideias que não foram adiante. Afinal, um dia, perguntei às meninas como *elas* achavam que o livro devia acabar.

— Bem — disse Sophia —, você está tentando contar a verdade no livro ou só uma boa história?

— A verdade — respondi.

— Isso vai ser difícil, porque a verdade está sempre mudando — disse Sophia.

— Não — retruquei. — Tenho uma memória perfeita.

— Então por que está sempre revisando o final? — perguntou Sophia.

— Porque ela não sabe o que quer dizer — sugeriu Lulu.

— É impossível você contar a história completa — disse Sophia. — Você omitiu muitos fatos. Mas isso quer dizer que ninguém pode entender realmente. Por exemplo, todo mundo vai achar que eu fui sujeitada à educação chinesa, mas eu não fui. Eu aceitei por opção própria.

— Não quando você era pequena — disse Lulu. — A mamãe nunca nos deixava escolher nada quando éramos pequenas. A menos que fosse: “Quer praticar seis horas ou cinco?”

— Escolha... Eu me pergunto se tudo se resume a isso — falei. — Os ocidentais acreditam em escolha. Os chineses, não. Eu costumava gozar Popo por ter deixado seu pai escolher se queria ter aula de violino. Claro que ele optou por não ter. Mas agora, Lulu, eu me pergunto o que teria acontecido se eu não tivesse obrigado você a fazer o teste da Juilliard ou a praticar tantas horas por dia. Quem sabe? Talvez você continuasse gostando de violino. Ou se eu tivesse deixado você escolher outro instrumento? Ou instrumento algum? Afinal, seu pai acabou dando certo.

— Não seja ridícula — disse Lulu. — Claro que foi bom você ter me obrigado a tocar violino.

— Ah, *certo*. Oi, Dr. Jekyll! Cadê o Mr. Hyde?

— Não, estou sendo sincera — disse Lulu. — Eu sempre vou adorar violino. E foi bom você ter me obrigado a estudar os expoentes. E estudar chinês duas horas por dia.

— Sério? — perguntei.

— Sim — disse Lulu com um gesto de cabeça.

— É mesmo? Porque, imagine só, acho que foram grandes escolhas que fizemos também, embora aquela gente toda achasse que você e Sophia fossem ficar psicologicamente prejudicadas para sempre. Sabe, quanto mais penso nisso, mais

zangada fico. Todos esses pais ocidentais com a mesma linha de pensamento sobre o que é bom e o que não é bom para os filhos. Não sei ao certo se estão fazendo alguma opção. Eles simplesmente fazem o que todo mundo faz. Também não questionam nada, e questionar supostamente é um dos fortes dos ocidentais. Eles se limitam a ficar repetindo coisas como “Deve-se dar liberdade aos filhos para perseguir a *paixão* deles”, quando é óbvio que a “paixão” simplesmente vai acabar sendo o Facebook dez horas por dia, o que é uma total perda de tempo, e comer todas aquelas porcarias de *junk food*. Estou lhes dizendo que esse país vai acabar indo *ladeira abaixo*! Não espanta que os pais ocidentais sejam jogados em asilos quando envelhecem! É melhor vocês não me botarem numa instituição dessas. E também não quero que me desliguem os aparelhos.

— Calma, mamãe — disse Lulu.

— Quando os filhos falham em alguma coisa, em vez de mandar que eles se esforcem mais, a primeira coisa que os pais ocidentais fazem é entrar com um processo!

— De quem exatamente você está falando? — perguntou Sophia. — Não conheço nenhum pai ocidental que tenha entrado com processo.

— Eu me recuso a me atrelar a normas ocidentais politicamente corretas que são nitidamente idiotas. E nem sequer têm base histórica. Quais são as origens da ideia de brincar na casa dos amigos? Achem que nossos Pais Fundadores iam dormir na casa dos amiguinhos? A bem da verdade, acho que os Pais Fundadores dos Estados Unidos tinham valores chineses.

— Eu odeio ter que lhe dizer, mamãe, mas...

— Benjamin Franklin disse: “Se você ama a vida, nunca, JAMAIS, perca tempo.” Thomas Jefferson disse: “Acredito muito na sorte, e quanto mais trabalho mais sorte tenho.” E Alexander Hamilton disse: “Não seja chorão.” Essa é uma maneira de pensar totalmente chinesa.

— Mamãe, se os Pais Fundadores tinham essa mentalidade, então ela é a mentalidade americana — argumentou Sophia. — Além do mais, acho que talvez as suas citações estejam equivocadas.

— Vá procurar nos livros — desafiei-a.

Minha irmã Katrin já está melhor. A vida definitivamente é dura para ela, que ainda não está fora de perigo, mas é uma heroína e suporta tudo com boa vontade, fazendo pesquisas noite e dia, escrevendo um artigo atrás do outro e passando o máximo de tempo possível com os filhos.

Muitas vezes eu me pergunto qual a lição da doença dela. Já que a vida é tão curta e tão frágil, naturalmente cada um de nós deveria tentar extrair o máximo de cada alento, de cada momento fugaz. Mas o que significa aproveitar a vida ao máximo?

Todos nós temos que morrer. Mas qual é o lado ruim disso? Seja como for, acabei de contar a Jed que quero comprar outro cachorro.

Posfácio

Para dizer o mínimo, têm sido intensos esses meses desde a publicação de meu livro. Nem em um milhão de anos eu teria imaginado as coisas — boas e ruins — que começaram a acontecer comigo.

Do lado não tão bom assim, no mesmo dia em que o livro foi lançado — o *Wall Street Journal* havia publicado o infame fragmento três dias antes, e eu vinha recebendo centenas de e-mails furiosos por hora — fui convidada para uma entrevista no programa de televisão *Today*. Diante de dois milhões de pessoas, a apresentadora Meredith Vieira fez a introdução da primeira pergunta lendo em voz alta:

— Só algumas das coisas que as pessoas estão dizendo sobre você: "Ela é um monstro". "A forma como ela criou as filhas é *revoltante*."

Isso é que é um bom começo de conversa! Uma semana e quinhentas mil menções na Internet depois, minha família era chamada de "a mais infame do mundo ocidental".

Nos meses seguintes, a vida só ficou mais surreal. Um novo semestre começara em Yale, então, de segunda até quinta-feira de manhã, eu lecionava sobre os aspectos regulatórios e normativos das transações comerciais internacionais e, de quinta-feira à tarde até domingo, eu viajava de avião pelo país, tentando esclarecer mal-entendidos sobre o meu livro. Dava uma entrevista atrás da outra, mas, por mais que eu me esforçasse, no final todas saíam mais ou menos assim:

P: Tudo bem, vamos ao principal. Sua filha comparou a senhora a Lorde Voldemort, o perverso vilão de *Harry Potter*?

Eu: É, quando tinha seis anos. Está no livro.

P: Então a senhora confessa?

Eu: Confesso? Não... Eu *descrevi* essa situação no livro. Eu *escrevi* o livro, lembra? Era para ser engraçado, em parte uma autogozação.

P: Auto o quê?

Eu: Gozação. Uma sátira de mim mesma.

P: Então agora a senhora está voltando atrás?

Eu: Como posso voltar atrás? É um livro de memórias. Não posso voltar atrás na minha *vida*. Mas o último terço do livro é sobre como desisti de ser uma mãe super-rigorosa depois que Lulu se revoltou.

P: A senhora pôs mesmo fogo nos bichos de pelúcia da sua filha?

Eu: Não! Eu nunca faria uma coisa dessas pra valer.

P: Então o seu livro é falso? A senhora mentiu?

Eu: Em nenhum momento digo no livro que queimei bichos de pelúcia.

Você chegou a ler o livro?

P: Não. Não tenho interesse em ler seu livro. Nunca comprarei seu livro.

Mas já li muitas coisas *sobre* ele, e para mim é o suficiente. Por exemplo, sua filha, Sophia, ao que parece, acusou-a de ameaçar "PEGAR TODOS OS BICHOS DE PELÚCIA [DELA] E QUEIMÁ-LOS!" Você nega isso?

Eu: Não. Quer dizer, sim. Quer dizer, eu escrevi isso. Foi a minha forma de relatar a descrição que Sophia sobre o tipo de ameaça exagerada que eu fazia. É para ter graça.

Q: A senhora acha que queimar os bichos de pelúcia da filha é engraçado?

Acha que um psiquiatra infantil concordaria? Na próxima semana vamos reunir uns especialistas no programa para discutir isso. Todos leram com atenção o trecho publicado no *Wall Street Journal*. A senhora deseja defender a sua posição de que criança nenhuma deveria participar de peças escolares ou aprender qualquer instrumento que não piano ou violino?

Eu: Esta *não* é a minha posição. O tema do meu livro não é dizer aos outros pais o que fazer. Acho que anda havendo muita confusão por causa do trecho publicado no *Wall Street Journal* — especialmente por causa do título, que eu não escrevi. O *Grito de Guerra* é apenas a história da minha

família. E é em parte sobre os meus erros, minha própria transformação como mãe.

P: Muitos cambojanos neste país sofrem por causa do estereótipo da minoria modelo. Como o seu livro trata disso?

Eu: O meu livro... não diz nada sobre isso.

P: Para uma pessoa que supostamente é professora de direito, há muita coisa de que o seu livro não fala. Eis uma passagem do seu livro: "Nem todos os chineses praticam o favoritismo. Em *Os cinco irmãos chineses*, não há indicação de que a mãe goste mais do filho que engole o mar do que do filho com pescoço de ferro." Acha que *Os cinco irmãos chineses* é um bom exemplo? A comunidade asiática americana não tem grande apreço por este livro. Os cinco irmãos são todos parecidos. Nem todos os asiáticos são parecidos. Se a senhora olhar na Internet, muitos asiáticos americanos são contra a senhora.

Eu: Isso foi uma brincadeira. Para mim, uma professora de direito, citar *Os cinco irmãos chineses* para qualquer coisa é obviamente uma brincadeira.

P: Quantos por cento do seu livro são brincadeira?

Eu: Quantos por cento? Não sei.

P: A senhora não sabe. Escreveu este livro, e agora *não sabe*. Pois então quando lermos o seu livro, como saberemos em que acreditar e em que não acreditar?

Eu: Olhe, isso é um problema de confusão com o gênero. É um livro de memórias satírico. É intencionalmente autoincriminador. E é repleto de contradições propositais. Por exemplo, embora a princípio pareça ser sobre a observância de regras rígidas, o livro em si é muito rebelde — o livro na verdade celebra a rebeldia.

P: Não celebra não. A senhora não celebra nada em seu livro. Ah — a menos que esteja falando do *seu aniversário* quando rejeitou os lindos cartões que suas filhas lhe fizeram porque nada, *nada* do que elas fazem presta para

a senhora. Será que a felicidade de suas filhas não significa nada para a senhora?

Eu: [Suspiro.] Significa muito para mim. Se eu pudesse apertar um botão mágico e escolher ou felicidade ou sucesso para minhas filhas, sem pestanejar, eu escolheria felicidade. Mas isso não é tão simples assim.

P: Por favor, será que podemos nos ater aos fatos? Tenho uma última pergunta. Como a senhora consegue se suportar? *Como consegue?*

Nos últimos seis meses, aprendi mais sobre a mídia do que sobre qualquer outra coisa. O espantoso é que três apresentadoras de programas de televisão matutinos me confiaram baixinho, justo antes de entrarmos no ar, que haviam sido criadas por pais-tigres: não tirar notas abaixo de A e não dormir na casa das colegas também eram regras da infância delas. Mas tão logo entramos no estúdio, cada apresentadora girou nos calcanhares e perguntou:

— A senhora *realmente* proibiu suas filhas de dormir na casa das colegas?

Em cada país, a reação era um pouquinho diferente. No Reino Unido, o *Grito de Guerra* provavelmente foi tão polêmico quanto nos Estados Unidos, mas houve muito mais gente que captou a ironia do livro. A minha rigidez como mãe chocou leitores na Europa Ocidental e na Escandinávia também, mas nesses países quase houve mais interesse no porquê de o livro ter criado tamanha celeuma nos Estados Unidos — e o quanto isso tinha a ver com a insegurança americana em relação à China em ascensão. Leitores do Japão, da Coreia, de Cingapura e de Formosa se identificaram com o livro com muita naturalidade. Lembro-me de uma jornalista japonesa me perguntando genuinamente intrigada:

— Pode me explicar uma coisa: *Por que* os pais ocidentais acham que é ruim pedir ao filho para ter como meta o primeiro lugar? Eu simplesmente não entendo.

Mesmo dentro dos Estados Unidos as reações não foram uniformes. Cada grupo respondeu de forma marcadamente diferente. Talvez um dia eu ainda faça um estudo rigoroso das subculturas parentais norte-americanas, mas, por ora, deixe-me apenas

dizer que, de longe, o maior apoio, e a acolhida mais calorosa que recebi, foi quando falei na conferência nacional das Mocha Moms, uma organização incrível de mães afro-americanas divertidas, vibrantes, empenhadas em criar filhos fortes, saudáveis e socialmente responsáveis.

Então houve a China. Quando recebi um exemplar da China continental, quase sufoquei. Na capa do livro havia uma foto minha na frente de uma bandeira americana, e o título era *A criação de filhos por uma professora de Direito: como criar filhos na América*. ?!?!???! Para meu espanto, logo aprendi que meu livro de memórias, visto no Ocidente como uma história "radical" sobre criação de filhos, na China estava sendo comercializado como o extremo oposto — uma história sobre a importância de dar aos filhos mais diversão e liberdade. Hoje, na China, até mesmo as crianças pequenas muitas vezes estudam e se exercitam das 7h às 22h, as notas são expostas em público, e ninguém jamais ouviu falar em dormir na casa dos colegas. Enquanto uma manchete ocidental me chamava de "A Pior Mãe do Mundo", a revista *Marie Claire* chinesa me pedia para dar às suas leitoras dicas de "maquiagem para adolescentes", "como ser amiga dos filhos", e "como conversar com suas filhas sobre amor, emoções e homens".

Ando comendo o pão que o diabo amassou. Para ser sincera, houve muitas vezes em que eu quis jogar a toalha e simplesmente me meter na cama. Mas uma coisa que me fez prosseguir foi a simpatia e o incentivo de pessoas totalmente desconhecidas que me escreveram e me inspiraram com suas próprias histórias. Eis uma de minhas favoritas, escrita por alguém com quem agora troco e-mails.

Fui mãe solteira de gêmeas. Eu tinha 18 anos quando elas nasceram, e me impus a missão de fazer com que minhas filhas jamais seguissem os meus passos ou o das crianças do bairro. Eu passava todas as horas em que estava acordada garantindo que o tempo delas fosse preenchido com educação e não com entretenimento. Eu era conhecida na minha família como a mãe mais MALVADA, DURA e EXIGENTE a ter dado à luz. Eu não ligava a

mínima. Adoro minhas filhas, e o futuro delas é tudo para mim. Nunca tive medo de ter dois empregos, até mesmo como agente policial, para sustentá-las. E eu interrompi o ciclo. Minhas filhas têm 26 anos e ambas têm um mestrado, e eu consegui. Eu só queria que soubesse que há outras mães por aí (sou de origem polonesa/irlandesa) como a senhora. Por favor, não esmoreça.

Além dos milhares de e-mails me dando força, também recebi o apoio de amigos e colegas queridos, bem como de meus fabulosos alunos (que deram algumas festas literárias incríveis!).

Mas a minha maior dívida é para com a minha família: minha mãe e meu pai (que diariamente me enviavam e-mails de apoio); minhas três irmãs mais moças, Michelle (que me deu conselhos infalíveis), Katrin (que está saudável, forte, e de volta a Palo Alto com a família), e Cindy (que ficou noiva recentemente!); e, acima de tudo, para com Jed, Sophia e Lulu.

Em alguns dias sombrios, lembro-me de ter pensado: Ai, nossa, será que a minha família vai se desmantelar porque publiquei esse livro? Minha família teria toda razão para ficar ressentida comigo por ter exposto sua vida mesmo nas melhores circunstâncias — e as nossas não eram as melhores circunstâncias. Vários críticos atacaram Jed por deixar que sua mulher "torturasse" suas filhas (quando, na verdade, as meninas dizem ter muito mais medo do pai do que da mãe) e de forma cruel e maldosa conjecturaram que Sophia e Lulu não tinham amigos, eram robotizadas, mentalmente doentes e suicidas — só podiam ser assim. Muitos adolescentes teriam murchado, se enfurecido ou estourado com esse tipo de ataque.

Mas não as minhas filhas, não a minha família — como tive tanta sorte? O tempo todo, Jed, o amor da minha vida, irradiava firmeza, bom-senso e sabedoria, e reagrupava as forças. No auge do tsunami, Sophia publicou no *New York Post* uma carta em minha defesa tão maliciosamente inteligente e alegre que acho que reverteu a maré. Pouco depois disso, ela informou a Jed e a mim, para nossa

consternação inicial, que começaria seu próprio blog e tinha sido escolhida para fazer o discurso de formatura da turma. Quando visitamos a China alguns meses atrás, Sophia deu todas as suas entrevistas à mídia em mandarim — ao passo que tive que dar as minhas em inglês. Este verão, ela está trabalhando como garçonete, tocando Bartok e Prokofiev, e se preparando para sair de casa para ir para a universidade (solução). Agora que dirige, ela também pega o carro para fugir com a irmã, enquanto fico apavorada pensando em sua segurança.

Lulu, enquanto isso, editou todos os meus artigos de opinião e postagens de Facebook (sim, eu me converti), arrasou numa entrevista de duas horas da NBC, e disse ao *Guardian*, do Reino Unido, que definitivamente seria uma mãe rígida. Ela também pesquisou na Internet (que eu não aguentava olhar) os raros comentários simpáticos, e os enviou a mim por SMS com mensagens como: "Aí vai uma coisa boa, mamãe! Tem gente que gosta de você!" Apesar de todo o tumulto em volta dela — e dos meus cinco meses de ausência — ela foi uma aluna fora de série no primeiro ano do ensino médio. Neste verão, está jogando muito tênis, começando a experimentar fotografia, e, por sua própria iniciativa, aprendendo a escrever um monte de caracteres chineses.

Lulu e eu continuamos a ler os pensamentos uma da outra. Ainda muitas vezes falamos juntas a mesmíssima coisa, e desatamos a rir. E ainda brigamos por causa de tarefas, do tom, da necessidade/burrice de procurar a definição exata das palavras. Recentemente, numa recaída fugaz da minha antiga insolência, eu disse a Lulu que ela precisava aprender o concerto de Tchaikovski para violino, que ela sempre adorou, mas que é famoso pela dificuldade. Ela arregalou os olhos, depois disse, teatralmente horrorizada:

— AI MEU DEUS, ELA VOLTOU!! — Acrescentou: — Me desculpe, mamãe. Já avisei que agora só toco violino por prazer. É melhor você tirar essa ideia maluca da cabeça, porque NEM PENSAR.

Fique ligado para ver quem vence essa.

Amy Chua
31 de julho de 2011
New Haven, Connecticut

Agradecimentos

Tenho muita gente para agradecer.

A minha mãe e meu pai — ninguém acreditou mais em mim, e eles têm minha gratidão e minha admiração mais profundas.

A Sophia e Louisa, a maior fonte de felicidade, orgulho e alegria de minha vida.

A minhas extraordinárias irmãs, Michelle, Katrin e Cindy.

E acima de tudo a meu marido, Jed Rubinfeld, que há vinte e cinco anos lê cada palavra que escrevo. Tenho a sorte incrível de ser a beneficiária de sua bondade e de seu caráter.

A meu cunhado, Or Gozani, e a meus sobrinhos, Amalia, Dimitri, Diana, Jake e Ella.

Aos seguintes amigos queridos, pelos comentários reveladores, pelos debates apaixonantes e pelo apoio inestimável: Alexis Contant e Jordan Smoller, Sylvia e Walter Austerer, Susan e Paul Fiedler, Marina Santilli, Anne Dailey, Jennifer Brown (pelo “humilde!”), Nancy Greenberg, Anne Tofflemire, Sarah Bilston e Daniel Markovits, Kathleen Brown-Dorato e Alex Dorato. Agradeço também a Elizabeth Alexander, Barbara Rosen, Roger Spottiswoode, Emily Bazelon, Linda Burt e Annie Witt pelo estímulo generoso.

A todos aqueles que ajudaram a instilar o amor à música em Sophia e Lulu, incluindo Michelle Zingale, Carl Shugart, Fiona Murray, Jody Rowitsch e Alexis Zingale, da Neighborhood Music School; ao fabuloso Richard Brooks, da Norwalk Youth Symphony; Annette Chang Barger, Ying Ying Ho, Yu-ting Huang, Nancy Jin,

Kiwon Nahm e Alexandra Newman; às fabulosas Naoko Tanaka e Almita Vamos; e especialmente a meu grande amigo, o incomparável Wei-Yi Yang.

Aos maravilhosos, inteligentes e afetuosos professores de Sophia e Lulu na escola Foote (e, na verdade, adorei o Festival Medieval), especialmente Judy Cuthbertson e Cliff Sahlin.

No front do tênis: Alex Dorato, Christian Appleman e Stacia Fonseca.

Meus alunos Jacqueline Esai, Ronan Farrow, Sue Guan, Stephanie Lee, Jim Ligtenberg, Justin Lo, Peter McElligott, Luke Norris, Amelia Rawls, Nabiha Syed e Elina Tetelbaum.

Por fim, meus sinceros agradecimentos à incrível Tina Bennett, a melhor agente imaginável, e à minha editora, a brilhante e insuperável Ann Godoff.

Notas

Os epigramas do Tigre no Zodíaco chinês foram extraídos das páginas da internet “Chinese Zodiac: Tiger”, <http://pages.infinet.net/garrick/chinese/tiger.html> (acesso em 18 dez. 2009), e “Chinese Zodiac: Tiger”, <http://www.chinesezodiac.com/tiger.php> (acesso em 18 dez. 2009).

Capítulo 1: A mãe chinesa

As estatísticas que cito são dos seguintes estudos: “Chinese and European American Mothers’ Beliefs About the Role of Parenting in Children’s School Success”, de Ruth K. Chao, *Journal of Cross-Cultural Psychology*, n° 27, 1996, p. 403-23; “Parental Values and Practices Relevant to Young Children’s Social Development in Taiwan and the United States”, de Paul E. Jose, Carol S. Huntsinger, Phillip R. Huntsinger e Fong-Ruey Liaw, *Journal of Cross-Cultural Psychology*, n° 31, 2000, p. 677-702; e “Teacher or Playmate? Asian Immigrant and Euro-American Parents’ Participation in Their Young Children’s Daily Activities”, *Social Behavior and Personality*, n° 36, v. 2, 2008, p. 163-76.

Capítulo 3: Louisa

A música *country* que cito é “Wild One”, de autoria de Jaime Kyle, Pat Bunch e Will Rambeaux. As características do Zodíaco chinês vêm dos seguintes sites: “Monkey Facts”, <http://www.chineseinkdesign.com/Chinese-Zodiac-Monkey.html> (acesso em 18 dez. 2009); “The Pig/Boar Personality”, <http://www.chinavoc.com/zodiac/pig/person.asp> (acesso em 18 dez. 2009); e “Chinese Zodiac: Tiger”, <http://pages.infinet.net/garrick/chinese/tiger.html> (acesso em 18 dez. 2009).

Capítulo 5: Sobre a decadência das gerações

Para um estudo esclarecedor das “mães musicais” asiáticas, ver “Interlopers in the Realm of High Culture: ‘Music Moms’ and the Performance of Asian and Asian American Identities”, de Grace Wang, *American Quarterly*, n° 61, v. 4, 2009, p. 881-903.

Capítulo 8: O instrumento de Lulu

“Claude Debussy and the Javanese Gamelan”, de Brent Hugh, disponível em <http://brenthugh.com/debnotes/debussy-gamelan.pdf> (acessado em 12 dez. 2009) (roteiro para um recital-palestra dado na Universidade de Missouri-Kansas City em 1998).

Capítulo 9: O violino

Sobre como segurar o violino, ver *The Art of Violin Playing, Book One*, de Carl Flesch, trad. e org. de Eric Rosenblith (Nova York, Carl Fischer, 2000), 3.

Capítulo 12: A cadência

Sobre a grande proporção de asiáticos nas melhores escolas de música:

Nos principais departamentos e escolas de música, os asiáticos e os ázio-americanos constituem de 30% a 50% dos alunos. Os números muitas vezes são mais elevados no nível pré-universitário. Em programas muito conceituados, como a divisão pré-universitária da Juilliard, os asiáticos e os ázio-americanos compõem mais da metade do corpo discente; os dois maiores grupos representados são de descendentes de chineses e coreanos que estudam violino ou piano.

Grace Wang, “Interlopers in the Realm of High Culture: ‘Music Moms’ and the Performance of Asian and Asian American Identities”, *American Quarterly*, nº 61, v. 4, 2009, p. 882.

Capítulo 13: Coco

Sobre o Dr. Stanley Coren e seus rankings, ver “The Intelligence of Dogs”, disponível em <http://petrix.com/dogint/> (acessado em 24 jul. 2009). Outras fontes que cito: “Samoyeds Breed – FAQ”, de Michael D. Jones (1977), disponível em <http://www.faqs.org/faqs/dogs-faq/breeds/samoyeds/> (acessado em 21 jul. 2009); e SnowAngels Samoyeds, “The Samoyed Dog: A Short History”, disponível em http://www.snowangelssamoyeds.com/The_Samoyed.html (acessado em 21 jul. 2009) (grifos meus).

Sobre a autora



AMY CHUA é professora titular da Escola de Direito da Universidade de Yale. Seu primeiro livro, *World on Fire: How Exporting Free Market Democracy Breeds Ethnic Hatred and Global Instability*, foi um best-seller da lista do *The New York Times*, selecionado pela *The Economist* e pelo *The Guardian* como um dos melhores de 2003. A autora publica artigos no *The New York Times*, no *Washington Post*, no *Financial Times*, nas revistas *Harvard Business Review* e *Wilson Quarterly*. Vive com o marido, as duas filhas e as duas cadelas samoiedos em New Haven, Connecticut.



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**